

# ***UBERLÂNDIA, MON AMOUR: história da arte nômade na encruzilhada do Brasil***

Memorial de Defesa Pública  
para Professor Titular

Candidato: Prof. Dr. Renato Palumbo Dória



Festa da Congada em Uberlândia, sd. (foto do autor)

**Curso de Artes Visuais - Instituto de Artes  
Universidade Federal de Uberlândia**

***“[...]O que a educação nos pede é disponibilidade  
para transitar”*** Luiz Rufino in *Vence-Demanda: educação e  
descolonização* (Rio de Janeiro: Mórula, 2021, p.65)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Instituto de Artes

Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: - Bloco 3M

**ATA****ATA DA AVALIAÇÃO DOCENTE PARA PROMOÇÃO DA CLASSE DE PROFESSOR ASSOCIADO IV PARA A CLASSE DE PROFESSOR TITULAR DA CARREIRA DE MAGISTÉRIO SUPERIOR.**

Aos trinta dias do mês de setembro de 2022 às nove horas, por meio remoto, utilizando a plataforma Mconf, teve início a defesa pública do memorial acadêmico, intitulado "Uberlândia, Mon Amour: história da arte nômade na encruzilhada do Brasil", do docente Renato Palumbo Dória, como requisito para promoção à classe de Professor Titular. Participaram, por meio de acesso simultâneo ao ambiente virtual de transmissão da conferência, os membros da Comissão Especial, aprovada pelo Conselho do Instituto de Artes e designada na Portaria de Pessoal UFU Nº 3786, de 29 de Julho de 2022; a saber: Prof. Dr. Luiz Humberto Martins Arantes (Presidente/UFU); Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Maria Albani de Carvalho (UFRGS), Prof. Dr. Carlos Gonçalves Terra (UFRJ) e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto (USP). Iniciando os trabalhos, o presidente da Comissão, professor Luiz Humberto Martins Arantes, cumprimentou os demais membros da Comissão Especial, o candidato e os presentes. Na sequência, a palavra foi concedida ao Prof. Dr. Renato Palumbo Dória, que fez a exposição de seu memorial. Após a apresentação, os membros da Comissão arguíram a candidato e em seguida avaliaram seu memorial acadêmico. Tendo por base os resultados das avaliações, que foram discutidas pelos membros da Comissão, e observando a Resolução 03/2017 e 05/2018 do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia, a Comissão Especial, após as devidas considerações, apresentou o resultado final da avaliação, sendo o candidato Renato Palumbo Dória APROVADO. A Comissão Especial de Avaliação encerrou suas atividades às 12:30 horas do dia trinta de setembro de 2022. Nada mais havendo a tratar, eu Luiz Humberto Martins Arantes, lavrei a presente ata, que após lida e aprovada segue assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Especial de Avaliação. Uberlândia, 30 de setembro de 2022.

Prof. Dr. Luiz Humberto Martins Arantes (Presidente/UFU);

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Maria Albani de Carvalho (UFRGS);

Prof. Dr. Carlos Gonçalves Terra (UFRJ);

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto (USP).

Documento assinado eletronicamente por **Luiz Humberto Martins Arantes, Membro de Comissão**, em 30/09/2022, às 12:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto, Usuário Externo**, em 30/09/2022, às 12:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Gonçalves Terra, Usuário Externo**, em 30/09/2022, às 12:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Maria Albani de Carvalho, Usuário Externo**, em 05/10/2022, às 10:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3927213** e o código CRC **8FD44DD7**.

Referência: Processo nº 23117.027370/2022-04

SEI nº 3927213

**PREÂMBULO:**

Uma anedota astrológica conta que um leonino, caminhando pelas ruas, encontra por acaso um amigo, de outro signo, que lhe pergunta como vai a vida. O leonino, sem pestanejar, passa um tempo enorme falando de si próprio, do que estava fazendo, do que estava sentindo, do que estava pensando, do que estava planejando... Percebendo, por fim, que só falava de si mesmo, o leonino pede desculpas ao amigo, e lhe propõe: - *Nossa, perdão!...Só agora me dei conta que estou a uma hora falando apenas de mim mesmo! Que tal, agora, você falar de mim?!...*

A anedota, que pode parecer aqui deslocada, diz muito das armadilhas da vida acadêmica, em especial nas áreas das Artes e Humanidades, nas quais a noção de autoria individual é tão valorizada, o que talvez seja uma das maiores contradições das áreas em questão, nas quais tanto se fala na democratização do conhecimento, e na busca por uma sociedade mais justa e solidária, mas cujos membros têm, frequentemente, grande dificuldade em trabalhar coletivamente - correndo por isso o risco de, como o leonino da piada, serem incapazes de estar verdadeiramente atentos ao outro. Em seu cotidiano, porém, os professores são, mesmo a contragosto, sempre confrontados e obrigados a exercer a arte da escuta, sendo constantemente avaliados e julgados, por vezes duramente, pelos próprios alunos e colegas. O mais implacável julgamento, porém, é sempre o de nossa consciência, e se há alguma disputa verdadeira neste campo esta é sempre a que cada um estabelece consigo mesmo: batalha na qual um dos inimigos a ser vencido é a vaidade que frequentemente nos cega, afundando-nos petrificados como Narcisos hipnotizados pela própria imagem.

Apesar das ilusões, e por mais que tenhamos conquistado, o tempo, porém, sempre nos dá chance de percebermos nossa inerente irrelevância - quando podemos, libertando-nos das amarras do ego, começar a compreender, no encontro com os outros, algum significado maior no que realizamos. Este Memorial tenta assim ser uma homenagem respeitosa ao coletivo formado por meus colegas, alunos e amigos, e assim à minha própria história no Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia. Espero, sinceramente, ter atingido este objetivo.

Renato Palumbo Dória  
Uberlândia, Minas Gerais  
Julho de 2022

## SUMÁRIO:

Dedicatória:.....	p.3
RESUMO:.....	p.4
INTRODUÇÃO:.....	p.5
TRAJETÓRIA PROFISSIONAL:.....	p.8
Chegar e conhecer o território:.....	p.9
Tropeços e encruzilhadas:.....	p.18
Revelações e transbordamentos:.....	p.35
Habilidades em jogo:.....	p.42
Hasta la victoria!:.....	p.49
O desafio de orientar Jesus:.....	p.62
Gráfica popular brasileira na Argentina:.....	p.65
Quilombismos:.....	p.74
Raízes amargas, tempos pandêmicos:.....	p.81
Colheitas e novos caminhos:.....	p.86
CONCLUSÕES:.....	p.95

Dedico este Memorial à Annita Janette Palumbo Dória, minha primeira grande Mestra na vida, e à José Roberto Teixeira Leite - autor de *Pintores Negros do Oitocentos* (1988) e meu primeiro professor de História da Arte.

## RESUMO:

O presente Memorial registra cronologicamente, servindo-se de imagens levantadas e produzidas pelo candidato, dezesseis anos (entre 2006 e 2022) de sua trajetória como professor-pesquisador de História da Arte no Brasil - período em que buscou atender, no âmbito do Curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia (IARTE-UFU), as aspirações e demandas de seus alunos e colegas. Atento às transformações metodológicas e temáticas de sua área de conhecimento, o docente em questão aproximou-se de questões relativas às culturas locais e periféricas, atuando no Ensino, na Pesquisa, na Extensão e na Gestão universitária em uma perspectiva humanista, centrada no respeito às relações entre as pessoas, às ideias e saberes plurais e à diversidade - objetivando sempre o interesse público e a valorização da missão transformadora da Universidade brasileira. Para tal sublinhou-se, aqui, passagens significativas de uma caminhada intelectual, cultural, social e afetiva na qual cotidianamente integrou-se docência e cidadania. Atravessando distintas fases, cada qual com ênfase em diferentes atividades, este Memorial sintetiza, de modo objetivo e sensível, a coerência de uma trajetória que, criativa e fecunda, nômade e multifacetada, se constituiu sobretudo compromissada com a dimensão ética da vida universitária.

## RESUMEN:

El presente Memorial registra de forma cronológica, valiéndose de imágenes tanto compiladas como producidas por el propio candidato, dieciséis años (entre 2006 y 2022) de trayectoria como profesor e investigador de Historia del Arte en Brasil. En dicho período el candidato buscó satisfacer, en el ámbito de la carrera de Artes Visuales del Instituto de Artes de la Universidad Federal de Uberlândia (IARTE-UFU), las aspiraciones y demandas de sus alumnos y colegas. Acorde con los cambios metodológicos y temáticos ocurridos en su área de conocimiento, el profesor ha venido trabajando temas relacionados con las culturas locales y periféricas, desarrollando su trabajo en los campos de la Docencia, la Investigación, la Extensión y la Gestión Universitaria en una perspectiva humanista, centrada en el respeto a las relaciones entre personas, la diversidad y la pluralidad de ideas y saberes, siempre en función del interés público y valorizando la misión transformadora de la universidad brasileña. El Memorial recoge significativos pasajes de un recorrido intelectual, cultural, social y afectivo en el que se integraron cotidianamente la docencia y la ciudadanía. Atravesando diferentes fases, cada una con énfasis en diferentes actividades, este Memorial resume, de manera objetiva y sensible, la coherencia de una trayectoria que, creativa y fecunda, nómada y multifacética, se constituyó sobre todo comprometida con la dimensión ética de la vida universitaria.

## INTRODUÇÃO:

Uberlândia é uma cidade permeada por forças variadas: situada em meio à intensa e contrastante natureza do Cerrado brasileiro, por vezes dominada pelas águas, mas frequentemente seca e inóspita, trata-se de um lugar emblemático também pelo permanente cruzamento de distintas temporalidades culturais, como espaço de encontro entre urbano e rural, do apego conservador e da busca ansiosa pelo novo – uma encruzilhada que é também brasileira, e que este Memorial toma como ponto de partida.

Ao começar os preparativos para esta almejada Titulação, pensei mesmo em desenvolver uma nova Tese, na qual elaboraria o conceito de uma História da Arte Nômade, abordando os deslocamentos, trânsitos e nomadismos como parte essencial da formação intelectual e humana – impactando diretamente nossa sensibilidade e percepção e, no âmbito da pesquisa em História da Arte, as abordagens que adotamos e os objetos e temas que decidimos enfrentar. Tal projeto, apenas esboçado, ficará para outro momento, pois optei aqui pela forma do Memorial por sua fluidez e abertura para as dimensões sensíveis do trabalho docente - dimensões essenciais à vida acadêmica, seja no Ensino quanto na Pesquisa e na Extensão universitária (e mesmo na gestão administrativa). Preocupei-me primeiramente em estabelecer o devido tom para este Memorial, evitando a frieza de um Relatório de Atividades, mas buscando não cair em seu oposto, que seria uma narrativa excessivamente personalista - equilíbrio que penso ter alcançado no texto a seguir, privilegiando nele não só o caráter intelectual de minha produção, mas, também, a tessitura existencial da qual ela se reveste.

Penso que este não é apenas um Memorial de Defesa para minha pretendida promoção ao cargo de Professor Titular, mas sim um processo que atesta, ainda que indiretamente, a relevância do trabalho de antigos e atuais colegas do próprio Curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Curso que já possuía larga história quando nele ingressei, como Docente, em agosto de 2006, e do qual já fizeram parte conceituados artistas e pesquisadores, tais como Hélio Siqueira (Ouro Fino, MG, 1959), Lucimar Bello Frange (Itajubá, MG, 1945), Maciej Babinsky



(Varsóvia, Polônia, 1931), Mary Di Iorio (Itabirito, MG, 1945) e Shirley Paes Leme (Cachoeira Dourada, GO, 1955), entre outros.

Acrescento que, com o tempo, fui amadurecendo a percepção de que no contexto acadêmico, e sobretudo nas áreas de Artes e Humanidades, talvez tanto ou mais importante do que aquilo que produzimos seja o modo pelos quais chegamos a estes ou aqueles resultados - ou seja: como fazemos o que fazemos, sendo por vezes mais relevantes as redes de afetos que estabelecemos, com colegas e alunos, em torno de nossos fazeres, do que propriamente nossas “produções”. Neste sentido creio estar em sintonia com as novas perspectivas avaliativas que, cada vez mais, questionam as métricas apenas quantitativas e propõe novos parâmetros para a carreira e produção docente, valorizando aspectos como a qualidade de ensino e a abertura para o trabalho colaborativo - ainda que estes sejam critérios difíceis, por vezes, de serem objetivamente avaliados<sup>1</sup>. O processo de Titulação é certamente, uma rara oportunidade, em nossa carreira e vida pessoal (em que o trabalho ocupa posição central) de medir os passos dados e refletir sobre os que ainda podemos dar, seja como professores quanto como cidadãos e seres humanos: - apesar dos percalços, sei que já valeu a pena ter chegado até aqui.

Sobre a organização formal deste Memorial: inicialmente pensei em tratar isoladamente dos tópicos centrais de minhas atividades acadêmicas (Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão), mas logo compreendi que esta compartimentação não atenderia aos seus objetivos, pois atuei nestas diferentes frentes sempre de modo articulado, estando minhas atividades universitárias permanentemente interconectadas. Optei, então, por solução mais adequada ao caráter memorialístico deste texto, apresentando cronologicamente os fatos e acontecimentos do percurso em questão; informando sobre o realizado nestes 16 anos como docente da UFU; mas também refletindo sobre os sentidos e consequências desta trajetória. A abordagem aqui adotada, portanto, não privilegia quantificações, mas sim uma visão transversal e orgânica, recuperando retrospectivamente o significado das produções e ações em foco - selecionadas em função de sua relevância para a trajetória em exame. O principal por fim, como chave de compreensão para o texto que segue, talvez seja a noção de que, assim como a arte,

---

<sup>1</sup> Sobre este tema ver, na revista da FAPESP, o seguinte artigo, de setembro de 2021: [Novas réguas para medir a qualidade : Revista Pesquisa Fapesp](#)

que não existe por si mesma, o trabalho docente também nunca se dá de modo isolado e autônomo, mas sim como experiência e processo 'em situação' e permanente relação com os contextos nos quais se desenvolve.

## **TRAJETÓRIA PROFISSIONAL**

## **Chegar e conhecer o território:**

Em agosto de 2006 assumi o cargo, conquistado através de Concurso Público de Provas e Títulos, de Professor Adjunto nível 1, em regime de Dedicção Exclusiva, do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais. Não conhecia a cidade, e só estivera nela por alguns breves dias, meses antes, para a realização do próprio Concurso em que fui aprovado. Lugar de passagem entre as regiões Sul/Sudeste e Norte/Centro-Oeste, e espécie de capital informal de uma vasta região que extrapola os limites de Minas Gerias, até então havia passado por Uberlândia apenas de ônibus, de madrugada, em algumas viagens de férias para o Tocantins, na década de 1990. De sua Universidade Federal conhecia somente, e, também superficialmente, a partir de amigos em comum de Brasília, o artista Maciej Babinsky.

Neste ano de chegada continuei participando de alguns eventos em São Paulo, de onde vinha, mas fui aos poucos me ambientando em Uberlândia, onde após cerca de um mês em um hotel simples em sua praça central acabei por alugar, na mesma região, um apartamento no emblemático Edifício Tubal Vilela, um dos primeiros prédios de apartamentos da cidade. Com uma série de lojas e lanchonete em seu térreo, e mais um primeiro piso de escritórios, o Tubal Vilela possui características arquitetônicas modernistas ainda hoje atrativas, contando, em cada andar, com apartamentos de variados formatos e dimensões (de 1, 2 ou 3 quartos) permitindo uma ocupação habitacional socialmente variada, morando nele desde antigas famílias abastadas da cidade até estudantes e variados tipos de trabalhadores. Sem vagas para carros, e sofrendo com a progressiva deterioração das regiões centrais das grandes cidades brasileiras, seus aluguéis são muito baratos, e de seus andares mais altos ainda se pode enxergar, ao longe, os limites da zona urbana diluírem-se no marcado horizonte do Cerrado, evocando a miragem de um mar desejado, mas inexistente, acima do qual enormes massas de nuvens brancas contrastam com céus intensamente azuis. Paisagem especialmente visível de apartamentos como no qual fui inicialmente morar, e que já havia sido bem percebida e representada pelo pintor carioca José Moraes (Rio de Janeiro, RJ, 1921 - São Paulo, SP, 2003), que após trabalhar como assistente de Cândido Portinari para a realização dos painéis da Capela da Pampulha, em Belo Horizonte, e de

se estabelecer em São Paulo, deu aulas de pintura, entre as décadas de 1970 e 1980, na então Faculdade de Artes de Uberlândia - embrião histórico do Curso de Artes Visuais no qual ingressei como docente em 2006. Um quadro seu de 1982, intitulado *Uberlândia Mon Amour*, no qual a paisagem vista pela janela se replica em uma tela em execução, remete a uma espécie de apartamento-atelier no centro da cidade: ali podemos avistar um amplo céu com grandes nuvens brancas, através da generosa janela que se abre ao horizonte, e sobre a mesa alguns utensílios de pintura e uma panela de barro - imagem que remete ao artesanato da própria pintura e evoca algo do caráter simultaneamente urbano e rural de Uberlândia.



Edifício Tubal Vilela, no Centro de Uberlândia (foto do autor) e pintura de José Moraes, intitulada *Uberlândia Mon Amour*, de 1982 (Óleo sobre tela, 60 X 80cm)<sup>2</sup>

Estas questões, relativas à paisagem e atmosfera cultural da cidade em que vim trabalhar, podem parecer irrelevantes, mas já era essencial a meu ver, naquele momento, situar-me em um território ainda então desconhecido, não querendo ser nele apenas um turista ou visitante, mas, junto a seus habitantes, um participante ativo de seu ambiente. Assim, na Universidade, para além das aulas que comecei a dar, fui aos poucos me integrando às atividades que já ocorriam, como o Festival de Artes

---

<sup>2</sup> Disponível em [Uberlândia Mon Amour | Enciclopédia Itaú Cultural \(itaucultural.org.br\)](https://itaucultural.org.br/uberlandia-mon-amour)

organizado pelos docentes do Curso<sup>3</sup>, e algumas outras que começavam a se estruturar, como o Seminário de Pesquisa que, mapeando as investigações então em andamento, já era parte dos esforços em organizar e encaminhar o Projeto do Programa de Pós-Graduação em Artes na Universidade - Programa de cujas discussões e implementação participei desde minha chegada à UFU, e que iniciou de fato em 2009<sup>4</sup>.

Apresentei ainda, em 2006, no II ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE da Unicamp, a comunicação *ENTRE PRÁTICAS E DISCURSOS: questões de método na pesquisa da história do ensino do desenho*<sup>5</sup>, refletindo sobre minhas ainda recentes pesquisas do Doutorado. Já neste período se deu a primeira de uma série de percepções e escolhas que, abrindo-me novas perspectivas, trouxeram-me até aqui: entendi então ser necessário experimentar novas possibilidades de pesquisa, ligadas ao território que eu ia conhecendo, desbravando objetos, temáticas e abordagens mais apropriadas e necessárias ao meu novo contexto de atuação. A variedade de temas com os quais trabalhei, a partir desta época, refletiu assim um processo orgânico, sendo a pesquisa sempre fruto de uma relação sensível, ligada a vida concreta e cotidiana. Relação determinante, por exemplo, para que, vindo de uma formação como gravurista desde a adolescência no Rio de Janeiro<sup>6</sup>, tenha pesquisado sobre a xilogravura no Brasil durante minha Graduação e Mestrado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); e determinante também para que em meu Doutorado, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), tenha trabalhado sobre a história do ensino do desenho no Brasil, partindo de minha própria experiência como Professor Substituto de Desenho na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA-UFRJ).

Defendido em 2005 meu Doutorado, e recém ingressado em 2006 como docente no Curso de Artes Visuais da UFU, onde muitas vezes o interesse dos estudantes é

---

<sup>3</sup> No Festival de Artes de 2006 apresentei a palestra *Práticas de ateliê: entre tradição e modernidade*, fazendo uso de imagens que tinha levantado desde anos anteriores sobre os espaços de trabalho de diferentes artistas, tratando então dos 'lugares da arte'.

<sup>4</sup> Projeto disponível em: [Projeto de Criação do Programa de Pós-Graduação em Artes \(yumpu.com\)](http://www.yumpu.com)

<sup>5</sup> Texto disponível em: [DORIA, Renato Palumbo - IIEHA \(1\).pdf](#)

<sup>6</sup> Onde fui aluno de Anna Carolina Albernaz, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, e de Rubem Grillo, em se ateliê no bairro da Glória. Durante minha Graduação em Educação Artística (Artes Plásticas), na Unicamp, por sua vez, tive algumas aulas, em São Paulo, com Maria Bonomi, que muito me incentivaria em minha vida profissional.

desenvolver um trabalho artístico, elaborei assim um novo e mais aberto projeto de pesquisa, melhor me aproximando das necessidades e práticas dos próprios alunos. Tratou-se do projeto *ENTRE RETRATOS, PAISAGENS E HISTÓRIAS: um estudo comparativo sobre a sobrevivência dos 'gêneros' na arte moderna e contemporânea brasileira*, o qual permaneceu ativo entre 2006 e 2021, gerando inúmeras produções e orientações ao longo deste período.



Desenho atribuído à Charles Le Brun (*Alegoria / Demeter*), sd. Seção de Iconografia da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Imagem apresentada na palestra *O NU e o ENSINO DO DESENHO: alguns documentos encontrados no Brasil, Córdoba, Argentina, 2006*

Ainda em 2006 fui convidado pelo historiador argentino Tomás Ezequiel Bondone para participar com uma palestrante, em Córdoba, do *I FORO DE REFLEXION E DEBATE: La representación de la figura humana em el arte / Histórias y Estratégias* - evento organizado com apoio do Consulado Geral do Brasil em Córdoba pela Escuela Superior de Bellas Artes Dr. José Figueroa Alcorta, e em parceria com a Universidad Complutense de Madrid, da Espanha. Contando com a presença do grande pesquisador espanhol sobre a história do ensino do desenho Juan José Gomez Molina (Albacete, Espanha, 1943-2007), autor de livros essenciais sobre o tema, e com o qual tive então a satisfação de conviver pessoalmente por alguns dias<sup>7</sup>, desfrutei ali, também, da companhia das colegas Elaine Dias; atualmente Coordenadora da Graduação em

---

<sup>7</sup> Infelizmente Juan José Gomez Molina faleceu, no ano seguinte, em um acidente em sua cidade natal.

História da Arte da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp); e Ana Paula Cavalcanti Simioni; Pesquisadora permanente do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), também palestrantes convidadas neste evento em Córdoba. Apresentei assim, junto a estas ilustres profissionais, a palestra *O NU e o ENSINO DO DESENHO: alguns documentos encontrados no Brasil*, compartilhando os resultados dos levantamentos iconográficos que realizei, durante meu doutorado, sobretudo em acervos e arquivos brasileiros - tema ao qual retornaria anos mais tarde.



Catharina Maria do Espírito Santo: Alegoria da Verdade, c.1757. Seção de Iconografia da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Imagem apresentada na palestra *O NU e o ENSINO DO DESENHO: alguns documentos encontrados no Brasil*, Córdoba, Argentina, 2006

Em 2006 o Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, publicou o livro-catálogo *GRAVURA DE LÍVIO ABRAMO*, de autoria do crítico e cineasta Olívio Tavares de Araújo - projeto para o qual trabalhei como pesquisador em período anterior a meu ingresso na UFU, com resultados que abordaria de modo mais aprofundado no ano seguinte, apresentando em Buenos Aires, no IV Congresso Internacional de Teoria - XII Jornadas del Centro Argentino de Investigadores del Arte (CAIA), a comunicação *Um desenho perdido de Lívio Abramo*, consolidando assim meus vínculos e trocas acadêmicas com os colegas argentinos da História da Arte. Comunicação que foi publicada em *IMÁGENES PERDIDAS: censura, olvido descuido* (Buenos Aires: CAIA, 2007), e que tratava de



questões metodológicas que ainda me parecem importantes, ao valorizar o trato direto com fontes e objetos que nem sempre são devidamente reconhecidos, de imediato, como documentos historiográficos válidos. Trouxe eu à tona, ali, um desenho realizado por Lívio Abramo que, apreendido em sua casa pela polícia política na década de 1930, junto a outros materiais e impressos tidos como subversivos, estava desde então 'encarcerado' no dossiê sobre o artista organizado pela Delegacia da Ordem Política e Social (DEOPS) do Estado de São Paulo - dossiê que atesta a sistemática vigilância, por parte do Estado brasileiro, não apenas sobre Lívio Abramo mas sobre uma série de outros artistas e intelectuais modernos no país, como Carlos Prado, Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho, Geraldo Ferraz, Gregori Warchavchik, Lasar Segall, Oswald de Andrade, Osório César, Pagu (Patrícia Galvão), Portinari, Quirino Campofiorito e Tarsila do Amaral, entre outros.



Lívio Abramo: *4 Homens*. Desenho encontrado no Arquivo do Estado de São Paulo, publicado em *A GRAVURA DE LÍVIO ABRAMO* (Olívio Tavares de Araújo. São Paulo: Tomie Ohtake, 2006), e analisado também na comunicação: *Um desenho perdido de Lívio Abramo*, publicada em *IMÁGENES PERDIDAS: censura, olvido descuido* (Buenos Aires: CAIA, 2007).



*Ernesto Bonato en su atelier, em São Paulo e Serie Calor, 1995. Grabado em metal. 30 x 24cm*  
Imagens e legendas publicadas em *TodaVía: Pensamiento y cultura em America Latina*, dezembro de 2006 (fotos do autor)

Também na Argentina publiquei, em 2006, agora convidado pela historiadora da arte Laura Malosetti, na revista *TodaVía: Pensamiento y cultura em America Latina*, o artigo intitulado *ATRAVESSANDO PAREDES: el arte de Ernesto Bonato*. A edição em questão, além de conter o artigo citado, foi totalmente ilustrada com uma curadoria que realizei, junto ao próprio Ernesto Bonato (São Paulo, 1968), com imagens de suas obras mais significativas - artista a quem escolhi para esta publicação por considerá-lo um dos mais importantes nomes da nova gravura brasileira.

Tal artigo foi consequência de um interesse já estabelecido, em meu percurso, pela prática da gravura no Brasil, através de pesquisas de Iniciação Científica durante minha Graduação - quando entrevistei artistas então em atividade em Curitiba, em São Paulo e no Rio de Janeiro (como Ana González, Adir Botelho, Fayga Ostrower, Fernando Calderari, Marcelo Grassmann, Maria Bonomi, Odetto Guersoni e Renina Katz, entre outros) - e também de meu Mestrado em História da Arte e Cultura, orientada por Jorge Coli e defendida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp em 1998, sobre as ilustrações produzidas por Oswaldo Goeldi (Rio de Janeiro, 1895-1961) para alguns títulos de Dostoiévski publicados no Brasil pela Editora José Olympio.

Dissertação que, intitulada *Oswaldo Goeldi, Ilustrador de Dostoiévski*<sup>8</sup>, apesar de ainda não publicada sob forma de livro, está disponível na Unicamp, já havendo servido de base e fonte para inúmeras outras pesquisas, dissertações<sup>9</sup> e curadorias, como para a exposição GOELDI & DOSTOIÉVSKI, realizada em 2019 por Lani Goeldi, sobrinha do artista, na Caixa Cultural, em Brasília<sup>10</sup>.

2007, meu segundo ano na UFU, foi também bastante produtivo: além das aulas semanais, participações em Bancas de Graduação e Mestrado, Bancas de Concursos para Professores, elaboração de pareceres e outras atividades cotidianas, comecei a incentivar os alunos a realizarem Iniciações Científicas: prática que à época, pela própria inexistência de Doutores até poucos anos antes no Curso de Artes Visuais, ainda não havia se sistematizado, e que é tão importante para o desenvolvimento da Pesquisa na Universidade, como eu bem sabia por minha experiência como estudante de Graduação na Unicamp - das primeiras universidades no país a implementar um efetivo e regular sistema de bolsas de Iniciação Científica<sup>11</sup>.

Particpei novamente, neste ano, no Festival de Artes promovido pelo Curso, de uma mesa redonda sobre o ensino contemporâneo da arte na universidade, e, também, no III ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.historiografia.com.br/tese/3591>

<sup>9</sup> Ver, por exemplo, [DISSERTAÇÃO LAETICIA JENSEN EBLE \(unb.br\)](#)

<sup>10</sup> Ver mais em: [Ilustrações de Oswaldo Goeldi para livros de Dostoiévski vira exposição \(correiobrasiliense.com.br\)](#)

<sup>11</sup> Na Unicamp tive o privilégio de realizar, com bolsas, diferentes pesquisas de IC: em 1990 sob orientação de José Roberto Teixeira Leite (sobre a xilogravura de cordel), em 1991 sob orientação de Daisy Piccinini (sobre a arte dos povos ciganos), e em 1992 e 1993 sob a orientação de Jorge Coli (sobre a xilogravura moderna e contemporânea no Brasil). Em 2007, na UFU, comecei a orientar duas alunas com bolsas de IC - atividade que manteria com certa regularidade ao longo de toda minha trajetória na Universidade.

Universidade Estadual de Campinas (IFCH-Unicamp), apresentando ali a comunicação A *HISTÓRIA NA ARTE: um exame crítico sobre a sobrevivência do gênero histórico na arte moderna e contemporânea brasileira*. Estive ainda no FÓRUM ARTE E CRÍTICA: Pesquisas no Brasil, ocorrido no XLI Congresso Mundial da AICA (Associação Internacional de Críticos de Arte), organizado no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), buscando melhor me aproximar das discussões sobre a crítica de arte no país.

Apresentei, também em 2007, palestra sobre o ensino do desenho no *Simpósio Internacional Paisagem e Iconografia Nacional na Arte da América Latina*, realizado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Também lá, neste mesmo ano, assisti ao Seminário *Culto, Conservação e Destruição das Imagens na Idade Contemporânea*, a cargo do pesquisador Dario Gamboni, da Universidade de Genebra, Suíça.

Colaborei para o Projeto Temático apoiado pela FAPESP intitulado O CORPO REVELADO, junto à pesquisadores tais como, entre outros, Aldrin Figueiredo (UFPA), Ana Magalhães (MAC-USP), Jorge Coli (Unicamp), Maraliz Christo (UFJF) e Renata Bittencourt (atualmente no Instituto Moreira Salles, em São Paulo). Vale ressaltar, por fim, que em 2007 participei de três exposições artísticas, com desenhos (*OCUPAÇÃO*, Galeria de Arte Ido Finotti, Uberlândia) e fotografias (*FRONTEIRAS*, Galeria de Arte Ido Finotti, Uberlândia; e Galeria de Artes do SESC/MG, Belo Horizonte) - apesar de constituir-se até então como atividade relativamente lateral e esporádica, minha participação em exposições artísticas seria, nos anos seguintes, significativa, acabando por dialogar com minhas outras práticas docentes e processos de pesquisa.

## Tropeços e encruzilhadas:

Em 2008, embalado por um ritmo crescente de trabalho, participei de uma grande quantidade de eventos acadêmicos, dentro e fora da UFU, sendo este ano um dos mais significativos de minha fase inicial em Uberlândia - fase em que prossegui buscando incentivar os estudantes para a prática da pesquisa, com bolsas de iniciação científica. Dentre estes eventos participei em Campinas do IV ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE do IFCH-Unicamp, onde apresentei alguns resultados de meu então recente projeto de pesquisa, com a comunicação *ENTRE RETRATOS, PAISAGENS E HISTÓRIAS: a sobrevivência dos gêneros na arte moderna e contemporânea brasileira*.



Antônio Roseno: sem título, sd. Fotografias, dimensões variadas  
Acervo do Centro de Memória da Unicamp, Campinas, São Paulo. Publicadas no catálogo NAIFS:  
Bienal Naifs do Brasil 2008. São Paulo: Edições SESC SP, 2008

Foi publicado também, pelo Serviço Social do Comércio do Estado de São Paulo (SESC-SP), o catálogo *BIENAL NAIFS DO BRASIL 2008*, referente à exposição de mesmo nome da qual participei como um dos pesquisadores responsáveis pela Sala Especial da 9ª Bienal de Arte Naif, sob curadoria de Olívio Tavares de Araújo (com quem já havia trabalhado anteriormente, como mencionado, na pesquisa sobre Lívio Abramo). Participação que levou a presença, na exposição, da singular poética fotográfica de Antônio Roseno de Lima (Alexandria, RN, 1926 - Campinas, SP, 1988) - produção cuja visibilidade deve muito às pesquisas pioneiras de Geraldo Porto, professor do Instituto de Artes da Unicamp, e que ainda durante minha Graduação me apresentou à obra de Roseno, mais conhecido como pintor. Em 2006 Geraldo Porto doou ao Centro de Memória da Unicamp cerca de 300 fotografias realizadas por Antônio Roseno, com quem estabeleceu uma sólida relação de amizade - acervo que serviu de base à seleção de obras em questão<sup>12</sup>.

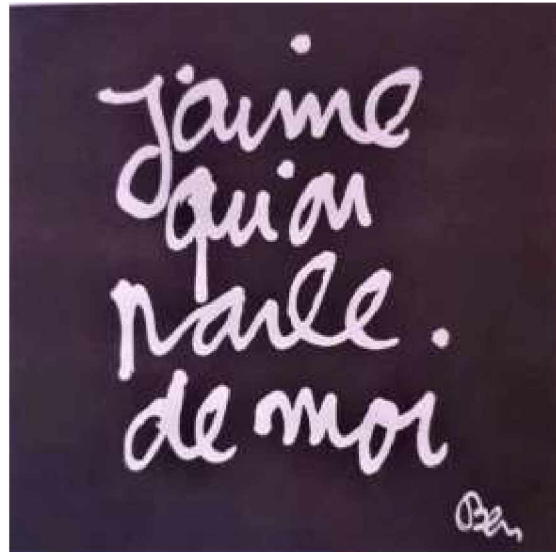


Renato Palumbo: *Será...*, 2007, in *JÁ! EMERGÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS*. Belém do Pará: EDUFPA/ Mirante – Território Móvel, 2008, p.131

Ainda em 2008 participei, com uma intervenção gráfica, na publicação organizada pela pesquisadora Ana Paula Felicíssimo de Camargo Lima, então no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), intitulada *JÁ! EMERGÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS* (Belém do Pará: EDUFPA/ Mirante - Território

<sup>12</sup> Ver mais em: [https://www.unicamp.br/unicamp\\_hoje/ju/novembro2006/ju343pag10a.html](https://www.unicamp.br/unicamp_hoje/ju/novembro2006/ju343pag10a.html)

Móvel, 2008) - publicação que contou com a participação de Bené Fonteles, Cristina Freire, Grupo Empreza, Ken Friedman, Paulo Bruscky, Paulo Herkenhoff, Rubens Mano e Walter Zanini, entre outros - pesquisadora a quem ainda acompanhei à Nice, no sul da França, para uma entrevista com o fluxartista Ben Vautier (Nápoles, Itália, 1935), e que geraria posteriormente o livreto *CONVERSAS – ANA PAULA LIMA e BEN VAUTIER / TUDO PELO BEN* (Florianópolis: par(ent)esis, 2009, p.07).



Ben Vautier, sd

Outra publicação vinda à luz este ano foram os anais do 3º *ENCONTRO DE FILOSOFIA E HISTÓRIA DO CONE SUL* (Campinas: Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul, 2008) com meu texto *ENTRE A ARTE E A CIÊNCIA: o ensino do desenho no Brasil do século XIX* - fruto de comunicação realizada em período anterior ao meu ingresso na UFU, a partir ainda de alguns resultados de minha pesquisa de Doutorado, à qual retornaria apenas recentemente.

Dentre os eventos significativos de 2008 esteve, também, meu ingresso como membro do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFU, do qual participei por alguns semestres, frequentando suas reuniões e emitindo pareceres a respeito de projetos de pesquisa de outras Unidades, entrando assim em contato direto com docentes de outras áreas de conhecimento e, conseqüentemente, ampliando minha visão e compreensão da instituição.

Outro aspecto de minhas atividades que julgo relevante neste período, foi o começo de minha parceria com a Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia,

atuando como membro de comissões de seleção de propostas artísticas para a ocupação de suas galerias de arte e atuando também como colaborador em projetos culturais propostos à Secretaria. Entendendo o trabalho docente como não limitado aos muros universitários, mas sim inserido no meio cultural e social, esta parceria se estende, ainda que de modo irregular, até os dias atuais. Interação com o ambiente e cultura locais que refletiu minha busca, desde minha chegada à cidade, por conhecer e valorizar o lugar em que comecei a trabalhar como docente e pesquisador<sup>13</sup>. Processo de inserção ambiental para o qual minha prática fotográfica, ainda que amadora, certamente contribuiu, sendo incontáveis as vezes em que saí por Uberlândia e região com minha máquina fotográfica não apenas para registrar fragmentos das paisagens humanas e culturais em questão, mas, também, como meio de conhecimento e respeitosa interação com estas pessoas e paisagens. Prática que mantive também durante as viagens que realizei ao longo de todo este período<sup>14</sup> - relação com a imagem fotográfica sobre o qual retornarei mais adiante, nas Conclusões do presente Memorial.



Comemoração do Dia de São Jorge em Uberlândia. Praça Tubal Vilela, abril de 2008 (foto do autor)

---

<sup>13</sup> Atualmente sou membro da Comissão de Seleção do Concurso “Cartaz em Cerrado”, idealizado por Arlen Costa, artista gráfico e visual formado no Curso de Artes Visuais da UFU – projeto que conta com o apoio do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PMIC) de Uberlândia. Ver regulamentos em: [Regulamento\\_CerradoemCartaz.pdf](#)

<sup>14</sup> Um projeto em gestação é publicar, na forma de foto-livro, o título *UBERLÂNDIAS: paisagens nômade*s, com imagens coletadas nestas derivas fotográficas, convidando alguns colegas a escrever sobre elas.

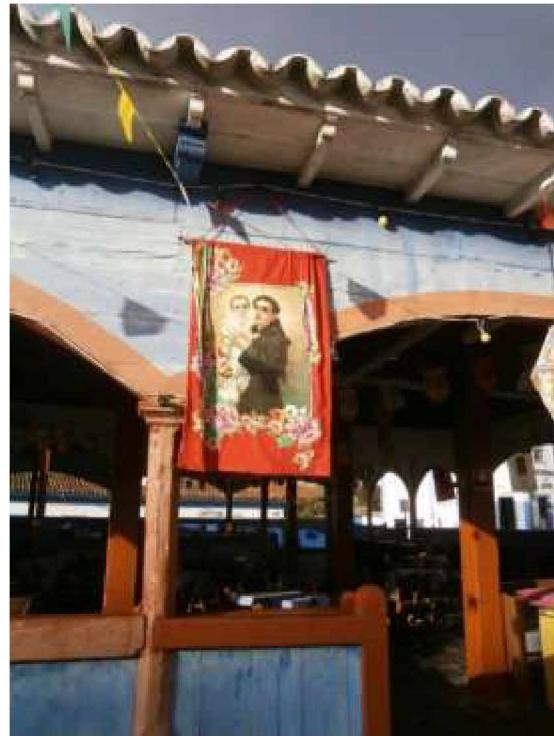




Festa da Congada em Uberlândia, sd (foto do autor)



Uberlândia, sd (foto do autor)



Mercado Público de Diamantina, Minas Gerais, 2016 (foto do autor)



Centro do Rio de Janeiro, 2016 (foto do autor)



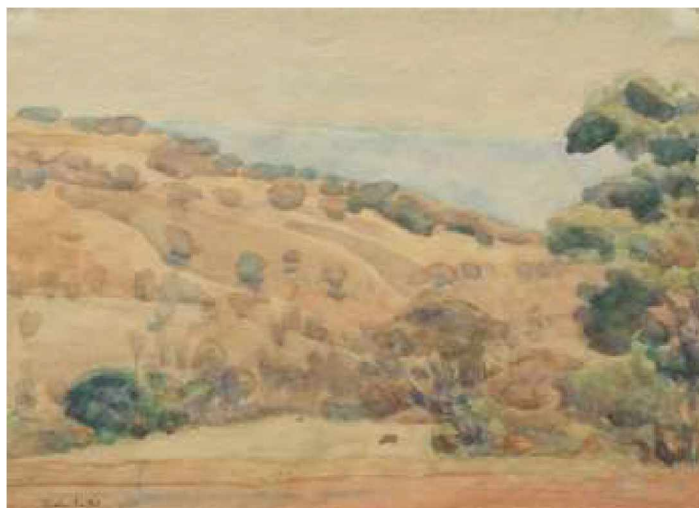
Salvador, Bahia, sd (fotos do autor)

O evento mais importante de 2008 certamente foi minha eleição e nomeação, a partir de setembro daquele ano, como Coordenador do Museu Universitário de Arte (MUnA) - museu da Universidade Federal de Uberlândia de cujo conselho gestor já participava desde meu ingresso na UFU, e Coordenação para a qual elaborei um plano de gestão intitulado *ENTRE ACERVOS, MEMÓRIAS E INVENÇÕES, por um museu universitário de arte*, fazendo nele a defesa da valorização das obras de seu acervo. Minha percepção era de que o MUnA funcionava, até então, muito mais em torno da ideia e lógica de uma galeria de arte do que propriamente como museu, o que talvez se explicasse por sua própria gênese, pois, pelo que pesquisei e compreendi, ele surgira pelos louváveis esforços e lutas de antigos colegas do Curso de Artes Visuais, que assim conquistaram um espaço permanente de exposições - exposições até então realizadas em locais improvisados, como nos corredores do próprio prédio do Curso. Seu acervo fora por isso constituído, e sem demérito algum, de modo relativamente acidental, já contando, porém, com obras de artistas reconhecidos, como Amílcar de Castro, Cildo Meireles e Nelson Leirner, além de abrigar produções relevantes para a compreensão da história das artes visuais em Uberlândia em região, o que me parecia essencial para um museu local e universitário de arte.

Uma de minhas primeiras ações à frente do MUnA, portanto, de caráter mais simbólico, e demonstrando minha intenção em fortalecer seu acervo, foi recuperar pessoalmente quatro serigrafias de Carlos Scliar (Santa Maria, RS, 1920 – Rio de Janeiro, RJ, 2001) e sobretudo três belíssimas aquarelas de Maciej Babinsky (Varsóvia, Polônia, 1931) que se encontravam então nas paredes do Gabinete da Reitoria da UFU, e que após algumas tratativas conseguimos estabelecer no acervo do museu.

Consegui também, à mesma época, transferir para o MUnA duas gravuras de Assis Guimarães (discípulo de Babinsky em Uberlândia, com quem fez estudos diretos sobre a paisagem da região) que se encontravam nas paredes da Coordenação do Curso de Artes Visuais, às quais se somaram mais cinco gravuras do mesmo artista doadas por sua família. Com estas aquarelas de Babinsky e gravuras de Assis Guimarães realizei a curadoria da exposição *PAISAGENS DO CERRADO, por MACIEJ BABINSKY E ASSIS GUIMARÃES*, aberta ao público entre dezembro de 2008 e março de 2009 - para a qual produzi também um pequeno ‘texto de parede’:

*Onde estamos nós afinal de contas?!  
Pergunta que o exercício da Paisagem,  
enquanto gênero artístico autônomo e  
próprio da época moderna, ainda hoje  
ajuda a formular, permitindo um olhar  
atento para o que está próximo – olhar  
este tantas vezes evitado e censurado.  
Pesquisadas por Maciej Babinski - ex-  
Professor do Departamento de Artes  
Visuais da Universidade Federal de  
Uberlândia - e em sua senda por Assis  
Guimarães, estas paisagens do cerrado  
se apresentam e oferecem como  
território ainda a ser conhecido e  
experimentado, lembrando-nos que  
apesar de todas as desterritorializações e  
mudanças, de todos os êxodos e exílios,  
ainda estamos aqui, e agora*



**Maciej Babinsky: Paisagem I, 1980.**  
Aquarela sobre papel. 39 X 28cm. Número de registro: MUnA M4g4.4/204

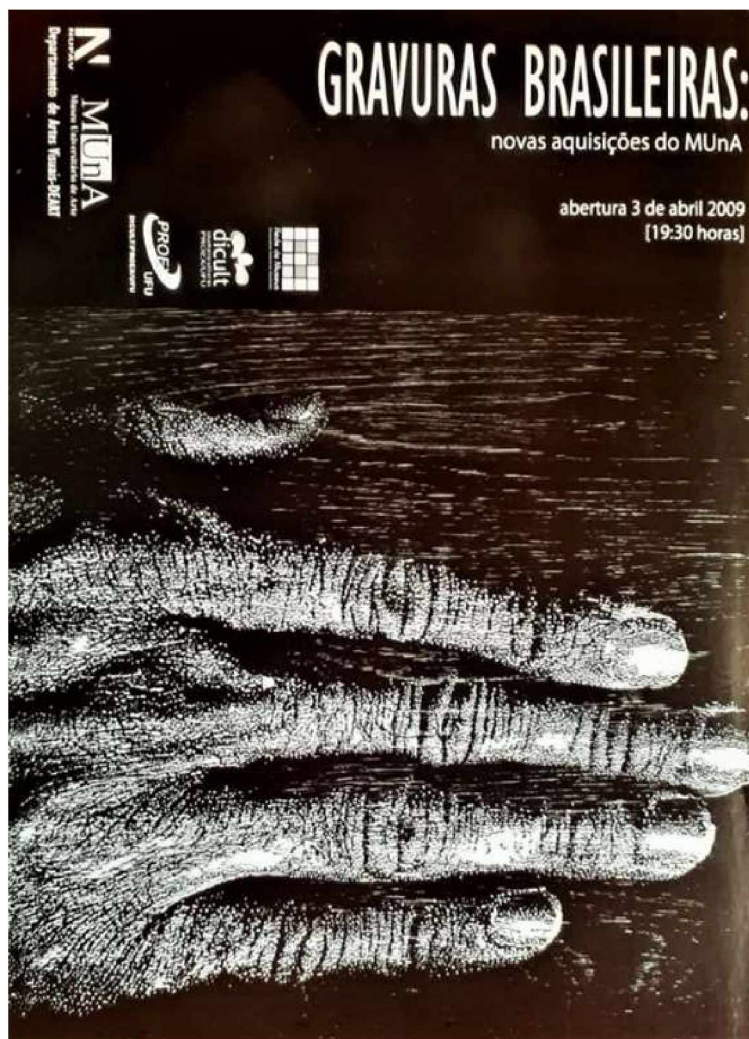


**Maciej Babinsky: Paisagem II, 1980.**  
Aquarela sobre papel. 39 X 28cm. Número de registro: MUnA M4g4.4/205



**Maciej Babinsky: Paisagem III, 1980.**  
Aquarela sobre papel. 37,5 X 28cm. Número de registro: MUnA M4g4.4/206

À frente do MUnA tratei também de dar continuidade a projetos iniciados em gestões anteriores do museu, em especial um de compra de acervo com verba federal, elaborado e enviado a Brasília pela colega Beatriz Basile Rauscher. Consegui então, em contato direto com o Ministério da Cultura, os recursos necessários à compra de um importante conjunto de gravuras brasileiras, modernas e contemporâneas - sendo relevante informar que uma das características da arte da gravura é sua reprodutibilidade técnica e, por isso, sua maior acessibilidade, com gravuras de grande qualidade podendo ser obtidas por preços relativamente baixos. Assim, com uma pequena verba, realizou-se através da Pró-Reitoria de Extensão da Ufu a compra, para o MUnA, de obras de artistas emblemáticos da gravura brasileira, como, entre outros, Renina Katz (Rio de Janeiro, RJ, 1925) e Marcelo Grassmann (São Simão, SP, 1925 – São Paulo, SP, 2013).



Convite da exposição GRAVURAS BRASILEIRAS: novas aquisições do MUnA, 2009

Aquisição que originou a exposição *GRAVURAS BRASILEIRAS: novas aquisições do MUnA*, inaugurada em abril de 2009 e para a qual convidei o artista e pesquisador Marcel Esperante, professor de Gravura do Curso de Artes Visuais da UFU, para sua curadoria<sup>15</sup>. Simultaneamente realizei a curadoria, junto ao artista Paulo Penna (São Paulo, 1970), da exposição de gravuras em metal *O MEU AMAR-TE É UMA CATEDRAL DE SILÊNCIOS ELEITOS*.

Também em 2009, focados no esforço de valorizar o acervo do museu, realizamos, a pesquisadora Luciene Lehmkuhl (então docente do Curso de História da UFU) e eu, a curadoria da mostra *UM ACERVO EM EXPOSIÇÃO*, inaugurada em dezembro daquele ano junto da exposição do artista mineiro Paulo Nazareth (Governador Valadares, Minas Gerais, 1977), intitulada *NA IMPOSSIBILIDADE DE NOMEAR AS COISAS DO MUNDO* - artista que surgia no cenário contemporâneo e que, gradativamente, se firmaria como um dos mais significativos criadores do país, tratando de questões identitárias e relativas a diáspora indígena e africana no Brasil.



Paulo Nazareth: *NA IMPOSSIBILIDADE DE NOMEAR AS COISAS DO MUNDO* [ON IMPOSSIBILITY TO NAME THINGS IN THE WORD...]. Museu Universitário de Arte (MUnA), 2009

<sup>15</sup> Em 2019, por sua vez, teria a satisfação de participar da Banca de Defesa de Tese de Doutorado de Marcel Esperante no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA-Unicamp), intitulada *Mapas & Labirintos: paisagens na janela*.

Em nossa curadoria sobre o acervo do MUnA decidimos dar igual destaque, no espaço expositivo central do museu, a três obras: uma pintura de paisagem do artista uberlandense Geraldo Queiroz, da década de 1940; uma escultura de ferro manipulável de Amílcar de Castro; e duas cédulas com intervenções de Cildo Meireles. A ideia era, relativizando as hierarquias entre estas obras, evidenciar o caráter moderno e contemporâneo deste acervo, mas, também, indicar a importância dos artistas locais, ainda pouco pesquisados à época.



Geraldo Queiroz: Sem Título, 1941. Acervo MUnA



Cildo Meireles, Zero Cruzeiro, 1974-1978. Acervo MUnA





Amílcar de Castro: Sem Título, sd. Acervo MUnA

Neste ano também ativamos no MUnA, com apoio de colegas do Curso como Gastão Frota, uma intensa programação de debates, palestras e cursos livres de cinema, artes visuais, história da arte e outros temas - sempre com a colaboração de estudantes como estagiários bolsistas e voluntários, que atuaram tanto na produção do material gráfico de divulgação do museu quanto na operacionalização de suas atividades cotidianas, como a montagem e desmontagem de exposições. Em maio, na Semana Nacional de Museus, tivemos a presença do historiador da arte Luciano Migliaccio, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), ministrando o curso *Museus e Patrimônios na América Latina: 40 anos das Normas de Quito*. Quanto ao Educativo do MUnA, que eu compreendia como setor fundamental, e não apenas subsidiário das outras atividades do museu, este teve total incentivo e autonomia para propor e executar, sob direção da colega Luciana Arslan, ações e curadorias específicas, que tomavam como ponto de partida as dinâmicas de mediação com o público.

Experiência com o museu que, envolvendo desde aspectos corriqueiros à providências emergenciais (da compra de parafusos à realização de reformas de telhados), gerou minha participação na VII SEMANA DE MUSEUS - *O Museu na Cidade, e a Cidade no Museu*, promovida pela Universidade de São Paulo (USP), onde apresentei

a comunicação, realizada também em parceria com Beatriz Rauscher, intitulada *MUnA - INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO DA CULTURA VISUAL EM UBERLÂNDIA, MG.*



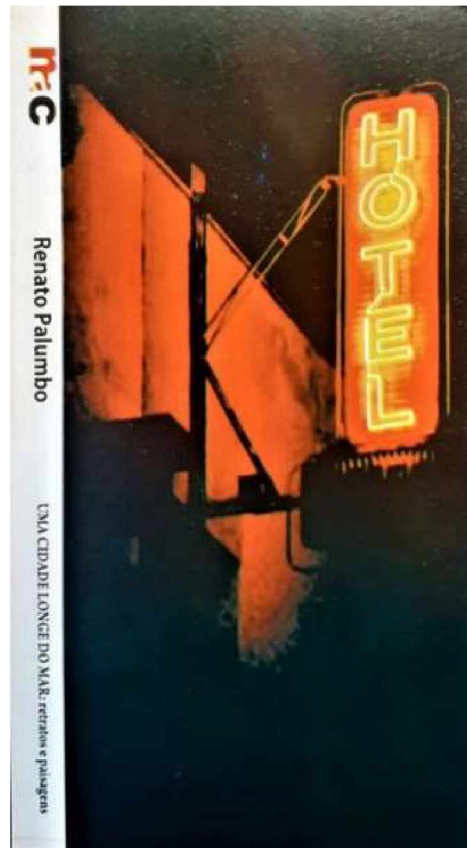
“Museus são mais que um depósito – Ao seu alcance, um lugar onde é possível fazer uma transformação social”, por Núbia Mota in *Correio de Uberlândia*, 19/05/2009.

As atividades em torno do museu reverberariam na cidade, como indica uma das matérias jornalísticas então publicadas no jornal impresso *Correio de Uberlândia* neste período (ver imagem acima). Ainda à frente do MUnA formulei o Edital de Exposições para o ano de 2009, decidindo priorizar nele, por estarmos iniciando a primeira turma de Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes do IARTE-UFU, propostas advindas do ambiente acadêmico, em especial de propostas relacionadas a pesquisas realizadas em outros Programas de Pós-Graduação em Artes do país - sem deixar de abrir espaço para propostas voltadas à valorização do próprio acervo do MUnA e de outros acervos artísticos contemporâneos:

*“[...]PROJETO EXPOSIÇÕES 2009*

*A programação de exposições para o ano de 2009 do Museu Universitário de Arte (MUnA), da Universidade Federal de Uberlândia, se dedicará a acolher propostas de exposições e/ou intervenções originadas do desenvolvimento de pesquisas em artes visuais no âmbito acadêmico – propostas que podem dialogar ou não com as pesquisas em artes visuais desenvolvidas no âmbito do próprio Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia (ao qual o MUnA está vinculado); e também propostas de exposições e/ou intervenções que discutam a constituição dos acervos artísticos contemporâneos; além da constituição do acervo do próprio MUnA[...]” (Edital MUnA 2009)*

Em setembro de 2009 por sua vez, insistindo na visibilização e valorização do acervo do museu, em acordo com o plano de gestão que apresentei, assinei contrato com a editora da universidade, a EDUFU, para a publicação de 1.000 (mil) exemplares do livro-catálogo MUnA: UM ACERVO EM EXPOSIÇÃO, organizado por Luciene Lehmkuhl e por mim - publicado no começo do ano seguinte. Para além de minha atuação no MUnA participei em 2009 do estabelecimento do Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes, sendo desde 2008 membro das comissões destinadas à seleção de alunos para sua primeira turma de ingresso. Ao fim deste ano fui aprovado em primeiro lugar em um Concurso Público para Professor Efetivo na área de História da Arte Moderna para a Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), em seu novo Campus em Guarulhos. Graduação que se firmava como novidade no Brasil, sendo muitas as expectativas entre os colegas da Área em relação a ela. Acabei decidindo, porém, por permanecer como docente da UFU- decisão que foi um ponto de inflexão importante em minha carreira e vida pessoal ao ampliar minha consciência quanto as potencialidades de situar-me fora de circuitos culturais autocentrados e pretensamente hegemônicos.



Convite da exposição *UMA CIDADE LONGE DO MAR: retratos e paisagens*. Núcleo de Arte e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (NAC-UFRN), 2009.

O ano de 2009 foi, também, no qual efetivamente iniciou-se o Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da UFU, marcado pela realização de seu 1º *Seminário de Pesquisa em Artes*. Em Natal, Rio Grande do Norte, inaugurei a exposição de fotografias intitulada *UMA CIDADE LONGE DO MAR: retratos e paisagens*, realizada no Núcleo de Arte e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (NAC-UFRN). Produção artística e imagética que, recorrente ao longo de meu percurso na UFU, se integraria gradativamente às minhas outras atividades docentes, como veremos adiante. Por ocasião desta exposição realizei também, na mesma universidade, a palestra *ENTRE RETRATOS E PAISAGENS: algumas possibilidades de pesquisa*, relativa a meu projeto sobre as sobrevivências dos gêneros pictóricos tradicionais na arte moderna e contemporânea.

Ainda em 2009 apresentei, novamente em Buenos Aires, e em parceria com o artista e pesquisador uberlandense João Virmondos, a comunicação *TENSIONAR A CIDADE: reflexões sobre uma intervenção de arte pública*, participando com ela do SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ARTE PÚBLICO EM LATINOAMERICA, realizado pelo

Instituto de Teoría e Historia del Arte Julio E. Payró e pelo Grupo de Estudos em Arte Pública na América Latina (GEAP) - grupo de estudos e evento que hoje é um dos mais importantes de seu campo. Tratava-se de compartilhar para um público ampliado algumas dinâmicas experiências em arte pública e urbana que estavam sendo realizadas naquele período, com apoio da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia, por pesquisadores e artistas contemporâneos da cidade.

Destoando, porém, de meus interesses focados na História da Arte no Brasil, em 2009 publiquei na revista do Programa de Pós-Graduação em Artes do IARTE-UFU, a *OUVIOUVER*, o artigo intitulado *O CENTENÁRIO DE BALTHUS EM MARTIGNY*<sup>16</sup>, relativa à exposição retrospectiva dedicada ao pintor Balthazar Klossowski (Paris, França, 1908 - Rossinière, Suíça, 2008), realizada em 2008 pela Fondation Pierre Gianadda na cidade suíça de Martigny - exposição que tive oportunidade de visitar no ano anterior. Analisei ali os modos singulares pelos quais Balthus transitou entre a paisagem e o retrato, estabelecendo um percurso estético que me parecia deslocado em relação ao modernismo do século XX, com seu realismo fantástico e erotismo perturbador, salientando os aspectos anacrônicos de sua poética - abordagem que, apesar do interesse despertado pelo contato direto com a obra do artista, foi eventual, não desviando-me dos temas mais próximos de minha vida cotidiana, no Brasil.

Sobre os múltiplos incômodos provocados por algumas telas de Balthus, tais como *Theérese Révant* (1938), cumpre registrar que cada vez mais estas vem sendo denunciadas como 'mera pornografia' e mesmo como apologia criminosa, recebendo frequentes moções de censura por parte de variados tipos de público<sup>17</sup> - reações que me parecem conectar-se à algumas questões relativas aos limites contemporâneos da interpretação artística que abordarei mais adiante.

---

<sup>16</sup> Disponível em: [\(PDF\) O CENTENÁRIO DE BALTHUS EM MARTIGNY \(researchgate.net\)](#)

<sup>17</sup> Ver mais em: <https://www.tribune.com/dal-mondo/2017/12/censura-una-petizione-per-il-metropolitan-di-new-york-togliete-quel-balthus-e-un-invito-alla-pedofilia/>

## Revelações e transbordamentos:



*MUnA: UM ACERVO EM EXPOSIÇÃO*. Luciene Lehmkuhl e Renato Palumbo Dória (Orgs.)  
Uberlândia: EDUFU, 2010

A publicação do livro-catálogo *MUnA: UM ACERVO EM EXPOSIÇÃO* no começo de 2010 pela editora universitária da UFU<sup>18</sup> deu novo fôlego ao trabalho iniciado no ano anterior, no qual um dos pontos altos foi certamente a exposição de mesmo nome, que permaneceu em cartaz entre 2009 e 2010. Mais que um catálogo de exposição, o livro se constituiu como plataforma de divulgação e reflexão sobre o acervo do museu, para o qual pensamos, Luciene Lehmkuhl e eu, em um processo necessariamente colaborativo, e convidamos os seguintes colegas e estudantes da própria UFU: Beatriz Rauscher, Clarissa Borges - que realizou um belo ensaio fotográfico com a peça de

---

<sup>18</sup> Ver também em: [MUnA: um acervo em exposição | EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia](#)

Amílcar de Castro pertencente ao museu -, Cláudia França, Fabiana Carvalho de Oliveira, Luciana Arslan, e Marco Pasqualini de Andrade. Meu trabalho no projeto foi mais o de organizar e apresentar, como Coordenador do MUnA, a publicação, para a qual escrevi *MUSEUS E ACERVOS: uma apresentação*.

Firmada minha decisão em permanecer na Universidade Federal de Uberlândia, pude dedicar-me mais intensamente às orientações de Iniciação Científica e de nosso Mestrado em Artes, onde continuamos nossos seminários de pesquisa e tive a sorte de trabalhar com mestrandos muito dedicados, como foram Dayane de Souza Justino (pintora) e Arley Gomes Leite (professor na rede pública de ensino de Uberlândia), que concluíram e defenderam, respectivamente, as dissertações *Ruínas das cor: poéticas pictóricas do tempo*<sup>19</sup> e *O sorriso da caveira: genealogia de uma representação da morte nas artes visuais*<sup>20</sup>. A pesquisa com Dayane Justino gerou ainda a comunicação apresentada, naquele mesmo ano, no XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA), realizado no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) do Rio de Janeiro, intitulada *POÉTICA DA RUÍNA, POÉTICAS DO TEMPO: paisagem e heterocronia na arte brasileira*.

No campo do Ensino de Graduação destaco, em junho daquele ano, a viagem de campo que organizei com os alunos de ARTE NO BRASIL e de outras disciplinas ao Museu Casa de Portinari, em Brodowski, e à Batatais, no interior paulista - tipo de experiência que apesar de sua aparente simplicidade exige uma logística e responsabilidade que nem todos estão dispostos a assumir, mas que é regamente recompensada pelo impacto positivo que tem na formação dos estudantes.

Prosseguindo com minha produção artística, ainda que de modo paralelo e subsidiário, participei em 2010 em Florianópolis, Santa Catarina, do evento *FAZENDO GÊNERO 9: diásporas, diversidades deslocamentos*, onde realizei a exposição fotográfica *OLHARES DESLOCADOS*; e em Uberlândia, também com fotografias, das exposições coletivas *INTERVALO* e *DO LOCAL AO LUGAR* (com curadoria de Clarissa Borges e Paulo

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/12285>

<sup>20</sup> Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/12291>

Faria) - ambas realizadas na Galeria de Artes Lourdes Saraiva, espaço cultural gerido pela Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia.

Já em 2011 fui membro de Bancas de Concurso Público para Professor Efetivo do próprio Curso de Artes Visuais da UFU<sup>21</sup>, prossegui orientando Iniciações Científicas e Mestrados e participei dos eventos promovidos na própria UFU, como o Festival de Arte e o III Seminário de Pesquisa em Artes, vinculado ao nosso Programa de Pós-Graduação (Seminário do qual fui Presidente da Comissão Organizadora naquele ano). Vale destacar que em 2011 iniciei a orientação do Mestrado em Artes de Maria Carolina Rodrigues Boaventura, que resultaria em 2013 na bem cuidada e original dissertação *PARA SEREM LEMBRADOS: lugares e caminhos do retrato em Uberlândia*<sup>22</sup> - Maria Carolina Boaventura que tempos depois seria, por seus próprios méritos, excelente Professora Substituta de História da Arte no próprio Curso de Artes Visuais da UFU<sup>23</sup>.

Ainda no âmbito do Mestrado em Artes da UFU ministrei, no segundo semestre de 2011, um Tópico Especial elaborado em acordo com meus interesses de pesquisa: *ANACRONISMOS E DESLOCAMENTOS: genealogia e sobrevivência dos gêneros tradicionais nas artes visuais* - disciplina em interface direta com as investigações que eu então desenvolvia.

Fui também membro em Goiânia, do Comitê Institucional Externo de Iniciação Científica da Universidade Federal de Goiás (com apoio do CNPq), que ocorreu no âmbito do seminário de pesquisa que integrou a 63ª REUNIÃO ANUAL AS SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência). Ano em que também participei do Seminário Internacional *Arte, Ciência e construção de uma identidade nacional na América Latina*, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), realizado através do Projeto Temático *Plus-Ultra*, e onde apresentei a palestra *ENTRE O BELO E O ÚTIL: Manuais e práticas do ensino do desenho no Brasil do século XIX* - evento do qual participaram Concepcion Garcia Saiz (Museo de America de Madri, na Espanha), Elaine Dias (Unifesp), Lilia Moritz Schwarcz (FLCH-USP), Luciano Migliaccio (FAU-USP), Luiz Marques (IFCH-Unicamp), Mario Sartor (Universita di Udine) e Valéria Piccoli (Pinacoteca do Estado de São Paulo).

---

<sup>21</sup> Para vagas em HISTÓRIA, TEORIA E CRÍTICA DE ARTE, e DESENHO (como Presidente da Banca).

<sup>22</sup> Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/12333>

<sup>23</sup> Atualmente Maria Carolina Boaventura é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estética e História da Arte do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP).



Publiquei ainda o artigo *VER A PAISAGEM, FORMAR A NAÇÃO: notas sobre o ensino do desenho no Brasil a partir de Belém do Pará*, na *REVISTA DE ESTUDOS AMAZÔNICOS* (v. VI, n. 1); e apresentei em Buenos Aires, no VI Congresso Internacional de Teoría e Historia de las Artes - *LA AUTONOMÍA DEL ARTE: DEBATES EM LA TEORÍA Y EM LA PRAXIS*, organizado pelo Centro Argentino de Investigadores del Arte (CAIA), a comunicação *MUITO ALÉM DO MODERNO: anacronismo e deslocamentos da autonomia da arte no Brasil* (também publicada, naquele mesmo ano, como artigo nos anais do evento).



Oziel na oficina mecânica em que era soldador, Uberlândia, 2011 (fotografia do autor)



Convite da exposição *OZIEL*. Galeria Virmondes, Uberlândia, 2011

**Revista**  
DA LATA OZIEL SOUSA

# SUÇATA VIRA ARTE ALEM DOS ATELIÊS

AS MESMAS MÃOS QUE CONSERTAM CARROS DÃO VIDA A PERSONAGENS POP

**MONALISA REPORTA**

**D**as mãos sujas de graxa, que costumam ficar para lá das peças mecânicas, surgem obras de arte com temática automobilística, feitas de sucata de equipamentos de carro. Os personagens são criados a partir de peças de plástico, metal e madeira. O artista Oziel Sousa, 42 anos, vive em Uberlândia e trabalha em uma oficina de sucata para carros. Ele começou a criar as obras em 2010, quando decidiu usar a sucata que sobra no trabalho para criar personagens de ficção.

Após que para o trabalho em uma oficina mecânica, para o artista Renato Palumbo, professor de História da Arte na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), a arte faz parte da vida. Ele trabalha com peças de sucata, mas que também são peças de ficção. "Eu soube fazer uma sucata que não só seja bonita de olhar, mas que tenha uma história por trás", diz Oziel, que tem as peças expostas em sua oficina em Uberlândia.

Entre as personagens criadas estão o personagem "Gibson" e o robô "Robô". Oziel também criou o personagem "Gibson", um robô com uma cabeça de sucata e um corpo de metal. "Gibson" é um personagem que vive na oficina e é muito querido por todos. Oziel também criou o personagem "Robô", um robô com uma cabeça de sucata e um corpo de metal. "Robô" é um personagem que vive na oficina e é muito querido por todos.

**EXAÇÃO**

Uma das obras mais recentes é a sucata de Oziel Sousa, feita com sucata de carro. Oziel começou a criar as obras em 2010, quando decidiu usar a sucata que sobra no trabalho para criar personagens de ficção.

Uma das obras mais recentes é a sucata de Oziel Sousa, feita com sucata de carro. Oziel começou a criar as obras em 2010, quando decidiu usar a sucata que sobra no trabalho para criar personagens de ficção.

Uma das obras mais recentes é a sucata de Oziel Sousa, feita com sucata de carro. Oziel começou a criar as obras em 2010, quando decidiu usar a sucata que sobra no trabalho para criar personagens de ficção.

**CINEMA**

## NOVO BRIDGET JONES A CAMINHO

**Tercio filme da série começou a sair do papel**

**ALÍCIA GOMES DE ABREU**

Dois anos após o lançamento do primeiro filme da franquia "Bridget Jones", o terceiro filme da série começou a sair do papel. O filme será dirigido por Sharon Maguire e estrelado por Renée Zellweger, Colin Hanks e Hugh Grant.

Dois anos após o lançamento do primeiro filme da franquia "Bridget Jones", o terceiro filme da série começou a sair do papel. O filme será dirigido por Sharon Maguire e estrelado por Renée Zellweger, Colin Hanks e Hugh Grant.

Dois anos após o lançamento do primeiro filme da franquia "Bridget Jones", o terceiro filme da série começou a sair do papel. O filme será dirigido por Sharon Maguire e estrelado por Renée Zellweger, Colin Hanks e Hugh Grant.

Materia jornalística sobre a exposiçao do artista Oziel. Correio de Uberlandia, 15 de agosto de 2011

Ainda em 2011 participei no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), vinculado ao Ministério da Educação (MEC), em Brasília, da Capacitação dos Avaliadores do Basis nos Instrumentos de Avaliação para Autorização, Reconhecimento e Renovação de Reconhecimento dos Cursos de Graduação nas áreas de Música, Dança, Artes e Museologia. Dentre tantas atividades,

porém, a que trouxe maior satisfação foi a curadoria que realizei, na Galeria Virmondes, em Uberlândia, da exposição *OZIEL* - nome do artista que descobri em uma oficina mecânica da cidade, que em suas horas livres criava esculturas antropomorfas soldando peças automotivas descartadas. Exposição que foi tema de reportagem em um programa televisivo local, de apelo popular, intitulado *Chumbo Grosso*, e, também, de uma matéria no jornal impresso local, *O Correio de Uberlândia*, assinada pela jornalista Núbia Mota e intitulada *SUCATA VIRA ARTE ALÉM DOS ATELIÊS: as mesmas mãos que consertam carros dão vida a personagens pop* - matéria para qual escrevi pequeno ensaio crítico sobre o artista. Repercussão que, somando-se a vernissage da exposição, onde estiveram os familiares e colegas de trabalho de Oziel, mecânicos como ele, operou um transbordamento do circuito convencional da arte, para além de seus objetos, espaços e públicos convencionais - transbordamento cada vez mais almejado por mim, e relacionado ao problema da socialização do acesso ao campo da arte e da cultura no Brasil<sup>24</sup>.

Outro acontecimento significativo em 2011 foi o convite feito pelo Padre Rogério Antônio Alves para que eu integrasse a Comissão de Arte Sacra da Diocese de Uberlândia, colaborando na preservação patrimonial das igrejas e bens móveis da Diocese (que congrega uma série de municípios da região). Como membro desta Comissão estive em atividades de prospecção e conscientização patrimonial no histórico município de Estrela do Sul (também no Triângulo Mineiro) e participei como palestrante em um Curso oferecido aos religiosos e membros das comunidades católicas da região, visando promover a educação patrimonial e a conscientização quanto a importância da preservação, em suas localidades, de seus bens artísticos e culturais.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> Em direção inversa, mas análoga, um pouco saturado da excessiva carga de trabalho intelectual a que somos submetidos na Universidade, e sentindo necessidade de realizar algumas atividades manuais em meus momentos de folga, também em 2011 fiz um breve curso de formação como Pedreiro, no qual aprendi com um mestre de obras a preparar a massa do cimento e a erguer uma parede de tijolos - experiência que me fez valorizar ainda mais a dimensão prática e sensível da atividade artística.

<sup>25</sup> Uma curiosidade ocorrida em 2011: o pedido de permissão que recebi da Warner Bros. para uso de uma xilogravura de minha autoria, realizada na década de 80, como objeto de cena do longa-metragem *Extremely Loud & incredibly Close*, lançado no Brasil em 2012 sob o título de *Tão Forte e Tão Perto* e estrelado por Tom Hanks e Sandra Bullock - pedido que deveu-se ao acaso de uma de suas locações, em Nova York, ser o apartamento de uma ex-colega de escola, a quem havia presenteado a gravura em questão há muitos anos atrás.



Altar vazio na Igreja de São Benedito e Menino Jesus querendo colo, Estrela do Sul, Minas Gerais, 2011 (fotos do autor)

## Habilidades em jogo:

Em 2012 participei no Rio de Janeiro, no emblemático Museu da República (Palácio do Catete), do III COLÓQUIO DE ESTUDOS SOBRE ARTE BRASILEIRA DO SÉCULO XIX: *Intercâmbios Culturais entre Brasil e Portugal*. Evento em que apresentei a comunicação *Publicações e práticas do ensino do desenho entre Brasil e Portugal no século XIX*<sup>26</sup>. Também no Rio de Janeiro apresentei, neste ano, no 21º ENCONTRO NACIONAL da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), realizado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), e em parceria com minha então orientanda, Maria Carolina Boaventura, a comunicação *PARA SEREM LEMBRADOS: considerações sobre os usos do retrato em Uberlândia, MG*<sup>27</sup>.

Em Brasília apresentei no XXXII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE – *Direções e Sentidos da História da Arte*, a comunicação *ENCONTRO DE HORIZONTES: anacronismos e deslocamentos na paisagem brasileira*, na qual abordei obras de uma série de artistas contemporâneos ligados à Uberlândia e região que fizeram uso da noção de paisagem enquanto gênero artístico em suas produções - quando também tornei-me membro do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA), entidade que congrega historiadores da arte em atividade no Brasil e de cujos colóquios já era frequentador desde muitos anos.

Organizamos em Uberlândia, Alexander Gaiotto Myoshi, Marco Andrade Pasqualini e eu, o SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TEORIA, CRÍTICA E HISTÓRIA DA ARTE: *Migrações e Alteridades*, tendo como conferencistas convidados Annateresa Fabris, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), Isabel Plante, historiadora da arte argentina vinculada a Universidad Nacional de San Martin (UNSAM) e ao Centro Argentino de Investigadores del Arte (CAIA), e Neville Rowley (então vinculado ao Metropolitan Museum of Art, NY, e a Accademia di Francia em Roma)<sup>28</sup>.

---

<sup>26</sup> Evento que gerou a publicação, no ano seguinte, do livro *OITOCENTOS: intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal* (Seropédica: Editora da UFRJ, 2013), contendo o texto de minha comunicação.

<sup>27</sup> Disponível em: [maria\\_carolina\\_boaventura\\_e\\_renato\\_doria.pdf](#)

<sup>28</sup> Ver imagens em: <http://seminarionupav.blogspot.com/?m=1>



Cartaz e imagens do SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TEORIA, CRÍTICA E HISTÓRIA DA ARTE: Migrações e Alteridades, Uberlândia, 2012

A grande demanda de 2012 esteve, porém, ligado às funções administrativas, pois fui eleito para exercer, até 2014, o cargo de Coordenador do Curso de Artes Visuais da UFU<sup>29</sup>, tarefa que busquei desempenhar com serenidade e de modo colaborativo, contando sempre com a participação do Colegiado de Curso. Destaco aqui, contudo, meus esforços para, como Coordenador, encaminhar a suspensão imediata da exigência da chamada Prova de Habilidade Específica para ingresso no Curso: decisão que já havia sido tomada coletivamente, por ampla maioria de votos. O fato é que se antes o Curso não preenchia todas as vagas ofertadas, e formava pouquíssimos alunos a cada ano, a partir de então, e somando-se a outras mudanças nos mecanismos de ingresso de estudantes na Universidade, o cenário transformou-se radicalmente, com a ocupação de todas as vagas ofertadas e, conseqüentemente, com a entrada e estabelecimento no Curso de uma ativa e diversificada comunidade de estudantes. Agora, nos dias em que escrevo esse Memorial, é perceptível a ocupação das vagas do Curso de Artes Visuais da UFU por uma juventude ávida por se fazer presente e representada, e que tem na Universidade uma importante ferramenta para este processo.

Na qualidade de Coordenador do Curso de Artes Visuais participei ainda, em setembro de 2012, do FÓRUM NACIONAL DOS COORDENADORES DE CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS, realizado na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, Rio de Janeiro - e em fins deste mesmo ano tive, mais uma vez, fotografias minhas participando de uma exposição coletiva: a *VITROLA VISUAL*, realizada na cidade de Araguari, Minas Gerais, sob curadoria de João Virmondos.

Prosseguindo com minhas participações junto ao Centro Argentino de Investigadores del Arte (CAIA), iniciadas desde antes de meu ingresso na UFU, apresentei em 2013 em Buenos Aires, com apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), no VII CONGRESO INTERNACIONAL DE TEORIA E HISTORIA DE LAS ARTES - *Las redes del arte: intercâmbios, procesos y trayectos en la circulación de las imágenes*, a comunicação intitulada *UM RETRATO MEDIÚNICO DE DELPINO FILHO: circulação, apropriação e diferença no modernismo brasileiro*. Comunicação realizada em parceria com a pesquisadora em Psicologia da Educação Cláudia Silva de Souza, da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de

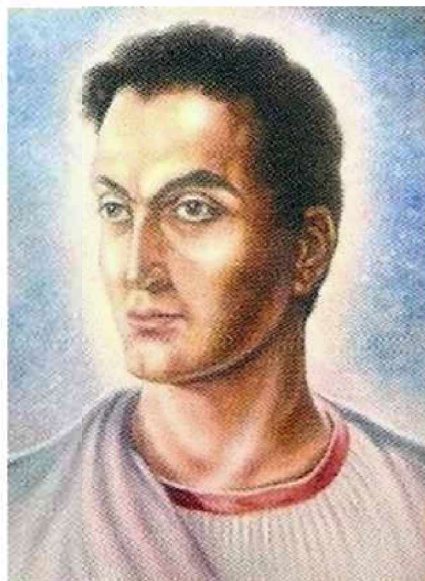
---

<sup>29</sup> Cargo que ocupei por dois anos, entre maio de 2012 e maio de 2014.

Uberlândia (ESEBA-UFU), e na qual tratamos de um desenho hagiográfico, representando uma entidade do espiritismo kardecista, realizado na década de 1950 por Delpino Filho, um dos pioneiros do modernismo em Minas Gerais (comunicação devidamente publicada nos anais do evento).



Delpino Filho: *Retrato de Emannoel*, 1954  
Aprox. 50 X 42cm. Grafite e pigmento brando sobre papel (coleção do autor)



Estampa impressa com imagem de *Emannoel*, sd., e *Perfil de Tiradentes*, por Alberto Delpino (1911)



Tratava-se, novamente, de trabalhar sobre objetos estéticos e culturais próximos de Uberlândia e da região do Triângulo Mineiro, onde o espiritismo de matriz positivista francesa teve grande penetração já entre fins do século XIX e começos do século XX. O fato de o artista em questão ter por pai Alberto Delpino, outro emblemático pintor mineiro, autor da imagem que se torna o retrato oficial de Tiradentes, mártir da Independência brasileira, acrescentava camadas adicionais de interpretação ao desenho de Delpino Filho, com o congresso em questão propondo discutir o tema da “circulação das imagens”. Neste caso, além das relações simbólicas entre as obras dos dois artistas, a hipótese vislumbrada foi a de que tal desenho teria servido de base para as estampas coloridas que, reproduzidas aos milhares, se fazem hoje presentes em centros espíritas de todo Brasil - interessando também observar como o modernismo mineiro teria recorrentemente incorporado, em sua produção, as temáticas históricas e religiosas.

No Rio de Janeiro participei do XXXIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE - *Arte e suas Instituições*, realizado na Fundação Casa de Rui Barbosa, e onde apresentei *RETRATOS À MARGEM: imagens invisíveis da arte no Brasil* - comunicação em que abordei a curadoria realizada com o acervo do MUnA em parceria com Luciene Lehmkhul e a estética ruralista de Ido Finotti, pintor de paisagens uberlandense que relatei com a poética de artistas contemporâneos que também tratam, contemporaneamente, da paisagem e da questão ambiental na região<sup>30</sup>. Nesta ocasião, quando da assembleia de encerramento do evento, Luciene Lehmkhul, Marco Andrade Pasqualini e eu, então todos docentes na UFU e membros do CBHA, oferecemos aos outros colegas a possibilidade de realizarmos a próxima edição do evento em Uberlândia, compreendendo a responsabilidade implicada neste compromisso mas, também, a oportunidade que tal realização significaria para o fortalecimento de nossa área na Universidade e do próprio reconhecimento da UFU no cenário nacional<sup>31</sup>.

Em São Paulo participei, como convidado, do 6º SEMINÁRIO ARTE, CULTURA E FOTOGRAFIA - *A Imagem e seus Suportes*, realizado no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), onde apresentei a comunicação A

---

<sup>30</sup> Texto disponível em: [http://www.cbha.art.br/coloquios/2013/anais/pdfs/s5\\_renatopalumbo.pdf](http://www.cbha.art.br/coloquios/2013/anais/pdfs/s5_renatopalumbo.pdf)

<sup>31</sup> Em 2022 a Universidade Federal de Uberlândia entrou para o ranking internacional das melhores universidades do país. Ver mais em: [UFU entra em lista de melhores universidades do mundo | Triângulo Mineiro | G1 \(globo.com\)](#)

*SOBREVIVÊNCIA DOS GÊNEROS: anacronismos e invisibilidades da arte no Brasil* - publicada na forma de artigo, no ano seguinte, na revista Boletim\_7 / Grupo de Estudos Arte&Fotografia (CAP-ECA-USP, 2014). Também em 2012 a Secretaria do Estado de Educação de São Paulo (SEESP) publicou, sob organização de Rita Luciana Berti Bredarioli, e em parceria com a Universidade Estadual Paulista (UNESP), *METODOLOGIAS PARA ENSINO E APRENDIZAGEM DE ARTE* - material de apoio da Rede São Paulo de Formação Docente, voltada para os Ensino Fundamental II e Ensino Médio, na qual tive minha tese de doutorado sobre a história do ensino do desenho no Brasil mencionada e citada como referência para os estudos na área<sup>32</sup>.

Ainda Coordenador do Curso de Artes Visuais, encaminhei para os colegas de seu Colegiado Ampliado uma série de questões e propostas que compilei, relativas à avaliação de nosso Projeto Político Pedagógico, tratando de temas que seriam enfrentados, tempos depois, por um novo Projeto de Curso, como tempo de conclusão de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), refiguração da disciplina METODOLOGIA DE PESQUISA EM ARTE, análise do sistema de pré-requisitos e co-requisitos do Curso, redimensionamento de cargas horárias, estímulo a projetos interdisciplinares e outros tópicos de interesse - tendo ainda participado, novamente, do FÓRUM DE COORDENADORES DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS, desta vez realizado em Recife, Pernambuco.

Vale registrar que como Coordenador estive por dois anos participando das reuniões dos Conselhos Superiores da UFU, em suas diferentes instâncias, em contato direto com Reitores, Pró-Reitores, Diretores de Unidade e Coordenadores de múltiplos Cursos, o que mais uma vez me deu oportunidade de melhor compreender o complexo funcionamento e imensa responsabilidade da Universidade Pública no Brasil. Participei ainda, neste período, das comissões de seleção de alunos para ingresso no Mestrado em Artes do IARTE-UFU, e de inúmeras outras Bancas, na Graduação e na Pós-Graduação.

---

<sup>32</sup> Publicação da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo disponível em: [2ed\\_art\\_m2d4\(1\).pdf](#)

ficha

sumário

bibliografia

TEMAS

1

2

3

4

5

Unesp/RedeJor • Módulo II • Disciplina 04

Outro estudo elucidativo sobre método de ensino durante o século XIX no Brasil é a tese de doutorado de Renato Palumbo Dória (2005), *Entre o Belo e o Útil: manuais e práticas de ensino do desenho no Brasil do século XIX*, defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU-USP.

A pesquisa de Renato Palumbo Dória é sobre manuais de ensino de desenho que circulavam no Brasil durante o século XIX, alguns de origem portuguesa, sempre trazendo referências acadêmicas. De sua tese apresentamos a citação de um anúncio para modelo vivo publicado em um jornal de 1834. Nessa podemos encontrar, explicitamente, a concepção acadêmica européia de ensino da arte como um paradigma a ser seguido:

“A Academia das Bellas Artes, para equiparar os meios de estudo, que ela oferece aos Alunos, como os das mais Academias da Europa, necessita de um homem Branco, Nacional ou Estrangeiro, robusto e jovem, que sirva de modelo. Quem estiver nas mencionadas circunstancias pode-se dirigir à mesma Academia na travessa Sacramento, das onze horas da manhã até às duas da tarde, para tratar do ajuste, que será favorável” (DÓRIA, 2005, p. 104).

Um outro livro, também sobre o ensino acadêmico e sua interferência na formação específica de artistas mulheres brasileiras é o de Ana Paula Simioni *Profissão Artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras*. Como exemplo do rigor do método acadêmico, destacamos do texto de Siminoni o seguinte trecho sobre um desenho reprovado da então aluna de escultura Julieta França:

Um desenho por ela elaborado em 1899, a partir do gesso, recebeu parecer contrário da comissão [...]. De fato a produção continha defeitos evidentes. Especialmente no que concerne aos erros grosseiros de anatomia: como o exagerado cotovelo esquerdo que se confunde com uma suposta prega a pender do meio das costas, ao que se seguia o contorno excessivamente volumoso nas nádegas e ainda os tendões demasiadamente pronunciados na perna esquerda do modelo, uma estatueta em gesso. Mas havia também a demonstração de certas qualidades, como o bom uso das sombras e um dom para a captação de volumes. Se o desconhecimento anatômico e a incapacidade de registrar o objeto eram aspectos profundamente comprometedores para qualquer estudante de belas-artes, em se tratando dos escultores eram negligências imperdoáveis (SIMIONI, 2008, p. 169).

30




## Hasta la victoria!:

Em 2014 formalizou-se minha participação como membro da Comissão de Arte Sacra, Arquitetura, Memória e Bens Culturais da Diocese de Uberlândia, por nomeação do Bispo Diocesano Dom Paulo Francisco Machado. Neste ano também comecei a orientar no Mestrado ao professor de artes da rede pública de Uberlândia Manuel Alves Rocha Neto, que defenderia a interessante dissertação *Fragments iconográficos de uma poética do abandono*<sup>33</sup>. Ainda como Coordenador de Curso dei prosseguimento, junto aos colegas, a avaliação de seu Projeto Político Pedagógico, registrando e encaminhando uma série de sugestões para sua melhoria. Participei, na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), do I ENCONTRO NACIONAL DO ENSINO SUPERIOR DAS ARTES, que visava costurar parcerias entre o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura - ministérios então entendidos como instâncias essenciais do Estado e da sociedade brasileira.

No início de 2014 publiquei um pequeno texto crítico sobre o pintor uberlandense Ido Finotti na revista cultural *ALMANAQUE: Uberlândia Ontem & Sempre* (ANO 4, n.6), compreendendo cada vez mais a importância estratégica de se produzir, à partir da universidade, para um público mais amplo e diversificado do que apenas o do ambiente acadêmico. O grande evento deste ano foi com certeza a organização em Uberlândia, com repercussão regional e nacional<sup>34</sup>, do XXXIV COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE / Territórios da História da Arte, realizado na UFU entre 26 e 30 de agosto. Com apoio do Instituto de Artes (IARTE), do Instituto de História (INHIS) e de nossa Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PROPP-UFU), e com comissão local da qual participaram Alexander Gaiotto Myoshi, Luciene Lehmkhul, Marco Andrade Pasqualini<sup>35</sup> e eu, o colóquio foi então aberto à participação, naquele ano, de não membros do comitê, e atraiu um extraordinário público, surpreendendo a muitos a capacidade da Universidade Federal de Uberlândia em tão bem acolher e gerir

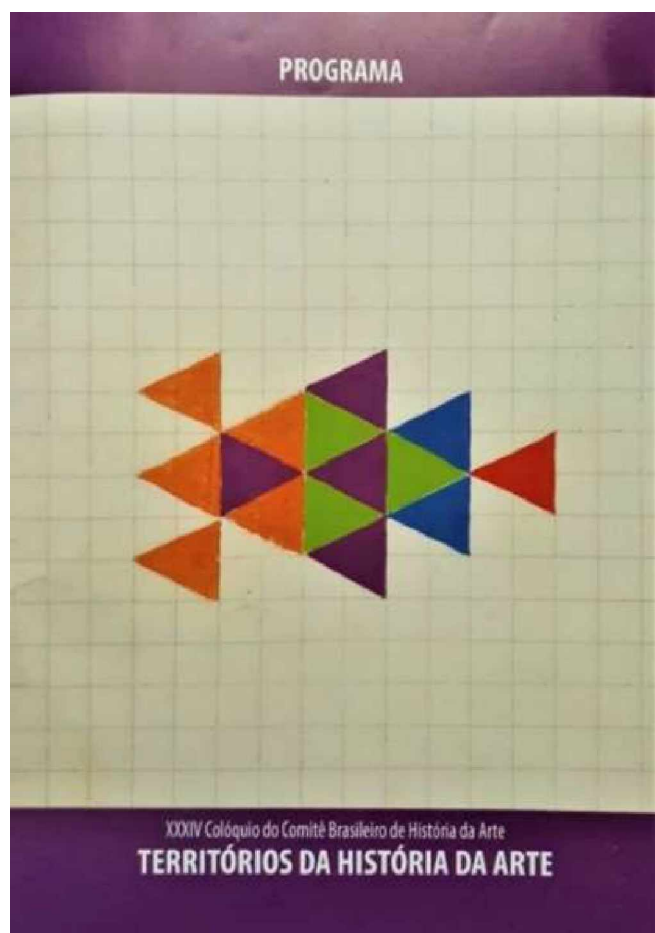
---

<sup>33</sup> Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/12371>

<sup>34</sup> Ver matéria jornalística sobre o evento em: [G1 - Abertas inscrições para Colóquio sobre História da Arte em Uberlândia - notícias em Triângulo Mineiro \(globo.com\)](#)

<sup>35</sup> Nosso colega no Curso de Artes Visuais do IARTE-UFU que posteriormente se tornaria Presidente do Comitê Brasileiro de História da Arte.

um evento de tal dimensão - o que foi fruto de um trabalho realizado com prazer e determinação, na medida em que compreendemos a importância simbólica de trazer o encontro do CBHA, que em geral só se realiza nas grandes capitais do país, para nossa Universidade. Dentre seus convidados estiveram presentes, entre outros, pesquisadores do México (Deborah Dorotinsky - Universidade Autônoma do México), da Argentina (José Emilio Burucúa - Univesidade de San Martin, Buenos Aires), da China (Lao Zhu - Universidade de Pequim), da Itália (Marzia Faietti<sup>36</sup> - Galeria degli Uffizi, Florença), da Suíça (Peter Schnnemann - Universidade de Berna), e da França (Thierry Dufrêne - Universidade de Paris).<sup>37</sup>



Capa do caderno com a programação do XXXIV COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE / *Territórios da História da Arte*, com imagem de autoria do artista uberlandense Willys de Castro. Uberlândia, 2014

<sup>36</sup> Simpática historiadora da arte italiana, sediada em Florença, que confraternizou conosco e com os estudantes que trabalharam como monitores do encontro no encerramento festivo no restaurante de comidas típicas Fogão de Minas, e que é, desde setembro de 2021, Presidente do Comitê Internacional d'Histoire de l'Art (CIHA)

<sup>37</sup> Cumpre salientar que o evento contou com um eficiente sistema de tradução simultânea, nestes casos.

Em paralelo ao evento do CBHA se inaugurou em parceria com o MUuA, então sob gestão de Alexander Gaiotto Miyoshi, a grandiosa exposição *100 ANOS DA PINACOTECA NO MUuA: encontro de acervos*, que contou, entre outras, com obras originais de Almeida Júnior sob a curadoria conjunta e cuidadosa do próprio Alex Miyoshi e de Fernanda Pitta, então na Pinacoteca do Estado de São Paulo<sup>38</sup>.

**“UBERLÂNDIA SEDIA COLÓQUIO INÉDITO SOBRE HISTÓRIA DA ARTE. Programação, organizada por diferentes Cursos da UFU, está em diferentes lugares”, por Pablo Pacheco. Matéria sobre a realização do Colóquio do CBHA na UFU, *Correio de Uberlândia*, 27 de agosto de 2014**

Ao fim do Colóquio do CBHA em Uberlândia ainda se organizou, como parte de suas programações, uma visita guiada à Igreja do Espírito Santo do Cerrado, já então sede do Museu de Arte Sacra de Uberlândia - museu para cuja fundação, como membro da Comissão de Arte Sacra da Diocese de Uberlândia, contribuí, ainda que indiretamente, e junto a outros colegas do Curso de Artes Visuais, como do próprio Alexander Miyoshi. Igreja do Espírito Santo do Cerrado que foi projetada pela arquiteta

<sup>38</sup> Fernanda Pitta é, desde 2022, Pesquisadora do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP).

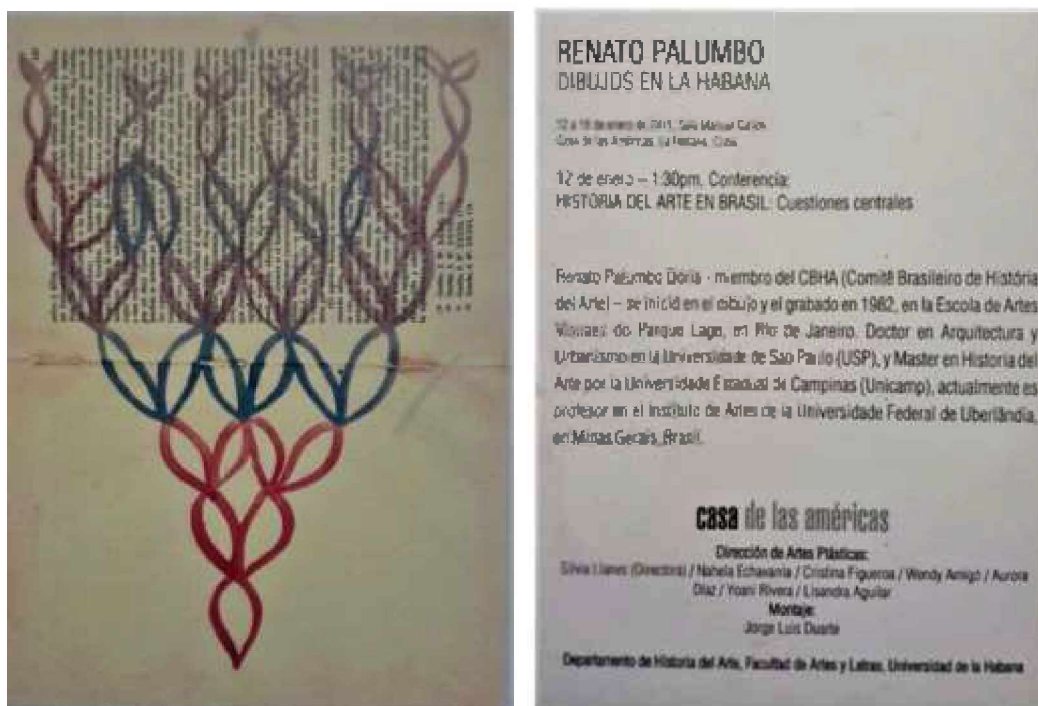
Lina Bo Bardi (Roma, Itália, 1914 - São Paulo, SP, 1992)<sup>39</sup> e construída pelo sistema de mutirão comunitário, em parceria com a arquiteta, entre as décadas de 1970 e 1980.

A programação visual do colóquio do CBHA em Uberlândia, por sua vez, contou com uma obra de Willys de Castro (Uberlândia, MG, 1926 – São Paulo, SP, 1988) pertencente aos acervos da Pinacoteca do Estado de São Paulo, e seu Caderno de Resumos pode ser acessado em: [\(99+\) Caderno de Resumos do XXXIV Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte | Karin Philippov - Academia.edu](#)

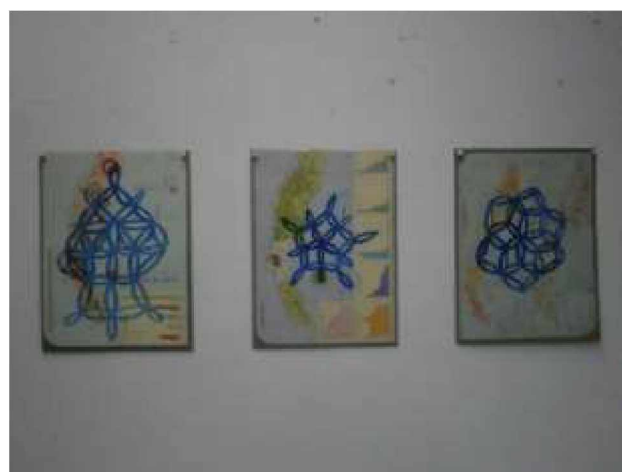
Também em 2014, após dois anos como Coordenador do Curso de Artes Visuais, obtive autorização de meus colegas para realizar uma Licença Capacitação na Facultad de Artes y Letras da Universidad de La Habana, em Cuba, país emblemático por sua longa história colonial e pelo impacto que sua Revolução de 1959 causou na segunda metade do século XX. Meu projeto era, sinteticamente, realizar um levantamento bibliográfico, documental e visual que permitisse esboçar um estudo comparado entre a história da arte no Brasil e em Cuba. Já em Havana, contudo, além de realizar os levantamentos planejados, acabei por me envolver em uma série de novas atividades, como dar um curso sobre a história da arte no Brasil para os alunos do Mestrado em Historia del Arte da Universidad de La Habana. Curso ao qual se somou a realização de duas exposições individuais: uma instalação com gravuras, na qual se deu a performance de trocar os trabalhos expostos pelo que o público me oferecesse, de abraços e livros usados à trabalhos artísticos próprios - exposição apropriadamente batizada de *CATIRA* (que é como é chamado este sistema de trocas na região rural do Triângulo Mineiro), realizada na própria Universidad de la Habana - e outra exposição, de desenhos (*RENATO PALUMBO. DIBUJOS EM LA HABANA*), no emblemático espaço cultural da Casa de Las Américas, onde também dei uma conferência sobre arte brasileira intitulada *HISTORIA DEL ARTE EM BRASIL: cuestiones centrales*.

---

<sup>39</sup> Sobre a atuação de Lina Bo Bardi em Uberlândia escutar a fala do pesquisador Lu de Laurentiz, da Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da UFU, em: <https://youtu.be/tNlCdXNunE>



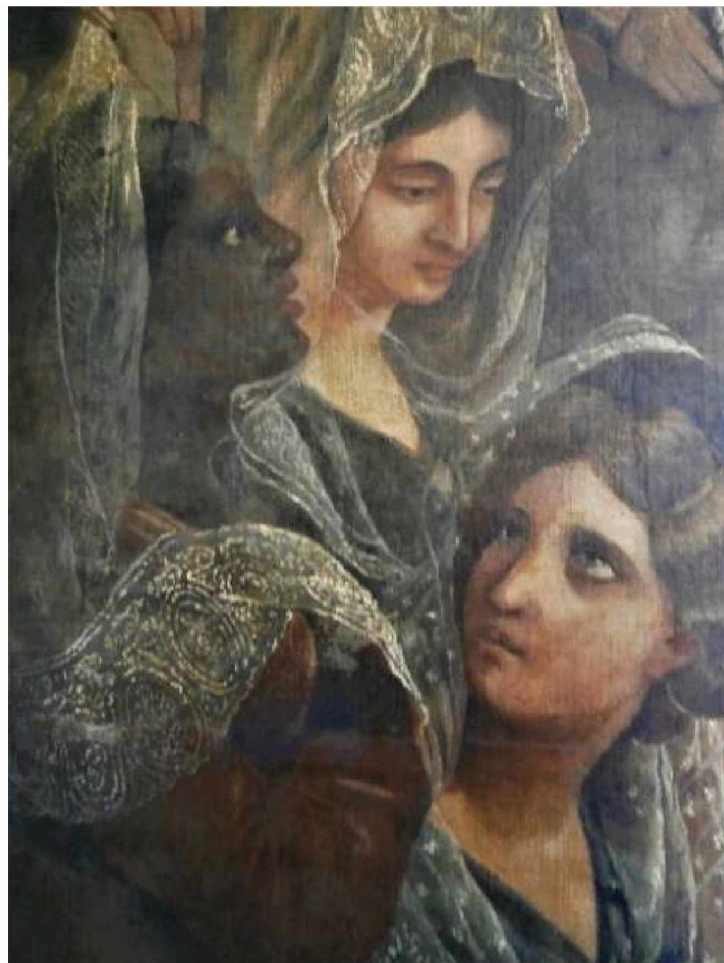
Frente e verso do convite para a exposição individual **RENATO PALUMBO. DIBUJOS EM LA HABANA. CASA DE LAS AMÉRICAS**. Havana, Cuba, janeiro de 2015



**RENATO PALUMBO. DIBUJOS EM LA HABANA**  
 Exposição individual na **CASA DE LAS AMÉRICAS**. Havana, Cuba, janeiro de 2015



Assim, em comum acordo com a Direção da Faculdade de Artes y Letras da Universidade de La Habana, e a partir do efetivamente lá realizado, que em muito ultrapassou o planejado, validou-se minha atuação extra em Cuba como um breve estágio pós-doutoral, cumprindo integralmente os objetivos de minha Licença Capacitação, da qual prestei contas regularmente, mas também trazendo de Cuba esta produção adicional. Estudos e pesquisas em Cuba que geraram farto material e algumas comunicações posteriores. Me interessou sobretudo, no estudo comparado que fiz, as aproximações possíveis entre a arte do Brasil e de Cuba durante o século XIX, pelas contradições da irradiação acadêmica francesa em sociedades marcadas pelo colonialismo e, já no século XX, nos movimentos modernos que se sucederam em ambos os países, pela desejada representação da cultura popular, em especial de matriz africana – questão que chega até a contemporaneidade da visualidade cubana e brasileira.



Jean Baptiste Vermay: *La inauguración del Templo*, 1828. Óleo sobre tela  
La Habana, Cuba

Outro material que produzi em Havana foram as fotografias que realizei no pouco conhecido Cemitério Chinês (ou 'Cementerio Chino'), fundado em fins do século XIX em decorrência da intensa imigração chinesa para Cuba naquele período. Não sendo a arte e arquitetura funerárias meus campos de investigação, entretanto, compartilho estas imagens abaixo como registro, mas, também, como dado de reflexão sobre as inúmeras possibilidades de pesquisa que se abrem para além dos museus e dos espaços institucionalizados da arte, através da caminhada atenta por ambientes urbanos desconhecidos, colocando-nos diante das paisagens e das gentes não como meros consumidores e turistas, mas sim como espectadores engajados e envolvidos.

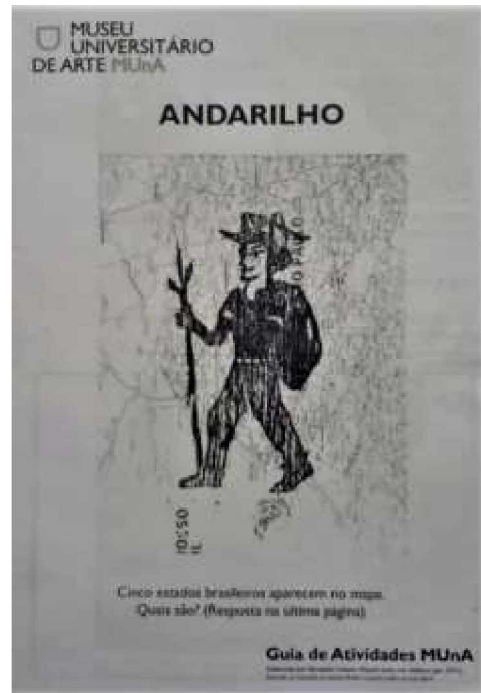


Cemeterio Chino de Havana, Cuba, 2015 (fotos do autor)

Além dos aspectos pragmáticos de minha experiência cubana, enquanto produção em pesquisa, cumpre ressaltar a aprendizagem humana que representou tal experiência: são muitas as similitudes entre a cultura e história da arte cubana e brasileira, como nas matrizes africanas presentes nos dois países, na marca dos processos estéticos coloniais e na introdução, no século XIX, de um ensino artístico acadêmico baseado em artistas e modelos franceses - similitudes que fazem perceber características e recorrências muito produtivas enquanto perspectiva de análise. As diferenças entre os dois países, porém, também são enormes: Cuba, uma pequena ilha escassa de recursos que continuamente pretende participar do cenário geopolítico global e o Brasil, gigante econômico, demográfico e geográfico que frequentemente parece não saber de sua própria importância no âmbito internacional. O período em Cuba foi assim, dialeticamente, com o distanciamento muitas vezes nos fazendo melhor enxergar, oportunidade de melhor entender meu próprio país e suas enormes potencialidades, com a riqueza humana, cultural e de recursos materiais que temos ao nosso dispor.

Como frutos de minha estadia em Cuba apresentei em 2015, no SEMINÁRIO AMÉRICA LATINA - cultura, história e política, a comunicação ESTUDOS COMPARADOS ENTRE AS ARTES VISUAIS DE CUBA E DO BRASIL: possibilidades para uma história da arte latino-americana - evento realizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Relações Internacionais da UFU. Também como consequência desta temporada em Havana apresentei, no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), no Rio de Janeiro, no XXXV COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE - Novos Mundos: Fronteiras, Inclusão, Utopias, a comunicação "NO ES FACIL": estudos comparados da História da Arte do Brasil e de Cuba.

De volta à Uberlândia, me integrei novamente ao MUnA como membro de seu Conselho e responsável por sua política de acervo, e neste mesmo ano a equipe do educativo do museu utilizou uma xilogravura de minha autoria na produção do *Guia de Atividades MUnA*, utilizado em suas ações didáticas.



Guia de Atividades MUnA. Alexander Gaiotto Miyoshi, 2015

Particpei ainda, no MUnA, da mostra coletiva *REFAZENDO NÓS*, com trabalhos de docentes do Curso de Artes Visuais da UFU, e realizei em paralelo a curadoria da exposição *AS ASAS DO CHÃO*, com trabalhos e intervenções gráficas de Rhayani Paschoalim, então aluna do Curso de Design da UFU - exposição para a qual produzi o seguinte texto de apresentação:

### **AS ASAS DO CHÃO**

#### **Rhayani Paschoalim**

*Curió é bicho matreiro, de pouso incerto, que avoa por aí, batendo asas sem cansar.*

*Rhayani é Curió, e as asas de um podem ser os pés da menina que voa. Pois você não sabia?!... Os pés também podem ser asas!... Pés que nos levam por aí, pisando suaves amores e destinos, tropeçando com carinho as pedras do caminho, desenhando assim, pelas trilhas que passam, auto-retratos andarilhos, que se abrem em entregas sem medo.*

*Com seus "amores terrosos", e seus "transbordamentos da cor", Rhayani nos coloca diante do chão. De um chão,*

*contudo, que se abre para muito mais: para o saber de si e o sabor dos outros. Para onde nos levam? Para onde vão?... Os pés são, porém, o próprio lugar do encontro, tecendo as geometrias do desejo mesmo quando não os vemos, mesmo quando não os sentimos. Mesmo quando não os pensamos os pés estão lá, no caminh-ar, descobrindo os afetos dos lugares e a arquitetura incerta dos abraços e sorrisos, paisagens e passagens das cidades.*

*Curió/Rhayani sabe assim ver, nos ensinando com seus olhos miúdos e bem abertos, com sua graça de bicho voador, a também observar algo de muito importante: onde colocamos nossos pés, para onde batemos nossas asas.*

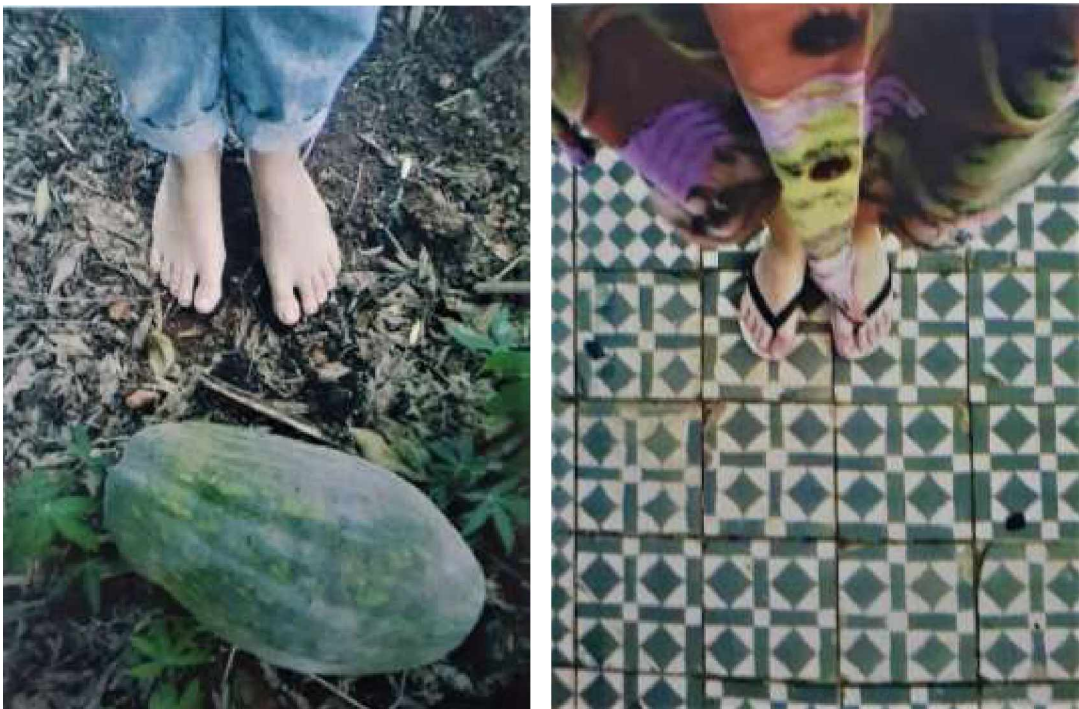


Imagem do folder da exposição AS ASAS DO CHÃO, de Rhayani Paschoalim. Curadoria de Renato Palumbo Dória. Museu Universitário de Arte (MUnA), 20015.



Imagem do folder da exposição *AS ASAS DO CHÃO*, de Rhayani Paschoalim. Curadoria de Renato Palumbo Dória. Museu Universitário de Arte (MUNA), 20015.

Neste mesmo ano participei em Cali, na Colômbia, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), do IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE ARTE PUBLICO EM LATINOAMERICA: *Pasados presentes*, com a comunicação *O BUSTO DE JOSÉ MARTÍ EM LA HABANA: apropriações contemporâneas do escultórico*, escrita em parceria com o crítico e historiador da arte cubano Hamlet Fernandez Diaz, então docente da Universidad de La Habana – evento que, por tratar de experiências concretas de arte pública, trazendo contribuições de pesquisadores de vários países latino-americanos, e realizar-se em Cali, na Colômbia, território e país com uma memória recente muito ligada à violência política, com grande número de pessoas mortas e desaparecidas nas últimas décadas, inevitavelmente trouxe à tona relatos ligados a esta memória.

Convidado pela Diretoria de Culturas (DICULT) da Universidade Federal de Uberlândia, órgão vinculado à sua Pró-Reitoria de Extensão (PROEX-UFU), apresentei nas cidades de Ituiutaba e Monte Carmelo, na região do Triângulo Mineiro, onde a UFU também atua, a palestra *REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NA ARTE BRASILEIRA: história de uma guerra de imagens* - palestra que também realizei, como convidado, na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, em Diamantina (UFVJM),

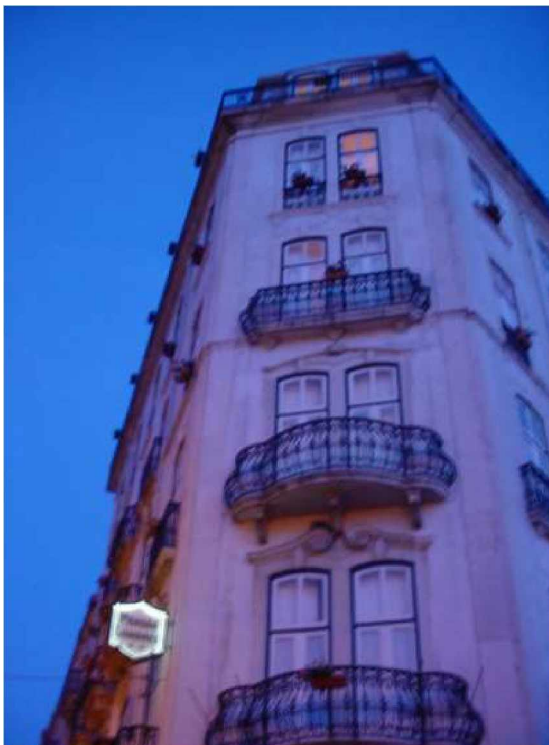
Minas Gerais, em sua IV SEMANA DE INTEGRAÇÃO: ensino, pesquisa e extensão. Convidado por sua vez pelo Instituto de Psicologia da UFU fui membro da Comissão Julgadora da I MOSTRA CULTURAL DE DIVERSIDADE SEXUAL DA UFU, selecionando as propostas artísticas para o evento.

Publiquei também em *CAIANA*, revista do Centro Argentino de Investigadores del Arte (CAIA), no segundo semestre de 2015, uma resenha do livro *SOBRE A ARTE BRASILEIRA: da pré-história aos anos 1960* (São Paulo: Martins Fontes, 2015, 368 páginas), organizado por Fabiana Werneck Barcinsky com a participação de Ana Paula Cavalcanti Simioni, Elaine Dias, Francisco Alambert, Luciano Migliaccio, Myrian Andrade Ribeiro de Oliveira e Valéria Picolli, entre outros autores<sup>40</sup>.

Por fim, outra participação especial ocorrida em 2015, pela oportunidade de nela aprofundar algumas experiências anteriores, relativas à História da Arte como gênero também literário, foi a apresentação, a convite da então colega Beatriz Basile Rauscher (líder do Grupo de Pesquisa Poéticas da Imagem), da comunicação intitulada *A BELLA RUSSA* no Seminário de Pesquisa *FOTOGRAFIA: NARRATIVAS E FABULAÇÕES*, realizado no MUnA. Comunicação na qual me permiti, até pelas “fabulações” e “narrativas” já contidas no título do evento, mesclar personagens reais e fictícios me valendo de algumas convenções historiográficas, utilizando-me das diferentes camadas da imagem fotográfica (documental e artística) e tensionando, ludicamente, a noção de veracidade e as fronteiras ambíguas entre história, literatura e criação artística.

---

<sup>40</sup> Resenha disponível em [Resenha Palumbo.pdf](#)



Locais em que a Bella Russa teria vivido, em Lisboa, Portugal (fotografias do autor)



Natascha Aleksándra Pietrovna Mikháilovitch Niezvánova, a Bella Russa, com seus amigos modernistas de São Paulo, Brasil, década de 1920. Arquivo pessoal.



## O desafio de orientar Jesus:

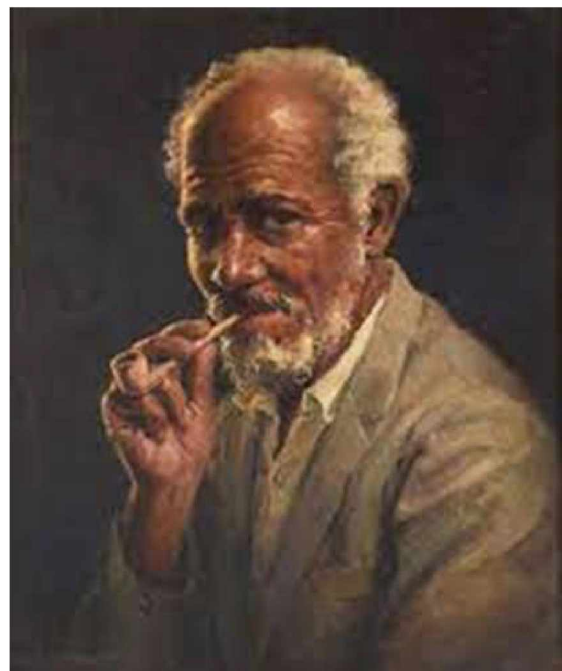
O ano de 2016 foi especialmente difícil para o país. As dificuldades deste ano, porém, foram ativadas também a partir de lugares inusitados, como no cotidiano de minha própria atividade docente, em que fui percebendo, sobretudo nas aulas da disciplina ARTE CONTEMPORÂNEA (que por vezes também ministro), certas singularidades dos modos de compreensão atuais. Não sei se em decorrência da atmosfera política de então, com uma polarização que se acirrava em grande medida artificialmente, percebi em alguns a imperiosa necessidade de ‘enquadrar’ professores e colegas, no sentido de lhes impingir etiquetas classificatórias muito limitadas - notando, sobretudo diante das reações a alguns dos conteúdos e repertórios que eu compartilhava nas aulas, uma permanente demanda não por compreendê-los em sua singularidade, mas sim por imediatamente julgá-los de modo reducionista.

Minha preocupação passou a ser, então, com o que me pareceu uma crise coletiva da capacidade interpretativa e de elaboração simbólica, notando que para muitos o que apresentamos em sala de aula é tomado automaticamente como modelo integralmente validado pelo professor. A Arte Contemporânea, portanto, que se caracteriza pelo questionamento ao estabelecido, pela inquietação e pela dúvida, é, neste contexto, campo fértil para inúmeros mal-entendidos. Assim, apesar de eu próprio continuamente questionar em aula a disfunção atual das categorias pretensamente universais da arte e da cultura, fui percebendo estarmos em um tempo permeado pela absurdidade cognitiva e pelo bloqueio interpretativo - tempo centrado em uma percepção plana e unidimensional da realidade, como as telas digitais. Contexto de achatamento interpretativo que se presta a múltiplos equívocos, tornando-se um desafio abordar em aula, por exemplo, produções complexas como as do espanhol Santiago Sierra (Madri, Espanha, 1966), que com sua ‘estética remunerada’ e exploração/exposição artística do trabalho de imigrantes ilegais, prostitutas, viciados e desempregados, traz ao palco da arte a perversidade do modelo econômico-social dominante<sup>41</sup>. Nos anos seguintes busquei ser mais objetivo e didático ao levar aos

---

<sup>41</sup> Sobre a “estética remunerada” de Santiago Sierra ver texto da historiadora da Arte Ângela Grandó (UFES), em <https://periodicos.ufes.br/farol/article/view/11045/8507>

alunos repertórios que poderiam parecer-lhes perturbadores, tratando estes repertórios com cuidado redobrado e levando os próprios alunos a discutir temas relacionados aos mecanismos de censura e controle social que hoje rondam o campo das artes.



Vicente Caruso: imagem comemorativa do IV Centenario de São Paulo e Preto Velho, sd

Ainda assim, em 2016 apresentei, em parceria com a pesquisadora Paula Vermeersch, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), a comunicação *O DESENHO PARA ALÉM DA ACADEMIA: circulações e práticas do desenho no Brasil do século XIX*, no VII SEMINÁRIO DO MUSEU D. JOÃO VI / MODELOS NA ARTE: 200 anos da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro, realizado no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA). No XXXVI COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, por sua vez, realizado este ano na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), apresentei a comunicação *ENTRE SANTOS, PRETOS VELHOS E PIN-UPS: uma hagiografia desconhecida*, na qual tratei da produção visual de ampla circulação do artista paulista Vicente Caruso (São Carlos, SP, 1912 – São Paulo, SP, 1986). Reiterava, assim, uma busca que já havia estabelecido, deslocando o olhar historiográfico para objetos estéticos e culturais em geral menosprezados pela discussão acadêmica, abrindo novas perspectivas de análise para fenômenos e experiências que não são de fato isoladas, mas que tecem complexas tramas com as obras e trajetórias artísticas já validadas institucionalmente.

Publiquei também em 2016 na revista *TAREA*, Anuario del Instituto de Investigaciones sobre el Patrimonio Cultural (Ano 3, octubre de 2016), da Universidad Nacional de San Martín (USAM), uma resenha sobre o *IV SEMINARIO INTERNACIONAL SOBRE ARTE PÚBLICO EN LATINOAMÉRICAPASADOS PRESENTES: debates por las memorias en el arte público en América Latina*, do qual havia participado no ano anterior<sup>42</sup>. O maior desafio deste ano, no entanto, mas que acabou por render bons resultados, foi o de conseguir me entender com Jesus - Jesus Enrique Quintero, artista multididiático e performático venezuelano que chegou ao Promama de Pós-Graduação em Artes da UFU através de uma parceria institucional, quase como um refugiado estético e econômico da crise no país vizinho. Orientação que rendeu uma rica dissertação de Mestrado, na qual Jesus Quintero trabalhou os conceitos de *autopoiesis* e *auto-ficção*, operando performances sociais muito significativas e potentes, e defendida com o título de *JESUS, PRESENÇA EM AUSÊNCIA: autorretrato como gênero expandido*<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> Ver resenha em: [383-Texto del artículo-670-1-10-20210220 \(unsam.edu.ar\)](https://383-Texto%20del%20articulo-670-1-10-20210220%20(unsam.edu.ar)) e <http://revistasacademicas.unsam.edu.ar/index.php/tarea/issue/view/26/25>

<sup>43</sup> Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/22760>

## Gráfica popular brasileira na Argentina:



Material de divulgação das IV Jornadas de Gráfica Contemporánea, Córdoba, Argentina, 2017<sup>44</sup>

Em 2017 realizei em Córdoba, Argentina, em parceria com a Universidad Provincial de Córdoba, e na Sala Ernesto Farina, a curadoria da exposição *VIA SACRA*, com gravuras do artista popular Mestre Noza (Taquaritinga do Norte, Pernambuco, 1897 - s.l. 1984). Gravuras pertencentes ao acervo do MUnA, e compradas em 2008, quando agiliziei como Coordenador do museu a aquisição de obras anteriormente mencionada. Exposição que contou com o apoio do próprio MUnA, da Pró-Reitoria de Pós Graduação (PROPP) e da Diretoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão da UFU (DICULT / PROEX), e foi tema de uma nota do jornal do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB), sediado em Brasília<sup>45</sup>, e em outros veículos de divulgação, no Brasil e na

<sup>44</sup> Ver mais sobre a exposição em: <https://upc.edu.ar/inauguro-via-crucis-de-mestre-noza-en-la-sala-farina-de-la-upc/>

<sup>45</sup> Ver em: [Crub | Obras do museu da UFU, será exposta na Argentina](#)

Argentina. A exposição ocorreu em paralelo às IV JORNADAS DE GRÁFICA CONTEMPORÁNEA promovidas pela Universidad Provincial de Córdoba, evento no qual fiz a conferência de abertura *GRÁFICA: otras historias, otras sustentabilidades*, e ministrei a oficina intitulada *Gráfica Brasileña: entre historias y sustentabilidades posibles*.



Material de divulgação gráfica da exposição VIA SACRA, de Mestre Noza. Curadoria de Renato Palumbo Dória. Universidad Provincial de Córdoba/Sala Ernesto Farina. Córdoba, Argentina, 2017 (frente)



# Via Crucis

## de Mestre Noza

Del 24 de mayo al 23 de junio

### Aprendiendo con la gráfica popular

#### Apertura

miércoles  
24 de mayo  
a las 18 hs.

#### Lugar

Sala de Exposiciones  
Ernesto Farina de la  
**Universidad Provincial  
de Córdoba**  
Avenida Pablo Ricchetti 1955,  
Ciudad de las Artes.

#### Horario

Visitas: lunes a viernes de 12 a 18  
martes, miércoles y  
viernes de 9 a 20.  
**Entrada gratuita**

#### Contacto

safefarinaupc@gmail.com  
Facebook: Sala Ernesto Farina

Conmovidas por sucesivas crisis (éticas, políticas, ambientales y económicas), cada vez más personas perciben en la actualidad la necesidad de encontrar medios colectivos y viables de supervivencia, capaces de preservar la naturaleza y, al mismo tiempo, permitir condiciones de vida dignas y justas para todos los seres humanos. En el campo de las artes visuales, este problema se relaciona directamente a los procesos plásticos y constructivos de mayor impacto material (como los relativos al diseño industrial y a la arquitectura, entre otros), pero también pide respuestas de otros lenguajes, los más contemporáneos, como la performance y la instalación (en diálogo con el propio paisaje y la naturaleza), y los más tradicionales (como el dibujo, el grabado y la pintura). Demandas de sustentabilidad que no se agotan en aspectos apenas materiales, y que convocan a indagaciones existenciales y filosóficas de mayor importancia: —¿Al final, qué es realmente esencial en nuestras vidas? ¿Qué, de hecho, necesitamos?—

Con vistas a pensar mejor estas cuestiones que aproximan ética y estética, y buscando indicar algunos caminos, es que proponemos, a través de la colaboración entre la Universidad Provincial de Córdoba (Argentina) y la Universidad Federal de Uberlândia (Minas Gerais, Brasil), la exposición del álbum de xilografías titulado *Via Crucis*, realizadas por Mestre Noza, y editado en 1969. Álbum en el cual destacamos no su temática religiosa, recurrente en el repertorio occidental, sino su posible transcendencia, expresa por el artista al crear, con el mínimo de intervenciones, y a partir de los materiales más simples y corrientes, imágenes de gran fuerza y poder de síntesis y comunicación. Principio que podemos percibir, si dejamos abrir nuestra visión, en muchas otras soluciones gráficas populares, a través de individuos y colectividades para los cuales la imaginación es una necesidad vital y urgente, en la búsqueda de soluciones diarias para su efectiva supervivencia, siendo el propio Mestre Noza quien afirmó cierta vez: "[...] quien no quiere robar y no quiere ser empleado, inventa mucha cosa".

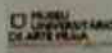
Nacido en 1912, en Pernambuco (Brasil) con el nombre de Inocêncio da Costa Nick, en una región en la cual las sequías pueden durar varios años, y el agua es un bien escaso y disputado, Noza se estableció aun joven en la ciudad de Juazeiro do Norte, en Ceará, importante centro de peregrinaciones religiosas, donde ejerció varios oficios antes de empezar a dedicarse definitivamente a la producción de imágenes de santos en madera y de xilografías para ilustración de pequeños libros con versos e historietas populares (la llamada "literatura de cordel"). Bautizado "Mestre Noza" por sus contemporáneos, el artista fallecería en soledad en la década de 1980, ya reconocido como uno de los mayores nombres de la gráfica brasileña.

El ejemplar del álbum *Via Crucis* que ahora exponemos es parte del acervo de grabados brasileños del Museo Universitario de Arte (MUSA), institución articulada al Curso de Artes Visuales de la Universidad Federal de Uberlândia y que, a pesar de las dificultades, completó recientemente 20 años de actividades ininterrumpidas.

La exposición de estas obras en la Universidad Provincial de Córdoba, por iniciativa de la Escuela Superior de Bellas Artes Dr. José Figueras y de la Facultad de Arte y Diseño, es prueba de que vale la pena. Su realización, para la cual se sumaron los esfuerzos de muchas personas e instancias en Argentina y en Brasil superando numerosas dificultades, también parece corroborar la enseñanza de Mestre Noza, siempre recordándonos que la necesidad es la gran madre de toda inventiva y creación.

Renato Palumbo Dória

Profesor de Historia del Arte en Brasil en la Universidad Federal de Uberlândia Minas Gerais, Brasil



UFU Universidade Federal de Uberlândia



**comunica**.ufu.br

a porta de notícias da Universidade Federal de Uberlândia

Diretoria de Comunicação Social | Dirco
Dirco
Solicitar Divulgação
Diretores de Comunicação
Marca UFU



notícias

[Início](#) » [Notícias](#) » [Acervo do MUnA, obra de artista brasileiro será exposta na Argentina](#)

12/05/2017 - 17:40 - Atualizado em 15/05/2017 - 16:47

## Acervo do MUnA, obra de artista brasileiro será exposta na Argentina

Álbum de xilogravuras "Via Sacra", conjunto de cunho religioso do artista Mestre Noza, fará parte de uma exposição na Universidad Provincial de Córdoba

Por: Daniel Pompeu

Recomenda
Twitter



Gravuras que integram o álbum "Via Sacra", do artista Mestre Noza. Foto: Acervo do MUnA

Parte do acervo do Museu Universitário de Arte da Universidade Federal de Uberlândia (MUnA/UFU), o álbum de xilogravuras "Via Sacra", do artista brasileiro Mestre Noza, será exposto na Sala Ernesto Faria da Universidad Provincial de Córdoba, na Argentina, entre 24 de maio e 21 de junho de 2017. As xilogravuras consistem em desenhos talhados em madeira com o intuito de reprodução da imagem em papel ou outro material.

A iniciativa para a exposição parte de uma parceria entre o MUnA, a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, através da Diretoria de Cultura (Proexc/Dicult), a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (Propp), o docente Renato Palumbo Dória (professor de História da Arte no Brasil no Curso de Artes Visuais da UFU) e a Escuela Superior de Bellas Artes Dr. José Figueroa, de Córdoba, na Argentina.

A exposição integra a programação do evento "IV Jornada de Gráfica Contemporânea", em que o professor da UFU fará uma conferência de abertura e oferecerá um breve curso sobre a história da gráfica no Brasil.

**Mestre Noza**

Inocêncio Medeiros da Costa, mais conhecido como Mestre Noza, foi um artista pernambucano nascido em 1897 e falecido em 1983. No Ceará, trabalhou como funileiro e em uma oficina de rótulos. Como adepto da peregrinação religiosa, conviveu comromeiros que influenciaram seu desenvolvimento artístico. Atendendo a pedidos, começou a realizar esculturas de cunho religioso e posteriormente, nos anos 1940, esculpir moldes que serviram como base para ilustrar folhetos de cordel. Começava então sua história na xilografia.

"Via Sacra" teve sua primeira edição publicada em Paris, em 1965, onde obteve grande e positiva repercussão. De acordo com a assessoria do museu, "o álbum em questão faz parte do acervo de gravuras brasileiras do MUnA, e nele destaca-se a capacidade do artista em criar, com o mínimo de intervenções, e a partir dos materiais mais simples, imagens de grande força e poder de síntese".

TÓPICOS: arte MUnA Museu UFU Exposição

Notícia sobre a exposição de Mestre Noza no informativo da UFU, 2017. Disponível em: [Acervo do MUnA, obra de artista brasileiro será exposta na Argentina | comunica.ufu.br](https://comunica.ufu.br/2017/05/12/acervo-do-muna-obra-de-artista-brasileiro-sera-exposta-na-argentina/)

Também em outubro de 2017 apresentei, me aprofundando ainda mais em meus novos interesses de pesquisa, a comunicação *PRETOS VELHOS, CABOCLOS E OUTROS ESPÍRITOS DE LUZ: história da arte para turistas?*, no XXXVII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE- *História da Arte em Transe: (i)materialidades na arte*, realizado desta vez em Salvador, na Bahia - trabalho em que busquei experimentar abordagens na direção de uma história da arte atenta às imagens invisibilizadas e periféricas em relação às pretensas centralidades e hegemonias artísticas. Nesta caso recorri à imaginária dos centros de Umbanda, e em especial a uma pintura realizada por Valin Jr no Centro Espírita São Jorge Afro-Brasileiro, em Uberlândia, em fins da década de 1950 - artista que nos mesmos anos expunha suas telas, junto à Ido Finotti, em outros espaços socialmente prestigiados da cidade.



Valin Jr: pintura mural no Centro Espírita São Jorge Afro-Brasileiro. Uberlândia, Minas Gerais (imagem integrante da comunicação *Pretos Velhos, caboclos e outros espíritos de luz: história da arte para turistas?*)

Em Buenos Aires, novamente, apresentei em parceria com Maria Carolina Boaventura, no IX CONGRESSO INTERNACIONAL DE TEORÍA E HISTORIA DE LAS ARTES / CAIA – *ARTE, HISTORIA, TIEMPO: dispositivos, categorías y usos del tiempo em la historia del arte y la cultura visual*, a comunicação intitulada *ZHANG DAQIAN: um fantasma amarelo na arte latinoamericana*. Tratamos ali, então, do ainda pouco conhecido, entre nós, pintor tradicionalista chinês Zhang Daqian (Neijiang, China, 1899 - Taipé, Taiwan,



1983), que, conhecido também como o 'Picasso do Oriente', passou grande parte de sua vida em Mogi das Cruzes, no interior paulista, antes de transferir-se para a Califórnia, nos EUA, e depois retornar definitivamente ao oriente<sup>46</sup>. Artista relacionado aos deslocamentos, trânsitos, anacronismos e invisibilidades artísticas sobre os quais fui me interessando cada vez mais, ao longo destes anos - inteteresse que reverberou, hoje percebo, minha própria trajetória nômade e deslocada, e cada vez mais atenta às obras e experiências fora do cânone.



Zhang Daqian em seu jardim taoísta em Taiapuêba, Mogi das Cruzes, São Paulo  
Década de 1960 (arquivo pessoal de Nobolo Mori)



Restos do jardim taoísta de Zhang em Taiapuêba visualizados após seca na represa do rio Jundiá,  
Mogi das Cruzes, São Paulo, Brasil, 2014

---

<sup>46</sup> Sobre a presença de Zhan Daqian no Brasil ver o filme: <https://youtu.be/ksIN-F83B0k>

Vale poderar, aqui, que grande parte do que realizamos na vida acadêmica é também fruto dos acasos e oportunidades, como o encontro que tive em Uberlândia com Noni Ostrower, filha da artista e arte-educadora Fayga Ostrower (Lódz, Polônia, 1920 - Rio de Janeiro, RJ, 2001). Artista e educadora com a qual já havia trabalhado no Rio de Janeiro, à convite do artista e curador Carlos Martins (Araçatuba, SP, 1946), na pesquisa preliminar para o livro *FAYGA OSTROWER* (texto, Wilson Coutinho e Lilia Sampaio; organização, Carlos Martins. - Rio de Janeiro: Sextante, 2001). Ocasão em que tive a honra de estar junto, por algumas semanas, e ainda que por breves horas a cada dia, com uma das 'grandes damas' da gravura brasileira, pesquisando em seu apartamento-ateliê no Morro da Viúva, no Rio, vasculhando em seus arquivos (inumeráveis caixas com recortes de jornais, folders de exposições, cartas, e uma série de outros documentos), enquanto Fayga cuidava de seus afazeres, até o momento, ao fim da tarde, em que ela me convidava para um 'cafezinho' na cozinha. Ali, então, conversávamos, e ainda lembro sua voz doce mas firme contando seus desentendimentos com Goeldi (Rio de Janeiro, RJ, 1895 – Rio de Janeiro, RJ, 1961) e me alertando que a vida não era mesmo fácil...



Noni Ostrower conversando com os alunos de ARTE NO BRASIL. Curso de Artes Visuais da UFU, 2017<sup>47</sup>

<sup>47</sup> Ver mais em: <https://faygaostrower.org.br/noticias/2017/conversa-sobre-instituto-fayga-ostrower-uf-uberlandia>

Em 2017, com Fayga Ostrower já falecida, eis que um querido aluno do Curso de Artes Visuais, Henrique Pareja, veio me falar da 'Noni', filha de Fayga - sua amiga pessoal em razão dos interesses de ambos pela medicina tradicional indiana, havendo em Araguari, cidade vizinha à Uberlândia, um centro de estudos que os dois frequentavam. Não tive dúvida em pedir-lhe que perguntasse à filha de Fayga, então já à frente do Instituto Fayga Ostrower, criado em 2002, se ela poderia fazer uma breve palestra sobre as atividades do Instituto para os alunos de ARTE NO BRASIL. Momento que se concretizou e gerou uma conversa, entre nós, sobre a possibilidade de que o Instituto doasse algumas obras de Fayga para o acervo do MUnA - doação por fim realizada em maio de 2019 com a entrada de 53 gravuras de Fayga Ostrower para as coleções de nosso Museu Universitário de Arte, marcando as comemorações do centenário da artista e somando-se ao significativo acervo de gravuras já existentes no museu.



**Fayga Ostrower: 9402, 1994**  
**Xilogravura, Acervo MUnA**



Fayga Ostrower: *Manhã*, 1974. Sserigrafia. Acervo MUnA



Fayga Ostrower: *Manhã*, 1974. Sserigrafia. Acervo MUnA

## Quilombismos:

*“[...]No 2º Congresso de Cultura Negra das Américas (Panamá, 1980), Abdias apresenta sua tese do quilombismo. / Os quilombos são uma das primeiras experiências de liberdade nas Américas. Eles tinham uma estrutura comunitária baseada em valores culturais africanos. Sua organização política era democrática. Seu modelo econômico era o contrário do modelo colonial. / Em vez de produzir um item só para exportação e depender da matriz imperial, tinham uma produção agrícola diversificada que provia seu próprio sustento e mantinham relações de troca e intercâmbio com as populações circundantes. / O quilombismo propõe esse legado como referência básica de uma proposta de mobilização política da população afrodescendente nas Américas com base na sua própria experiência histórica e cultural. Vai mais longe ainda, e articula uma proposta afro-brasileira para o Estado nacional contemporâneo, um Brasil multiétnico e pluricultural.”*

In [http://www.abdias.com.br/movimento\\_negro/quilombismo.htm](http://www.abdias.com.br/movimento_negro/quilombismo.htm)

No campo do ensino consegui organizar novamente com os alunos do Curso, em outubro, uma viagem de estudos, desta vez para a cidade de São Paulo, onde visitamos a exposição *MULHERES RADICAIS: arte latino-americana, 1960-1985*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo<sup>48</sup>, a 33ª Bienal Internacional de São Paulo, no Parque Ibirapuera, e as exposições então em cartaz no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP) - esforço amplamente recompensado pelo impacto de tal atividade na ampliação do repertório e formação cultural dos alunos. Nesta viagem, especialmente, chamou-me atenção uma estudante que, nascida no interior do Pará, nunca havia estado em uma cidade maior do que a própria Uberlândia<sup>49</sup>.

Em outubro de 2018 realizei a curadoria, junto de Elisa Larkin Nascimento, viúva de Abdias Nascimento (Franca, SP, 1914 – Rio de Janeiro, RJ, 2011) e gestora do Instituto de Estudos e Pesquisas Afro-Brasileiros (IPEAFRO), sediado no Rio de Janeiro<sup>50</sup>, da exposição *ABDIAS NASCIMENTO: a arte de um guerreiro*. Exposição montada no saguão

---

<sup>48</sup> Ver sobre em: <https://pinacoteca.org.br/programacao/mulheres-radicais-arte-latino-americana-1960-1985/>

<sup>49</sup> Outra viagem que realizei, com os alunos do Curso de Artes Visuais da UFU, foi para Inhotim, Minas Gerais, poucos meses antes da tragédia de Brumadinho.

<sup>50</sup> Ver mais em: [ipeafro](http://ipeafro.org)

da Reitoria da UFU como parte da programação do X CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES NEGROS (COPENE) - oportunidade que devo à confiança e generosidade de Marta Helena Rosa da Silva, responsável pelos Recursos Humanos no IARTE-UFU a quem espero não ter decepcionado nesta missão<sup>51</sup>.

Neste processo, após selecionar na sede do IPEAFRO, no Rio de Janeiro, os painéis que comporiam a exposição, providenciei a embalagem e realizei pessoalmente o transporte dos mesmos para Uberlândia, onde adaptei o espaço do hall da Reitoria da UFU (um salão envidraçado) de modo a transformá-lo em um espaço expositivo eficiente, o que fiz com o aluguel de uma série de painéis de madeira rústica, situando-os verticalmente como paredes expositivas, e também fazendo uso de uma série de spots luminosos que, adaptados em cada painel, serviram para criar uma luminosidade mais direcionada para o material visual em exposição.

Preocupe-me ainda em colocar, na entrada do espaço, vasos com plantas 'de proteção' próprias da cultura religiosa africana, e tive, sobretudo, a intuição de convidar Rodrigo Rafael Gonzaga, então estudante de Ciências Sociais e estagiário no MUnA, para trabalhar com a expografia em questão - participação que se revelou essencial para o refinamento de seu agenciamento simbólico-visual e consequente sucesso da exposição<sup>52</sup>. Exposição em que homenageamos ainda a mãe de Abdias Nascimento (Josina Georgina Ferreira do Nascimento), com a elaboração de um painel especialmente dedicado a ela: nascida em Uberlândia, foi com sua mãe que Abdias teve as primeiras lições, ainda na infância, sobre a luta pela dignidade e contra o preconceito racial, homenageando-se através dela a ancestralidade de todas as mulheres negras do Brasil.

---

<sup>51</sup> Ver mais em: <https://ipeafro.org.br/ipeafro-no-x-copene/>

<sup>52</sup> Posteriormente à exposição dedicada à Abdias Nascimento e a seu período como estudante na UFU, Rodrigo Gonzaga seguiria desenvolvendo pesquisas na área de curadoria e da museografia, com especial atenção para a arte e cultura afro-diaspórica no Brasil. Ver mais em: <https://www.escavador.com/sobre/4903638/rodrigo-rafael-gonzaga>



Painél em homenagem a Dona Josina, uberlandense e mãe de Abdias Nascimento, realizado especialmente para a exposição *ABDIAS NASCIMENTO: a arte de um guerreiro*, no hall da Reitoria da Universidade Federal de Uberlândia, 2018

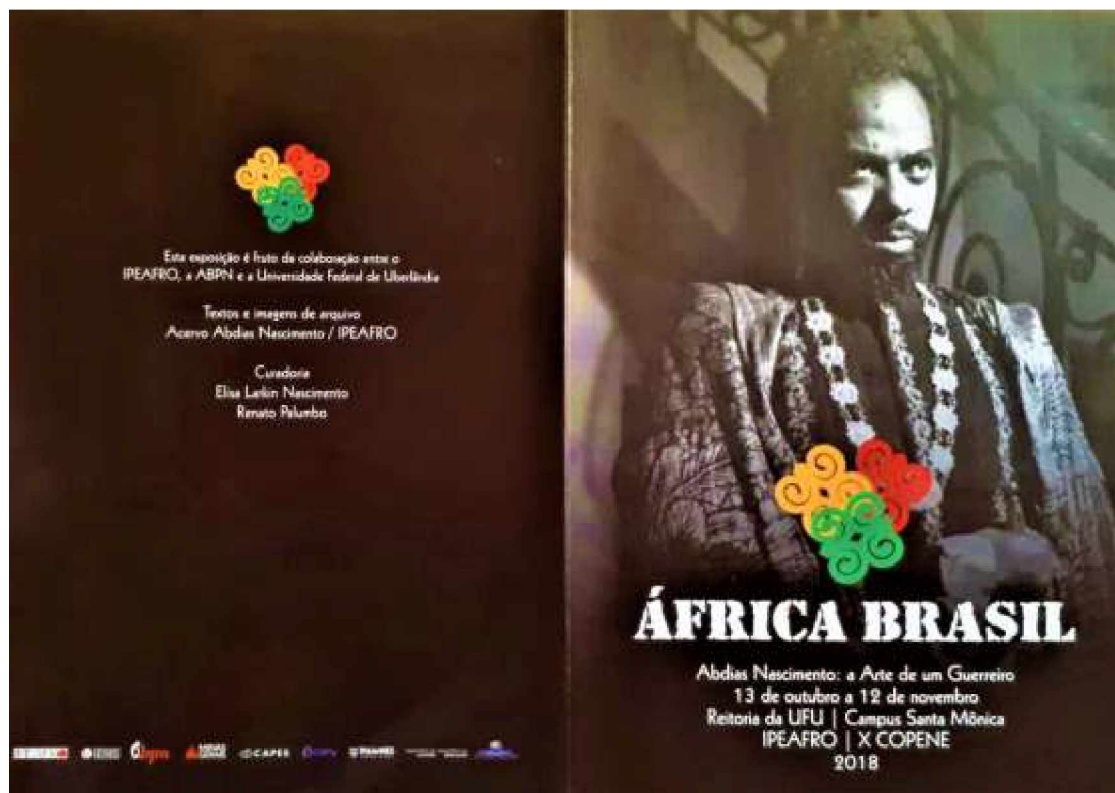
No congresso em questão realizou-se o lançamento de uma nova edição do emblemático livro de Abdias Nascimento, *O Genocídio do Negro Brasileiro*. Autor também de *O Quilombolismo*, Abdias Nascimento propõe nele, incorporando as contribuições da cultura e sensibilidade africanas, uma perspectiva original e potente de atuação na luta contra o racismo estrutural no Brasil. Prevista para ocorrer apenas durante a realização do Congresso de Pesquisadores Negros do Brasil (COPENE), a exposição acabou permanecendo aberta por muitas meses a mais, à pedido da própria Reitoria da UFU, devido à boa recepção do público, tanto pela exposição em si quanto pelo bom uso dado ao espaço físico em questão.



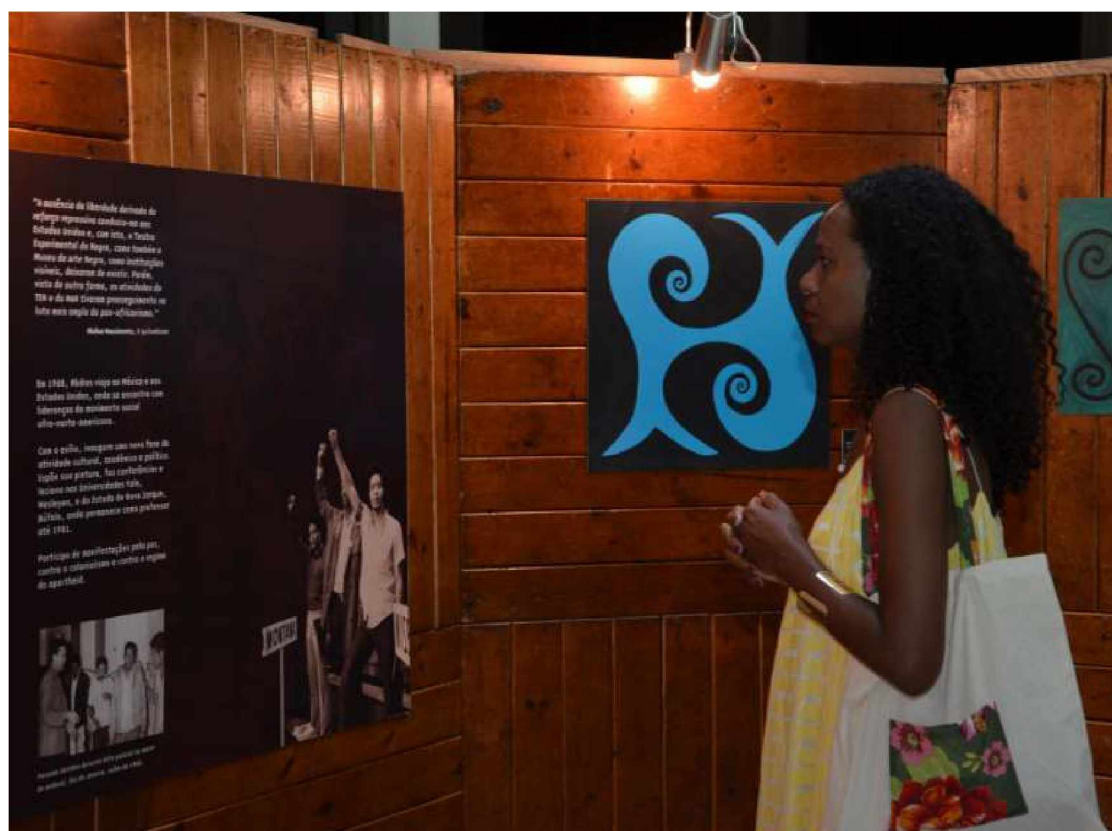
Marta Helena Rosa da Silva (responsável pelo Setor de Recursos Humanos do IARTE-UFU) e seu filho na abertura da exposição *ABDIAS NASCIMENTO: a arte de um guerreiro*. Reitoria da UFU, Uberlândia, 2018-2019

(Fotografias Milton Santos/UFU)



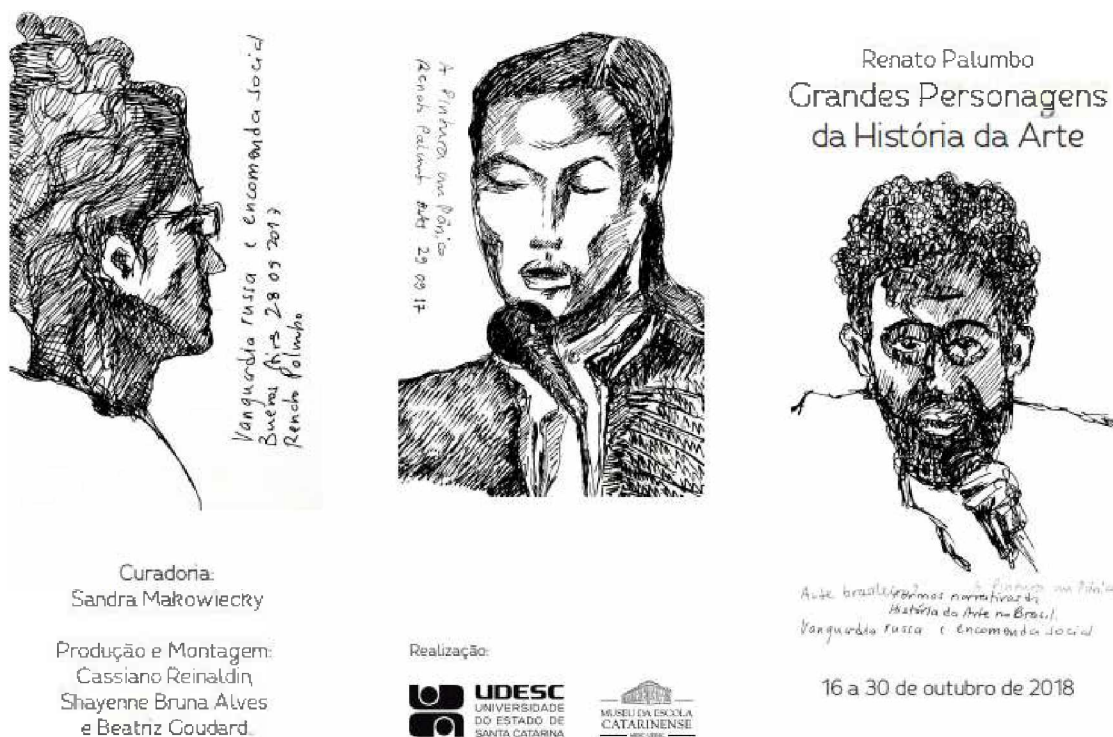


Folder da exposição *ABDIAS NASCIMENTO: a arte de um guerreiro*. Curadoria de Elisa Larkin Nascimento e Renato Palumbo. Reitoria da UFU, Uberlândia, 2018-2019



Público na *ABDIAS NASCIMENTO: a arte de um guerreiro*. Curadoria de Elisa Larkin Nascimento e Renato Palumbo. Reitoria da UFU, Uberlândia, 2018-2019 (Fotografias Milton Santos/UFU)

Neste mesmo ano inaugurou-se no MUnA a exposição coletiva *INEXCORPORIS*, com trabalhos dos docentes do Curso de Artes Visuais da UFU, da qual participei com uma série de desenhos sobre impressos. Em 2018 colaborei também, circunstancialmente, como historiador da arte, com a Procuradoria da Fazenda Nacional em Patos de Minas (MG), visando a identificação de algumas obras de arte apreendidas em um processo judicial tributário de interesse da União - experiência que mais uma vez me fez refletir sobre a importância de ultrapassarmos os muros restritos das atividades acadêmicas e dialogarmos, a partir das especificidades de nossos conhecimentos, com outras instâncias da sociedade civil.



Folder da exposição **RENATO PALUMBO: GRANDES PERSONAGENS DA HISTÓRIA DA ARTE**, curadoria e texto de apresentação de Sandra Makowiecky. Florianópolis, SC, 2018. Frente.

Ao fim do ano participei do XXXVIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE: *Arte&Erotismo*, realizado em Florianópolis com apoio da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), onde apresentei em parceria com Hamlet Fernandez Diaz a comunicação *Abjeção e homoerotismo em Umberto Pena: sintoma e transgressão na arte cubana*. No mesmo evento realizei a exposição de desenhos *RENATO PALUMBO: GRANDES PERSONAGENS DA HISTÓRIA DA ARTE*, com

curadoria e texto de Sandra Makowiecky - desde dezembro de 2021 Presidenta da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA).

Renato Palumbo

## Grandes Personagens da História da Arte

As Coleções são, para André Chastel, o domínio inicial e fundante da História da Arte. Sabemos que a História da Arte é em parte a história dos mecanismos de transmissão do valor desses objetos, de imagens e também responsáveis por sua possível eternização. "Se a existência de coleções de arte sempre constituiu o primeiro material da futura historiografia é porque, como conhecimento sempre mais apurado dos objetos, toda coleção tornou-se um elemento fundamental da cultura artística", nos diz Huchet (2014, p. 225)<sup>1</sup>. Renato Palumbo, neste sentido, nos apresenta sua coleção de grandes personagens da História da Arte, alguns facilmente identificáveis, outros nem tanto. Estas obras em nanquim sobre papel, revelam a destreza, o traço decidido e arguto, capaz de perceber rapidamente as coisas mais sutis, de espírito sagaz e penetrante deste artista que começou seus estudos nas Artes através do desenho e da xilogravura, tendo estudado e exposto no Parque Lage, no Rio de Janeiro, na década de 1980. Também ministrou aulas de desenho na EBA-UFRJ e realizou seu

doutorado na FAU-USP sobre as práticas e métodos do ensino do desenho no Brasil do século XIX. A ideia desta exposição foi a de trazer estes exemplares raríssimos ao conhecimento do grande público, em local acessível e de passagem, ressignificando instantes capturados em sua retina durante dois momentos muito especiais em sua vida: o encontro do CAIA - Buenos Aires e o encontro do CBHA - Salvador, ambos em



2017 e deveriam, conforme instruções do artista, serem apresentados em uma montagem leve, não necessariamente linear e também, sem grandes explicações. O fazer artístico, principalmente nas artes visuais, significa antes de tudo, produzir imagens. Por conseguinte, refletir sobre a imagem dispensando-lhe rigoroso tratamento teórico, configura procedimento crucial e incontornável nos campos da Teoria da História e da Filosofia da Arte. Mas Renato abre mão desta prerrogativa e nos entrega estes desenhos que são como enigmas e nos perguntam: Como tomar a poética como um ponto de chegada do pensamento plástico para torná-la ponto de partida para o pensamento teórico? Pois sua intenção é retomar com maior regularidade a prática artística e pensar nas possíveis interlocuções entre estas e a História da Arte. Para tanto, nos trouxe sua principal coleção. A dos historiadores da arte, em sua consciência, pensando naquilo que se faz corretamente ou que pelo menos, acredita-se que o seja, podendo ser embasado em princípios comuns a outras pessoas ou princípios pessoais. Será que você está representado nesta coleção?

Sandra Makowiecky

<sup>1</sup> HUCHET, S. A História da arte: Disciplina luminosa. Revista: UFMG, Belo Horizonte, v. 21, n. 1 e 2, p. 222-245, jan./dez. 2014

**Folder da exposição RENATO PALUMBO: GRANDES PERSONAGENS DA HISTÓRIA DA ARTE, curadoria e texto de apresentação de Sandra Makowiecky. Florianópolis, SC, 2018. Verso.**

No Mestrado em Artes da UFU ocorreu, ainda, a Defesa da dissertação do meu então orientando Paulo Ferreira de Carvalho Neto, intitulada *CORPO TRAJADO: liberdade em Flávio de Carvalho*<sup>53</sup>. O ano em questão, entretanto, foi marcado sobretudo pelo generoso aceite da pesquisadora Maria Cristina Louro Berbara, especialista em tradição clássica, em me receber, a partir do ano seguinte, para um pós doutoramento no Departamento de Teoria e História da Arte da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

<sup>53</sup> Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/25095>

## Raízes amargas, tempos pandêmicos:

Atuei como Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFU entre agosto de 2018 e março de 2019 - período no qual o Programa, apesar de suas inúmeras conquistas e realizações, já estava em processo de encerramento, visando minha gestão apenas encaminhar, com dignidade, a finalização das Defesas ainda em aberto e dar andamento a outras providências necessárias. Na UERJ fui muito bem acolhido pela pesquisadora Maria Berbara e pelos prestativos colegas Tamara Quírico e Alexandre Ragazzi. O meu plano de trabalho, para este período, era realizar uma grande revisão de meus, até ali, 28 (vinte e oito) anos ininterruptos de atividade de pesquisa, desde meus primeiros passos como bolsista de Iniciação Científica até minhas produções mais recentes, buscando sistematizar e melhor compreender minha própria trajetória. Tratava-se, enfim, de uma espécie de grande balanço, o qual abriria caminho para o presente Memorial - sendo simbólico que eu tenha iniciado minha carreira docente, em 1998, como professor substituto, justamente na Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Pós-doutorado que acabou revelando-se fundamental ao permitir a organização de materiais e produtos de pesquisas anteriores, até aquele momento algo dispersos e desarticulados. A idéia inicial era revisar e fazer publicar, de modo integral, com um texto de apresentação, um conjunto de trabalhos inéditos ou mesmo já publicados isoladamente. Optei porém, pela exiguidade de tempo, em concentrar-me na revisão crítica de minha tese de doutorado sobre os manuais e práticas do ensino do desenho no Brasil do século XIX, finalizada em 2005 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo sob orientação do igualmente generoso Júlio Roberto Katinsky. Retornei assim para novos levantamentos, após largo hiato, ao salão da Seção de Iconografia da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, que durante alguns anos foi quase que uma segunda casa para mim<sup>54</sup>.

Decisão de concentrar-me sobre minha antiga pesquisa de doutorado que foi aparentemente acertada, já que renderia em 2021 a publicação do livro *ENTRE O BELO*

---

<sup>54</sup> Em 2006, antes de meu ingresso na UFU, cheguei a ser agraciado com uma bolsa de pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional (FBN).

*E O ÚTIL: manuais e práticas do ensino do desenho no Brasil*, pela Editora da Unicamp. Processo que demandou novos levantamentos e análises, e, especialmente, um intenso trabalho de revisão de texto, já mirando na possibilidade de publicar este material na forma de um livro. Meu objetivo era retirar do trabalho o resquício do formato 'tese', buscando um texto mais fluido e orgânico, articulado cronologicamente em capítulos que, embora autônomos, contassem uma história com sentido e unidade, conformando um panorama sobre o ensino do desenho no Brasil entre fins do século XVIII e começos do século XX. Contendo informações e referências documentais extensas, minha preocupação foi produzir um texto que, sem desviar da complexidade do tema, conseguisse ser uma narrativa agradável de se ler, podendo servir de base à novos estudos.

A experiência de retorno ao Rio de Janeiro para o pós-doc, por sua vez, ainda que temporária, contribuiu para reforçar minha convicção quanto ao acerto de minha decisão em permanecer na Universidade Federal de Uberlândia, na medida em que nela tive espaço para desenvolver uma trajetória profissional e humana original e significativa. Deslocamento geográfico e cultural que me permitiu perceber o próprio campo da História da Arte sob novos ângulos, provocando em mim uma espécie de auto-descolonização necessária e produtiva. Pós-doutoramento previsto inicialmente para um período de um ano e prorrogado por mais seis meses, realizando-se entre janeiro de 2019 e junho de 2020.

Apesar da pandemia da Covid-19 (um trauma coletivo ainda em elaboração), foi possível realizar em 2020 via A SALA, a galeria de arte do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI), a exposição virtual de fotografias *ARMADILHA PARA CAPTURAR SOMBRAS*, com curadoria da professora-pesquisadora Neiva Bohns, a partir de imagens realizadas na cidade gaúcha durante o colóquio do CBHA de 2019.<sup>55</sup> Exposição em Pelotas que contou com uma live de discussão em que pude dialogar com a curadora e o pesquisador Alexandre Ricardo dos Santos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tratavam-se de imagens coletadas em algumas das perambulações e derivas que realizei em Pelotas e Jaraguão do Sul (RS) em um movimento que já era

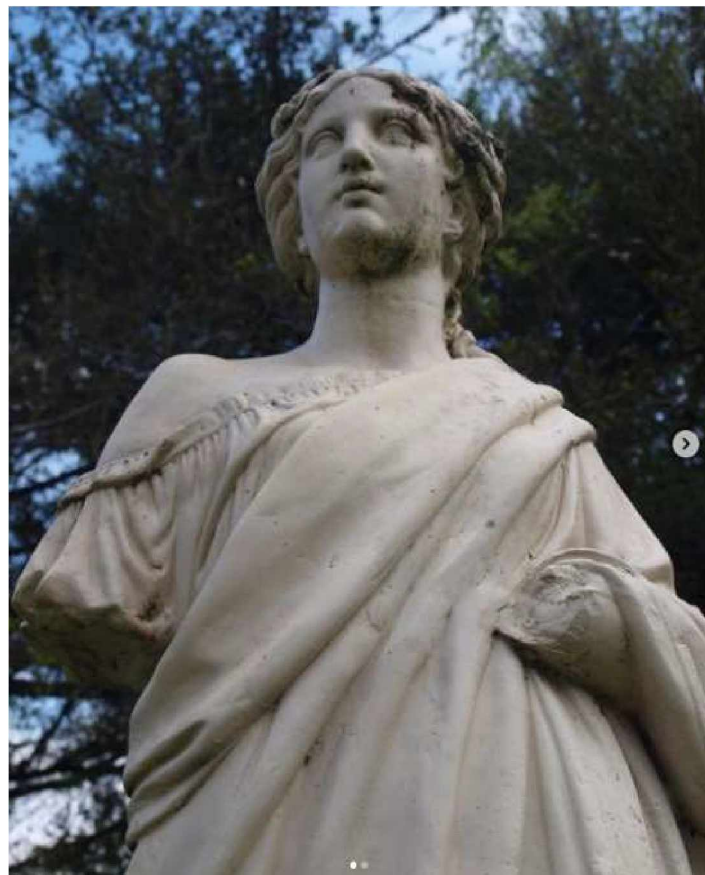
---

<sup>55</sup> Ver também notícia sobre a exposição *ARMADILHA PARA CAPTURAR SOMBRAS*, in [Exposição Armadilhas para capturar sombras – PET Artes Visuais \(ufpel.edu.br\)](https://ufpel.edu.br/exposicao-armadilhas-para-capturar-sombras-pet-artes-visuais)

de reflexão sobre a busca pela conexão, por outros meios sensíveis, com a memória dos objetos, lugares, espaços e paisagens.



ARMADILHAS PARA CAPTURAR SOMBRAS. Fotografias de RENATO PALUMBO  
Curadoria de Neiva Bohns. A Sala/UFPeI, 2020. Convite



ARMADILHAS PARA CAPTURAR SOMBRAS. Fotografias de RENATO PALUMBO  
Curadoria de Neiva Bohns. A Sala/UFPeI, 2020

Em 2020 também foi lançado o vídeo *ENCOSTA*, realizado por estudantes e artistas ligados ao Curso de Artes Visuais, Artes Cênicas e Dança do Instituto de Artes da UFU (em especial o Diretor Lucas Orsini, e os artistas Natânia Borges e Vaine), no qual contribui na produção de arte<sup>56</sup>.

Com o texto de minha tese de doutorado revisto e ampliado por novas pesquisas, realizadas durante meu pós doutorado na UERJ, busquei por sua vez publicá-lo, submetendo a proposta do livro à editora universitária da Unicamp através de sua plataforma de fluxo contínuo<sup>57</sup> - proposta aprovada e acolhida neste mesmo ano pela editora. Deste modo o segundo semestre de 2020 foi finalizado com as providências relativas a esta publicação, como a escolhas das imagens, o embate com a revisão de texto, a elaboração da capa e outras questões necessárias - realização que muito me ajudou a atravessar um período tão difícil para todos.

---

<sup>56</sup> Vídeo disponível em [\(4\) DAVI THE PRODUCER | NATANIA BORGES | VAINE - ENCOSTA - YouTube](#)

<sup>57</sup> Ver em: <https://editoraunicamp.com.br/como-publicar>



## Colheitas e novos caminhos:

Minha primeira grande preocupação em 2021 foi revisar e cadastrar na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PROPP-UFU) um novo projeto de pesquisa que, mais flexível e aberto, e se valendo de conceitos da própria arte contemporânea, já me permitisse ir tasteando outros e futuros rumos. Intitulado *HISTÓRIA DA ARTE, MODOS DE USAR: novos meios, práticas e modos de apresentação*, seu resumo é o seguinte:

“[...]O presente projeto busca experimentar e estabelecer novas possibilidades e usos para as práticas em história da arte no Brasil, através da aproximação com os procedimentos e conceitos da própria criação artística contemporânea, experimentando formatos não convencionais para os produtos da pesquisa na área. Compreendendo a necessidade de uma descolonização do olhar sobre as artes visuais no Brasil, adotaremos aqui abordagens historiográficas que privilegiam a dimensão cultural dos objetos estéticos e que superem o fetiche pela autoria individual através de proposições e ações colaborativas e comunitárias, conectadas aos campos do ensino da arte (e sua extensão), da criação artística e da educação patrimonial.”

A efetiva publicação de *ENTRE O BELO E O ÚTIL: manuais e práticas do ensino do desenho no Brasil*, pela Editora da Unicamp, foi uma grande satisfação: o lançamento oficial do livro, em maio de 2021, através de uma Live, acabou gerando um encontro muito significativo, contando com extenso público e as ilustres participações de Carlota Boto, pesquisadora de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (que assina a Apresentação do livro), e de Jorge Coli, da Unicamp (que me concedeu a honra de assinar seu Prefácio)<sup>58</sup>

A partir deste lançamento o livro ocasionou uma série de outros resultados e eventos, como notícias jornalísticas, entrevistas e convites para palestras, entre outras, como uma matéria na revista eletrônica da Biblioteca Nacional<sup>59</sup>, uma entrevista

---

<sup>58</sup> Live integralmente disponível em: [Lançamento do livro "Entre o belo e o útil" - YouTube](#)

<sup>59</sup> Disponível em: [Lançamento | Entre o belo e o útil | Biblioteca Nacional \(bn.gov.br\)](#)

publicada no *Jornal da Unicamp*<sup>60</sup>, uma matéria no jornal uberlandense local<sup>61</sup>, além de reportagem no *Comunica UFU*<sup>62</sup>, órgão de divulgação científica da própria Universidade Federal de Uberlândia - matérias de divulgação que considero merecer destaque pela importância do impacto social de nossa produção acadêmica.



'Card' da Live de lançamento de *ENTRE O BELO E O ÚTIL: manuais e práticas do ensino do desenho no Brasil*, Editora da Unicamp, maio de 2021.

Fui convidado ainda a apresentar, em 2021, também devido ao livro, as seguintes palestras: - *HISTÓRIA DO ENSINO DO DESENHO NO BRASIL*, na Semana Acadêmica Integrada das Artes Visuais promovida pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeI); - *LINHAS INDELÉVEIS: documentos e questões para a história do ensino do desenho no Brasil*, no Seminário do Museu Dom João VI/Grupo Entresséculos, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA-UFRJ)<sup>63</sup>; - *LINHAS CRUZADAS: professores, estudantes e práticas do ensino do desenho no Brasil*, para o Mestrado em

<sup>60</sup> Disponível em [Jornal da Unicamp publica entrevista sobre o livro "Entre o belo e o útil" – Blog da Editora da Unicamp \(blogeditoradaunicamp.com\)](https://blogeditoradaunicamp.com)

<sup>61</sup> Disponível em: [Professor da UFU lança livro sobre a história do ensino do desenho no Brasil - Diário de Uberlândia | jornal impresso e online \(diariodeuberlandia.com.br\)](https://diariodeuberlandia.com.br)

<sup>62</sup> Disponível em: [Livro apresenta história do ensino do desenho no Brasil | comunica.ufu.br](https://comunica.ufu.br)

<sup>63</sup> Disponível no YouTube via [4\) LINHAS INDELÉVEIS: DOCUMENTOS E QUESTÕES PARA A HIST. DO ENSINO DO DESENHO NO BRASIL -Renato Palumbo - YouTube.](https://www.youtube.com/watch?v=4LXN8Z8Z8Z8)

Desenho da Universidade Estadual de Feira de Santana, na Bahia (UFFS); - *LINHAS ESQUECIDAS: manuais, práticas e modelos do ensino do desenho no Brasil*, no evento Encontros da Moda, realizado pela Faculdade Santa Marcelina, em São Paulo; e Palestra na Disciplina da Professora Marta Simões Peres, “Tópicos Especiais em História das Ciências, Técnicas e Epistemologia” do interdisciplinar Programa de Pós Graduação em História da Ciência, Tecnologia e Epistemologia (PPGHCTE), no Centro de Ciências da Matemática e da Natureza da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).



***ENTRE O BELO E O ÚTIL: manuais e práticas do ensino do desenho no Brasil***  
Editora da Unicamp, maio de 2021. Material de divulgação

Ainda em 2021 participei como convidado de uma Live promovida pelo MUnA, então sob gestão da colega Tatiana Ferraz, para esboçarmos uma história do museu, aproveitando a ocasião para regularizar junto ao MUnA uma doação que havia realizado em 2009, da obra de Maria Bonomi e Haroldo de Campos *O ELOGIO DA XILO – situações*

*xilográficas*, de 1994<sup>64</sup>. Integrei também, à convite da colega Roberta Maira Melo, através do atuante Núcleo de Pesquisa em Pintura e Ensino (NUPPE), do Curso de Artes Visuais da UFU, liderando pela artista-pesquisadora Aninha Duarte, a exposição coletiva *POÉTICAS DA MEMÓRIA*, curada por Roberta Maira Melo e Elsiene Coelho. Exposição em que expus fotografias realizadas a partir de perambulações e derivas por diferentes arrabaldes urbanos, e que constituíram a série *Lembranças Suburbanas*<sup>65</sup>. Prossegui deste modo lidando com o universo das imagens não apenas como um agente externo a elas, analisando-as e interpretando-as, mas também como produtor de imagens - perspectiva que percebo ter me ajudado ao longo dos anos em minha atividade como pesquisador e, sobretudo, como docente, aguçando meu olhar e percepção diante de analogias e recorrências nem sempre evidentes.

*“[...]aprende-se uma linguagem não apenas nos bancos da universidade, mas trabalhando com ela. [...]Estudar imagens - e estudar através das imagens – é já um passo para a possibilidade de se comunicar através de imagens.” José D’Assunção Barros in Seis Desafios para a Historiografia do Novo Milênio (Petrópolis: Vozes, 2019, p.71-72)*

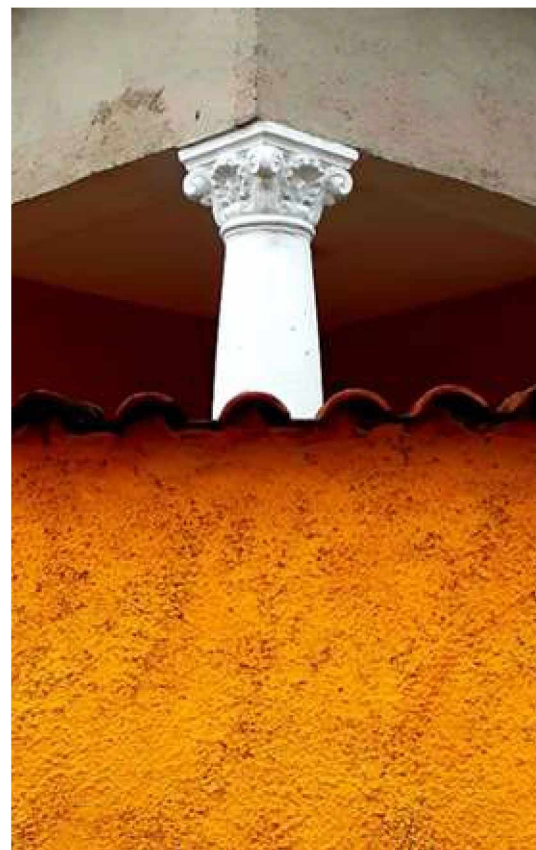
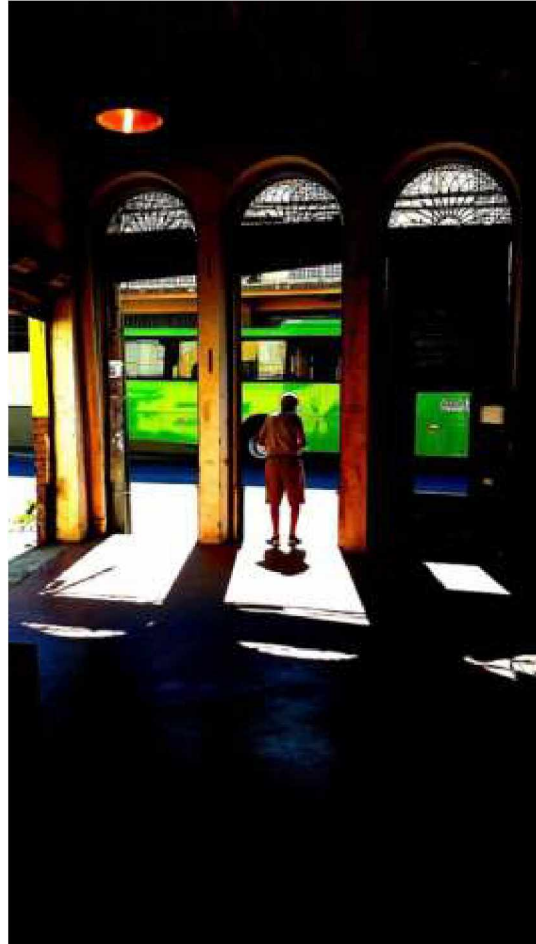
Já ao fim do ano publicou-se em Roma, Itália, a *ENCICLOPEDIA DELL’ARTE CONTEMPORANEA*, contendo dois verbetes de minha autoria, um dedicado a Anita Malfatti e outro a Cícero Dias - trabalho que realizei à convite do Professor Mario Sartor, especialista em arte latinoamericana da Universidade de Udine, na Itália<sup>66</sup>. Neste mesmo período fui convidado por Elisa Larkin Nascimento, viúva de Abdias Nascimento, do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO), a gravar um depoimento pessoal em vídeo em prol da criação do Museu de Arte Negra (MAN) - projeto idealizado por Abdias desde a década de 1960, e que vem efetivamente tomando forma a partir de 2021, primeiramente de modo virtual mas também fisicamente, a partir de dezembro deste mesmo ano, em parceria com Inhotim, em Brumadinho, Minas Gerais<sup>67</sup>.

<sup>64</sup> Ver em: [O elogio da xilo - Situações Xilográficas - MUnA \(acervomuna.com.br\)](https://www.acervomuna.com.br)

<sup>65</sup> Ver em <https://youtu.be/TnfDQZq2Td4> e <https://www.maonamassa.art.br/index.php>

<sup>66</sup> Sobre o projeto desta enciclopédia ver mais em [Treccani presenta l’Enciclopedia italiana dell’arte contemporanea \(artribune.com\)](https://artribune.com)

<sup>67</sup> Ver mais em: <https://zumbidospalmares.edu.br/museu-de-arte-negra-idealizado-por-abdias-nascimento-ficara-2-anos-em-inhotim/>



Renato Palumbo: Série Lembranças Suburbanas, 2020

## Malevič

punto di vista, M. ricorda altri enigmatici artisti russi di quell'epoca, come Pavel Filonov (v.) e Michail Vrubel' (v.), le cui opere chiedono di essere decifrate senza che venga fornita la chiave. Ne è un ottimo esempio il dipinto *Un inglese a Mosca*: completato all'inizio del 1914, ha suscitato numerose interpretazioni, nessuna delle quali sembra cogliere l'elemento essenziale, ossia l'incontro ravvicinato tra realtà (un evento politico) e finzione. In questo gioco a nascondino, l'osservatore è invitato a ritrovare alcune delle chiavi (non tutte) dissemin-

nate nei luoghi più inaspettati. In altre parole, la verità è al contempo nascosta e rivelata e l'osservatore, in quanto spettatore, si trova nella posizione di intermediario privilegiato. Nel quadro, un busto umano è oscurato da oggetti apparentemente gettati alla rinfusa e accompagnati dalle scritte «zatmenie čas'nično» («eclissi parziale») e «skakovoe obščestvo» («società delle caccio»). Quella sullo sfondo, tuttavia, non è una figura umana generica: indossa un collarino ecclesiastico, una camicia viola e un cappello a cilindro da prelato riformato

e lancia uno sguardo di sfida da dietro l'accozzaglia di oggetti e piani cromatici. Il quadro fu riferito a un evento del 1912, ossia l'arrivo a Mosca di una delegazione britannica che comprendeva quattro vescovi anglicani, uno dei quali potrebbe essere il personaggio raffigurato nel quadro.

In conclusione, M. si dimostrò aperto a una miriade di influenze, che riuscì tuttavia a integrare con originalità nei sistemi del *casuè* e del Suprematismo.

JOHN E. HOWLIT

## — Malfatti, Anita Catarina / San Paolo 1889 – 1964

M

Artista brasiliana. Avviata alle arti dalla madre statunitense Betty Krug, a causa di un'atrofia congenita al braccio destro M. eseguì i suoi lavori usando la mano sinistra. Tra il 1910 e il 1914 risiedette in Germania, studiando con Fritz Burger-Möhlfeld (1882-1969), Louis Curinth (1858-1925) ed Ernst Bischoff-Culm (1870-1917). Si trasferì a New York tra il 1913 e il 1916, dove fu allieva di George

Brant Bridgman (1865-1943), Dimitri Romanovsky (1887-1971) e William de Leftwich Dodge (1867-1935) presso la Arts Students League, oltre a prendere lezioni da Homer Boss (1882-1956) presso la Independent School of Art.

La sua prima mostra personale a San Paolo nel 1914 passò relativamente inosservata, ma la sua partecipazione a una seconda esposizione, nella stessa città tra

il 1917 e il 1918, causò scandalo e divenne un punto di riferimento fondamentale che marcò l'inizio del Modernismo (v.) brasiliano. Tuttavia, le reazioni negative alla sua iniziativa e il passare degli anni sembrano accentuare il carattere riservato e introspettivo dell'artista. Dopo un altro periodo all'estero (1923-28), trascorso a Parigi prendendo lezioni da Maurice Denis (v.), frequentando corsi d'arte gratuiti ed entrando in contatto con Fernand Léger, Henri Matisse e Fujita Tsuguharu (v. le relative voci), M. tornò in Brasile nel 1928, dove cominciò a dedicarsi all'insegnamento del disegno.

La prima retrospettiva a lei dedicata si tenne nel 1949, al Museu de Arte di São Paulo (MASP), e nel 1951 partecipò alla 1ª Bienal de São Paulo.

Riconosciuta già in vita per il suo contributo storico all'arte moderna brasiliana, nei decenni successivi alla sua apparizione sulla scena artistica di San Paolo M. continuò la carriera di pittrice, ritrattista, incisora e illustratrice, ma progressivamente lontana dai riflettori della critica e dai dibattiti artistici.

RENATO PALUMBO DÓRIA



Anita Catarina Malfatti, *Festa of São Giovanni*, 1950 ca. (per cortesia Galeria 22 - Brazilian Modern and Contemporary Art)

## — Ma Liuming / Huangshi, Hubei, 1969

Artista cinese. Diplomato in pittura presso l'Hubei Institute of Fine Arts di Wuhan (1991), ancora studente ha preso parte alla performance (v.) collettiva

*Staircase series* (1988), ideata dal suo insegnante Wei Guangqing (1963). Nel 1991 si è trasferito nel Dongcun (v.) di Pechino, distretto abitato da una colonia di

artisti in cerca di libertà espressiva, diventando uno dei personaggi più noti della scena artistica pechinese grazie alle sue audaci performance, duramente da

## Diagonale pour un lieu avec bois, câbles et peinture

## — Diagonale pour un lieu avec bois, câbles et peinture

Mostra di Daniel Buren (v., Grenoble, Le Magasin, Centre National d'Art Contemporain, 7 aprile - 25 maggio 1986), il cui allestimento, all'interno del grande edificio industriale nel quale si articolava lo spazio espositivo di Le Magasin (struttura che dal 2018 ha preso il nome di Magasin Horizons), era caratterizzato da una serie di telai quadrati incorniciati dal tipico motivo a strisce di 8,7 cm di larghezza a due colori (in questo caso bianco e rosso), adottati dall'artista fin dal 1965. Com'è tipico della sua pratica, anche in questo caso Buren lavorò sulle peculiarità spaziali e architettoniche dell'edificio in cui si trovava a esporre, secondo una strategia da lui definita *in situ*, allestendo cioè un intervento che esiste solo nella temporalità limitata dell'esposizione, per poi essere distrutto. In questo caso l'artista aveva posto l'attenzione su una caratteristica dell'architettura industriale in cui operava, ideando un canovaccio ottico che, attraverso la progressione di elementi architettonici di 6 m di lato, tra il quadro e la cornice, indirizzava lo sguardo dal pianterreno verso la finestra posta in alto su un lato corto dell'edificio. Gli spettatori, quindi, invitati a collocarsi in una posizione otticamente favorevole, potevano osservare anche dal basso la prospettiva di elementi per una lunghezza di 150 metri.



Daniel Buren, allestimento della mostra *Diagonale pour un lieu avec bois, câbles et peinture*, 1986, (Grenoble, Le Magasin, Centre National d'Art Contemporain (CNAC-ADACS Paris))

In linea con una lunga riflessione condotta dall'artista fin dalla metà degli anni Sessanta sui limiti e le possibilità del linguaggio pittorico, questo intervento usò l'archetipo linguistico della cornice per innescare un ragionamento metafisico sulla pittura. In questo senso la mostra si ricollega ad altri interventi all'interno di contesti museali (*A partir de là...*, Mönchengladbach, Städtisches Museum, 1975; *Dominoes: A museum exhibition*, Hartford, Connecticut, Wadsworth Atheneum, 1977 e *The gallery as a periscope*, Alberta, Walter Phillips Gallery,

The Banff Centre, 1982). Se in questi casi, però, il confronto avveniva con le opere delle collezioni, questo intervento di Buren indirizzò lo sguardo dello spettatore non verso un'opera di pittura ma verso un altro strumento della visione come è, appunto, la finestra. Sotto questo aspetto la mostra suggerì di leggere la pittura (nella forma archetipale rappresentata dai motivi sospesi) come un meccanismo per vedere più che come rappresentazione di qualcosa.

LUCA CERIZZA

## — Dias, Cícero (dos Santos Dias, Cícero) / Escada, Pernambuco, 1907 - Parigi 2003

Artista brasiliano. La sua poetica mescola forti influenze indigene, europee e africane anche nelle opere più astratte. Trascorsa l'infanzia nelle fattorie dello zucchero, nel 1925 si iscrisse alla Escola Nacional de Belas Artes di Rio de Janeiro, dove realizzò la sua prima mostra personale (1927) e instaurò un dialogo con altri artisti e intellettuali modernisti, collaborando nel 1929 con la *Revista de Antropofagia*. Nel 1931 espose un lavoro di grande formato nel salone annuale della Escola Nacional de Belas Artes (noto come Salão Revolucionário): il suo pannello, intitolato *Eu vi o mundo... Ele conseguia no Recife*, misurava 12 m di lunghezza per 2 di altezza e scandalizzò il pubblico per la presenza di nudi femminili, inaccettabili per il tempo. A partire dal 1932 insegnò disegno a Recife e illustrò il lavoro di Gilberto Freyre (1900-1987) *Casa-grande e senzala* (1933; trad. it. *Padroni e schiavi*, 1965). Dopo essere stato

arrestato nel 1937 per motivi politici, decise di stabilirsi a Parigi. Durante questo periodo continuò a sviluppare un'arte che evocava, per colori e tipi, i suoi ricordi di paesaggi brasiliani. Arrestato dai nazisti nel 1942 e inviato a Baden-Baden, tornò clandestinamente in Francia, dove mantenne i contatti con Pablo Picasso (v.) e Paul Eluard (1895-1952); dal Portogallo, dove visse tra il 1943 e il 1945, inviò a Londra la poesia *Liberté* di Eluard, della quale centinaia di copie furono caricate sugli aerei britannici e lanciate dal cielo sulla Francia occupata. Ritornato a Parigi (1945), si unì al gruppo astrattista Espéce (v.). In un edificio pubblico di Recife, realizzò un murale considerato la prima opera astratta di questo genere in America Latina (1948). Nel 1965 venne onorato alla Bienal de São Paulo con una sala dedicata.



Cícero Dias, *Os sobrinhos do prof. Piccard*, 1920-28 (Museu-Luiz Lass)

RENATO PALUMBO DÓRIA

728

Verbetes dedicados à Cícero Dias, por Renato Palumbo Dória, na **ENCICLOPEDIA DELL'ARTE CONTEMPORANEA** (Istituto della Enciclopedia Italiana/ Istituto Treccani, Roma, 2021)

Em fevereiro de 2022 publiquei artigo onde pude trazer novos resultados da pesquisa abordada em meu livro de 2021, na revista cultural *O ESTADO DA ARTE: revista de cultura, artes e idéias* - artigo intitulado *História do ensino do desenho no Brasil* e acessível em [Renato Palumbo Dória, Autor em Estado da Arte \(estadao.com.br\)](http://estadao.com.br). Em março a revista da Asociación Aragonesa de Críticos de Arte (n.58 / marzo de 2022), na Espanha, publicou uma detalhada resenha sobre meu livro, de autoria do colega cubano Hamlet Fernandes Díaz, intitulada *ENTRE LO BELLO Y LO ÚTIL: una erudita investigación sobre manuales y prácticas de enseñanza del dibujo en Brasil - Reseña de la obra: Entre o belo e o útil: manuais e práticas do ensino do desenho no Brasil, de Renato Palumbo Doria* - disponível em [Asociación Aragonesa de Críticos de Arte \(aacadigital.com\)](http://aacadigital.com)

Ingressei também, no início de 2022, como docente permanente do Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES) da UFU e na Comissão de elaboração para um novo Programa de Pós-Graduação stricto-sensu em Artes. Programa em que pretendo orientar em acordo com as múltiplas possibilidades oferecidas por meu novo projeto de pesquisa - *História da arte, modos de usar: novos meios, práticas e modos de apresentação* – projeto de pesquisa que já tem me estimulado a algumas experiências novas, mesclando de modo mais sistemático o trabalho historiográfico com alguns procedimentos próprios da criação artística.

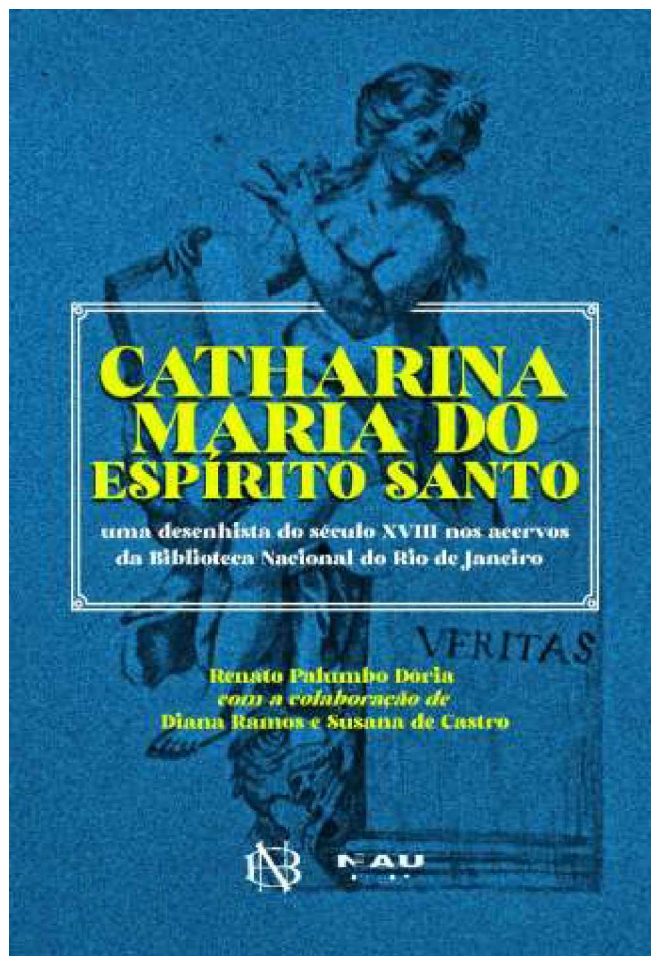
Em maio ingressei na Comissão Editorial do *Anuário TAREA*, publicação da Universidad Nacional de San Martín (UNSAM), na Argentina, voltada ao patrimônio cultural e aos campos das artes, estudos culturais e humanidades. Atualmente preparo uma Conferência sobre a história do ensino do desenho no Brasil para ser ministrada em agosto deste ano em Buenos Aires, por convite de colegas argentinos, no encontro internacional *HISTORIAS DE LA EDUCACIÓN ARTÍSTICA EN LATINOAMÉRICA (SIGLOS XIX-XX): Instituciones, agentes y archivos*<sup>68</sup>. Outra produção autoral em andamento é a publicação do livro intitulado *CATHARINA MARIA DO ESPÍRITO SANTO: uma desenhista do século XVIII nos acervos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. Obra realizada em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional e com a colaboração de Diana Ramos, Chefe de sua Seção de Iconografia, e Apresentação de Susana Castro, atual Presidenta

---

<sup>68</sup> Ver mais sobre em: [Historias de la educación artística en Latinoamérica \(Buenos Aires,17-19 Aug 22\) - ArtHist.net: Network for Art History / Archive](http://arthist.net)



da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) - livro hoje em fase de finalização gráfica pela NAU Editora, no Rio de Janeiro.



Projeto de Arlen Costa para a capa de *CATHARINA MARIA DO ESPÍRITO SANTO: uma desenhista do século XVIII nos acervos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* NAU Editora, Rio de Janeiro

## CONCLUSÕES:



Renato Palumbo: *A Lavadeira da Arte*, 2022. Colagem sobre papel

Espero ter conseguido expressar neste Memorial algo de uma experiência profissional que, embora multifacetada, foi sempre comprometida com a transformação social do meu país, e embora sejam difíceis, por vezes, os processos de avaliação docente, há indícios aqui que, sem serem quantificáveis, julgo significativos: já em 2022, um ano após o lançamento de *ENTRE O BELO E O ÚTIL: manuais e práticas do ensino do desenho no Brasil* (Campinas: Editora da Unicamp, 2021), encontrei a obra como referência bibliográfica de um Plano de Ensino para uma disciplina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), voltada às práticas do desenho<sup>69</sup>.

Talvez não tenha ficado patente aqui, até pela forma adotada neste Memorial, minha atuação regular na UFU como Orientador e membro de Bancas de Defesa, tanto de Trabalhos de Conclusão de Curso, de Iniciações Científicas e de Mestrados, o que pode ser verificado consultando-se o Repositório Institucional da Biblioteca Central da UFU, na qual constam mais de meia centena de resultados referentes a estes registros no endereço eletrônico [Repositório Institucional - Universidade Federal de Uberlândia](#):

---

<sup>69</sup> Ver em: [DES026-Topicos-em-Desenho Narrar desenhar-a-paisagem Rodrigo.pdf](#)

[Página de Busca \(ufu.br\)](#) - conjunto no qual destaco as seguintes orientações de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes do IARTE-UFU (algumas delas já mencionadas no corpo do texto): Dayane de Souza Justino: *Ruínas das cor: poéticas pictóricas do tempo*, 2011<sup>70</sup>; Arley Gomes Leite: *O sorriso da caveira: genealogia de uma representação da morte nas artes visuais*, 2012<sup>71</sup>; Maria Carolina Boaventura: *Para serem lembrados: lugares e caminhos do retrato em Uberlândia*, 2013<sup>72</sup>; Manoel Alves da Rocha Neto (*Fragmentos iconográficos de uma poética do abandono*, 2016)<sup>73</sup>; Jesus Enrique Quintero: *Jesus, presença em ausência: autorretrato como gênero expandido*, 2018<sup>74</sup>; e Paulo Ferreira de Carvalho Neto: *Corpo trajado: liberdade em Flávio de Carvalho*, 2019<sup>75</sup>.

Foram também inúmeras, no período relatado, a realização de atividades que são correntes na atividade docente, como a elaboração de Pareceres de variados tipos (internos e externos)<sup>76</sup>, a participação em Comissões de Seleção e de Avaliação, Conselhos Editoriais, Bancas de Concurso, além dos eventos acadêmicos que organizei e de uma série de outros afazeres, tais como ser membro ativo da Área de Artes Visuais, do Colegiado e Núcleo Docente Estruturante do Curso de Artes Visuais, com suas respectivas reuniões e deliberações - atividades que, essenciais no cotidiano docente, não foram destacadas neste memorial.

Apesar assim de algumas inevitáveis lacunas, penso que o presente Memorial permite, por sua forma e informações nele contidas, uma visão geral mas também minuciosa de minha trajetória, em um contexto no qual as métricas avaliativas convencionais vem sendo aperfeiçoadas, buscando critérios que, sem abrir mão de dados objetivos, levem em conta se os docentes a serem avaliados têm, por exemplo, boas práticas de ensino e se “[...]contribuíram com a trajetória de colegas e assistentes, compartilhando dados e produzindo artigos em coautoria”, com os profissionais sendo “[...]instados a fornecer uma narrativa estruturada sobre sua carreira, exprimindo sua

---

<sup>70</sup> <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/12285/1/d.pdf>

<sup>71</sup> <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/12291/1/d.pdf>

<sup>72</sup> <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/12333/1/ParaSeremLembrados.pdf>

<sup>73</sup> <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/12371/1/FragmentosIconograficosPoetica.pdf>

<sup>74</sup> <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/22760/1/JesusPresen%c3%a7aAus%c3%aancia.pdf>

<sup>75</sup> <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/25095/1/CorpoTrajadoLiberdade.pdf>

<sup>76</sup> Ver, por exemplo, menção a minha participação, em 2020, como parecerista da Revista de História da Arte e da Cultura da Unicamp: [Agradecimento aos Pareceristas de 2020 | Revista de História da Arte e da Cultura \(unicamp.br\)](#)

*contribuição individual, em vez de listar o volume de artigos e as citações que receberam”<sup>77</sup>.*

Cumpra registrar também que se passei apenas um ano à frente do Museu Universitário de Arte (MUnA), entre 2008 e 2009, participei seguidas vezes de seu Conselho Gestor, e desde 2021 venho trabalhando, junto de outros colegas em sua Comissão de Acervo - órgão responsável por elaborar suas políticas de aquisição e descarte, valorizando e dando visibilidade às suas coleções. Experiência museológica que pode ser somada à minha participação na Comissão de Arte Sacra da Diocese de Uberlândia, que acabou por estabelecer na cidade seu Museu de Artes Sacra, e também à minha participação nos esforços para o estabelecimento do Museu de Arte Negra idealizado por Abdias Nascimento - hoje com apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDS) e do qual consto como um dos fundadores em 2021<sup>78</sup>, quando passa a funcionar em parceria com Inhotim, em Brumadinho, Minas Gerais<sup>79</sup>.

No âmbito do Ensino de Graduação cumpre registrar que ao longo destes anos ministrei em geral Disciplinas de História da Arte obrigatórias nos primeiros períodos do Curso de Artes Visuais, o que sempre considerei positivo, apresentando aos estudantes, em seus começos na Universidade, um amplo repertório de questões e obras artísticas - repertório que os ajudaria em sua travessia acadêmica e, depois, em suas vidas profissionais. Fato que faz com que ao longo destes 16 anos, oferecendo o Curso de Artes Visuais classes no período integral e no período noturno, eu tenha ministrado aulas para um número muito elevado de alunos, sendo comum, mesmo agora enquanto escrevo esse Memorial, que eu tenha duas Turmas de Arte no Brasil com mais de 40 alunos em cada uma - além de ministrar, ao mesmo tempo, outras disciplinas menos concorridas.

Focalizando, porém, em minhas atividades como docente de *ARTE NO BRASIL*, busquei em sua Ficha de Disciplina e em minhas práticas gradativamente incorporar as contribuições estéticas e culturais de matrizes indígenas, africanas e populares - além de propor uma perspectiva descentralizada ao tema, a partir do exame de artistas e

---

<sup>77</sup> In *NOVAS RÉGUAS PARA MEDIR A QUALIDADE: Universidades e agências de fomento buscam e adotam métricas mais abrangentes para examinar o desempenho de pesquisadores*. Disponível em: [Novas réguas para medir a qualidade : Revista Pesquisa Fapesp](#)

<sup>78</sup> Ver em: [Amigos MAN - Museu de Arte Negra \(ipeafro.org.br\)](#)

<sup>79</sup> Ver em: [Inaugurações 2022 Maio - Inhotim](#)

experiências vistas como locais ou regionais. Vale registrar, neste âmbito, que por diversas vezes realizei aulas de ARTE NO BRASIL no Museu do Índio da própria UFU, espaço no qual alguns alunos do Curso de Artes Visuais realizaram, a partir deste contato inicial, estágios bastante produtivos - cumprindo salientar a preocupação, neste processo, de não se cair nas armadilhas da folclorização e da fetichização diante destes repertórios e questões, mas valorizando sempre os mais variados mecanismos de contextualização, mediação e participação<sup>80</sup>. Preocupei-me especialmente, em *ARTE NO BRASIL*, em encontrar formas mais efetivas de lidar com repertórios e iconografias já estabelecidas, contextualizando-as o melhor possível, para que não viessem a ocorrer mal-entendidos interpretativos graves, mas sim incorporando dialeticamente a própria visualidade contemporânea a esta discussão.



Skelton Araújo: *A Benção* (releitura de *A Redenção de Cam*), fevereiro de 2022  
Disponível em: <https://www.facebook.com/skelltons>

---

<sup>80</sup> Sobre este tema vale a pena ouvir a fala do crítico e curador paraguaio Tício Escobar na mesa-redonda *¿Arte/Artesanía?*, promovida pelo Museu de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), em 03 de junho de 2022, como parte da programação referente à exposição *Aó. Episodios textiles de las artes visuales en el Paraguay*, e disponível em: <https://youtu.be/kEFWc4rl70E>

Cada vez mais compreendi as aulas, neste sentido, como exercício permanente e renovado do que também podemos pensar como 'curadoria', na medida em que a seleção das imagens a serem trabalhadas, e a relação estabelecida entre elas, abre inúmeras chaves de interesse, interpretação e participação por parte do público de alunos. Aula-curadoria em que busquei praticar uma História da Arte e uma docência inclusivas e abertas permanentemente à outras temporalidades e sensibilidades culturais - acabando mesmo por criar, recentemente, a disciplina *Tópicos Especiais em História, Teoria e Crítica da Arte: ARTISTAS E MANIFESTAÇÕES LOCAIS E REGIONAIS NA HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL*<sup>81</sup>. Processo de aproximação com a cultura e estética regionais que se deu de modo orgânico e progressivo ao longo de um amplo arco de tempo, e por isso talvez não tenha ficado devidamente evidenciada neste memorial. Os resultados destas escolhas, porém, foram relevantes, com alunos que buscam realizar seus Trabalhos de Conclusão de Curso com temas relativos à Arte no Brasil, ou que incorporam de modo incisivo os temas e questões relativos à História da Arte no Brasil à sua própria produção artística - além do afluxo constante de alunos de outros Cursos da UFU, seja como alunos regulares ou ouvintes, às aulas de ARTE NO BRASIL.

Ainda sobre a disciplina *ARTISTAS E MANIFESTAÇÕES LOCAIS E REGIONAIS NA HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL*, já se percebem nela, também, possibilidades promissoras, na medida em que ela potencializa o contato direto dos alunos com experiências estéticas e culturais próximas às suas próprias realidades e vivências cotidianas, rompendo com os limites do espaço físico da Universidade e propondo a própria cidade como 'sala de aula expandida'<sup>82</sup>. Em maio de 2022 estivemos, por exemplo, visitando o Centro de Tecelagem de Uberlândia, cuja história e fundação remonta à atuação do artista Edmar de Almeida (Araxá, 1944) e à presença da própria arquiteta Lina Bo Bardi na cidade. Visita marcada pelas memórias compartilhadas pelas artesãs, em geral idosas, do local, sendo a arte têxtil um diálogo, de variadas maneiras, com as artes do texto, possuindo ambas suas linhas e tessituras, padrões e urdiduras - e servindo, têxteis e textos, para afetivamente guardar histórias.

---

<sup>81</sup> Tema que tem sido a muito anos abordado, com grande competência, pelo colega da UFU Marco Antônio Andrade Pasqualini.

<sup>82</sup> O crítico Frederico Morais (Belo Horizonte, 1936) foi um dos precursores, já na década de 1970, em pensar a cidade como museu e sala de aula expandida, especialmente quando atuou como Diretor do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.



Visita com alunos de *ARTISTAS E MANIFESTAÇÕES LOCAIS E REGIONAIS NA HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL* ao Centro de Tecelagem de Uberlândia, maio de 2022 (fotos de Luan Lourenço, 'Hopy')

Busquei assim explicar as motivações que me fizeram considerar apto a pleitear a presente Titulação, reiterando que distinto de um relatório, no qual preponderam dados objetivos e quantificáveis, quis apresentar aqui uma perspectiva significativa de minha trajetória docente - cuja variedade de atividades e produções, perspectivas e objetos de pesquisa considero positiva, contrapondo-se a frequente hiperespecialização

que ocorre na área. Trajetória que espero não encerrada, sendo a Titulação pretendida também possibilidade de olhar adiante e mapear novos caminhos.

Neste sentido vale ponderar, também, sobre o uso das imagens neste Memorial, pois se inicialmente pensei em utilizá-las de modo restritamente documental, para melhor contextualizar os apontamentos e acontecimentos descritos no texto, aos poucos fui compreendendo que este trato e uso das imagens não é apenas algo complementar, mas sim um traço constitutivo da trajetória docente aqui compartilhada, praticando tanto um ensino da história da arte centrado na seleção e exame comparativo de um vasto conjunto iconográfico quanto pesquisas igualmente atentas às imagens como objetos culturais e simbólicos complexos - tratando-se em grande medida de um 'pensar através das imagens'. Imagens que podem advir de extratos estéticos, históricos e sociais muito variados, mas que são percebidas de modo relacional, em suas interfaces, aproximações, contrastes e diferenças. O trato cotidiano com as imagens, deste modo, sejam as levantadas quanto as produzidas ao longo destes anos de docência, utilizadas tanto como objetos de análise quanto meios de compreensão de outras imagens e fenômenos, foram assim parte essencial dos processos e produções aqui mencionadas.

Declaro ainda que jamais fiz uso da Universidade e do trabalho dos colegas no atendimento de demandas pessoais, buscando sempre atuar colaborativamente, em parceria com os outros docentes e profissionais da Universidade, e sempre visando atender as necessidades dos estudantes e da própria instituição. Busca que julgo ter alcançado também em minhas atividades de gestão, nas quais sempre respeitei e valorizei o trabalho e os saberes das pessoas - o que talvez também se expresse nos muitos trabalhos que realizei em coautoria, de publicações a curadorias de exposições, apostando sempre nas potencialidades do trabalho coletivo, calcado na ética e na responsabilidade social: síntese do que há de mais importante na carreira docente. Neste âmbito cumpre destacar o respeito e apoio-mútuo que sempre pautou a relação com meus companheiros mais diretos no Curso, por serem também professores da área específica de Teoria, Crítica e História da Arte (o que nos obriga, constantemente, a ter que tomar decisões compartilhadas): Marco Antônio Pasqualini de Andrade, pioneiro neste trânsito entre São Paulo e Uberlândia, e Alexander Gaiotto Myoshi, que veio em nosso rastro - colegas que admiro como pesquisadores e seres humanos.



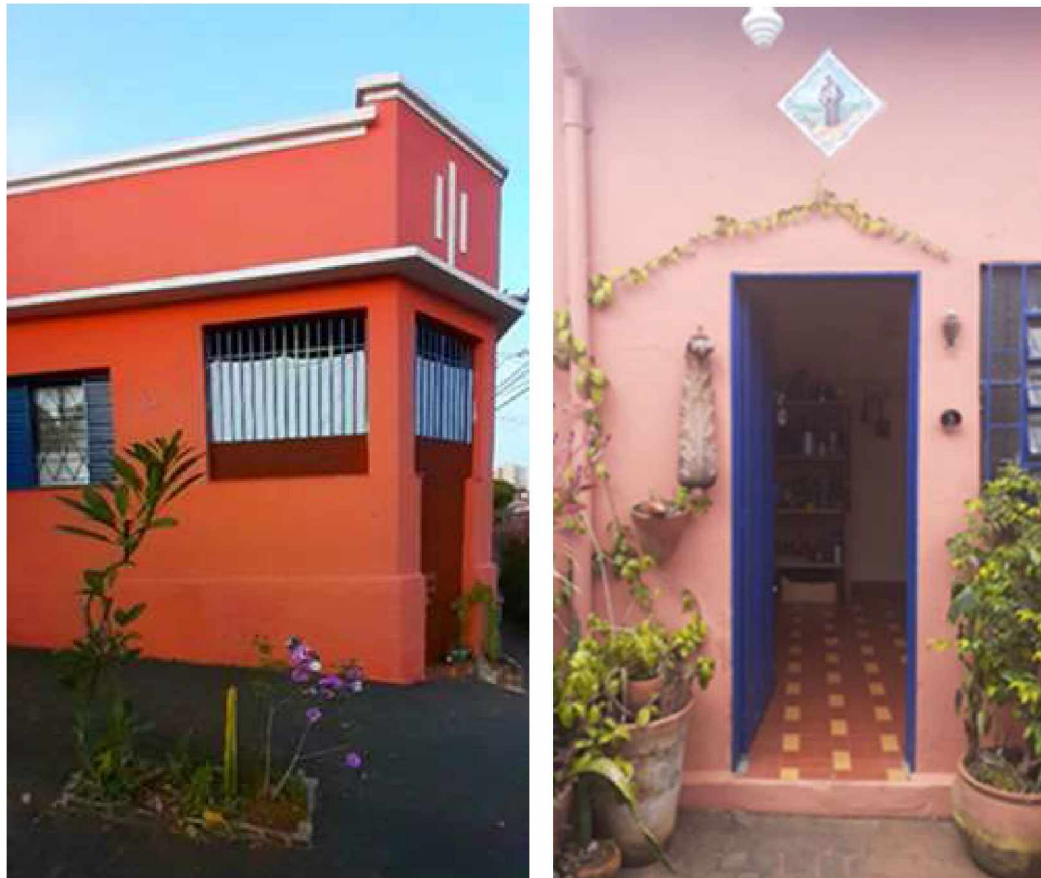
Apesar do presente texto ser um Memorial, o que aponta para um olhar sobre o passado e o já realizado, vale a pena nos situarmos aqui também diante de nosso presente imediato: segundo o Censo de Educação do Ensino Superior, divulgado em maio de 2022, registrou-se após 30 anos de crescimento uma diminuição nas matrículas nas Universidades Federais brasileiras!<sup>83</sup> Situação que materializa, entre outros fatores, o corte de verbas e a falta de apoio político que as IFES brasileiras vêm sofrendo sistematicamente, ao menos desde 2016. Apontando porém, mesmo diante destes dados, para a importância dos aspectos humanos, é interessante notarmos o contraste também hoje perceptível, especialmente após o auge da pandemia, entre a deterioração de alguns espaços físicos e equipamentos universitários do país, quase ruínas contemporâneas, e a extraordinária riqueza da presença na Universidade de uma grande e interessada variedade de jovens provenientes de extratos culturais e sociais diversificados - o que amplia nossa responsabilidade mas também nossa satisfação em, enquanto docentes, oferecermos-lhes uma educação transformadora, que abra-lhes novos caminhos e oportunidades em suas vidas.

Espero assim que este Memorial, seja qual for sua avaliação externa, e no qual busquei equilibrar o registro objetivo dos acontecimentos com minha percepção e sentimento em relação a eles, possa, abrindo-me novas perspectivas, guardar e transmitir algo destes 16 anos como professor do Curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Período de desafios e inquietações, mas, também, de aprendizagem e realização, pelo qual agradeço aos colegas, alunos e amigos da UFU e de fora dela, que me apoiaram e ajudaram nesta travessia. Acrescento, por fim, que a trajetória aqui apresentada não se pretende em nada modelar, mas que julgo ter o mérito de haver corrido os seus próprios riscos e cometido os seus próprios erros. Assim, se apesar dos nomadismos apontados - geográficos, temáticos e metodológicos, entre outros - comecei este relato mencionando o primeiro local em que morei em Uberlândia, conectando-o à uma tela de José Moraes (*Uberlândia, Mon Amour*, 1982) - local de onde via a paisagem ainda de longe e do alto, mesmo já buscando estabelecer vínculos com a região - encerro este Memorial, simbolicamente, com imagens de minha

---

<sup>83</sup> Ver mais em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/apos-30-anos-em-alta-matriculadas-em-universidades-federais-caem-pela-primeira-vez/>

atual moradia, ao pé do chão da região central de Uberlândia, expressando com elas uma relação estética, existencial e intelectual desejada, e que penso ter de fato construído nestes anos. Encruzilhada e local de passagem, mas também de bons encontros, à Uberlândia, especialmente, meu muito obrigado!



Residência na região central de Uberlândia - fachada e interior (fotos do autor)